

A ÚLTIMA TRANSMISSÃO



JUNZA UNNO

海野十三



ANDARILHO



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



A ÚLTIMA TRANSMISSÃO

JUZA UNNO

A ÚLTIMA TRANSMISSÃO

Tradução

Gustavo Terranova

[baseado na tradução para o inglês de J. D. Wisgo, de 2018]



Sumário

[Sobre o autor](#)

[O banho de música das 18 horas](#)

[O homem quadrimensional](#)

[A teoria da colonização planetária](#)

[A última transmissão](#)

[O intestino vivo](#)

[O mundo após mil anos](#)

[A misteriosa fenda espacial](#)

[Créditos](#)

Sobre o autor

A história da ficção científica na Europa e na América do Norte possui grandes expoentes literários, que marcaram esse gênero no mundo todo. Até o ano de 1920, já era uma realidade com escritores como Edgar Allan Poe, Júlio Verne e H. G. Wells. No Japão, apareceu para o público em 1900, por meio de histórias como as do autor Shunrō Oshikawa, consideradas de protoficção científica. No entanto, apenas no ano de 1928, o denominado “pai da ficção científica japonesa”, Juza Unno — pseudônimo sob qual Shōichi Sano ficou conhecido —, fez sua estreia no gênero e no universo literário na grande revista *Shinseinen*, com o conto *Denkifuro no kaishi jken**.

Juza Unno nasceu na província de Tokushima, no Japão, e graduou-se em engenharia elétrica pela Universidade de Waseda. Trabalhava no laboratório de Eletrotécnica do Ministério das Comunicações japonês e tinha a escrita como sua segunda profissão.

No início de sua carreira, o autor foi desencorajado, por seu editor e pela opinião do público, de escrever textos de ficção científica pura, gênero que ainda não estava consolidado no Japão. Por esse motivo, ele destinou sua carreira como escritor às histórias de detetive, que lhe permitiam maior flexibilidade na trama, e mesclou-as com aspectos da ficção científica, criando um estilo único. Nesse molde, Unno se tornou um dos escritores

mais populares da época, cujas obras encontraram um público entusiasmado, entre as gerações mais novas.

O banho de música das 18 horas, uma novela presente neste livro e publicada originalmente em 1937, expressa a angústia e dúvida do papel da ciência na primeira metade do século XX. Além disso, revela que Juza Unno não era um nacionalista sem reservas, e sim um intelectual preocupado, que percebia dualidades tanto no nacionalismo quanto na ciência. *O banho de música das 18 horas* é muitas vezes considerada pelos críticos como uma obra-prima antifascista do autor.

Entretanto, apesar do tom da novela, a carreira de Shōichi Sano mudou quando, no final de 1941, ele foi selecionado para ser correspondente militar em plena Segunda Guerra Mundial e, no ano seguinte, foi enviado às colônias nos mares ao sul do Japão. Na época, com 45 anos, o escritor estava debilitado por causa da tuberculose. Porém era irrecusável a solicitação de ajuda ao governo, visto que queria consolidar-se como autor de histórias militares e manter seu privilégio de escrever durante a guerra. Desse modo, Unno passou a escrever narrativas com propagandas nacionalistas, mas ainda mantendo o caráter científico em suas obras.

Durante suas viagens, Unno adoeceu, com uma febre tropical na ilha de Rabaul, e foi enviado de volta ao Japão. Após retornar ao seu país, o escritor confidenciou à sua esposa que o Japão estava perdendo a guerra para a ciência. Curiosamente, na época em que ele afirmou isso, em 1942, o exército japonês estava no auge do seu sucesso. No entanto, poucos anos depois, em 1945, duas cidades japonesas — Hiroshima e

Nagasaki — foram atingidas por duas bombas nucleares, encerrando a Segunda Guerra Mundial.

Shōichi Sano continuou a escrever sobre os perigos da ciência até a sua morte, no ano de 1949. Suas obras influenciaram a geração que ascendeu entre os anos de 1930 e 1940, além de outros posteriores a esse período — comumente chamado de “ficção científica clássica” —, com autores de quadrinhos japoneses como Leiji Matsumoto, criador do *Captain Harlock*, e o mundialmente famoso Osamu Tezuka, que tinha Juza Unno como herói de infância e inspiração para muitas de suas criações, incluindo o icônico *Astro Boy*, o menino-robô.

*. *O caso da misteriosa morte na banheira elétrica* [N. de E.]

O banho de música das 18 horas

Capítulo 1

Ao nascer do sol, o crepúsculo caiu sobre a Terra.

Sob o crepúsculo, o sinal das 18 horas comanda solenemente o coração da sua nação de um milhão de cidadãos.

— Oh, já são 18 horas!

— Hora do banho de música das 18 horas.

— Vamos lá, pessoal, e sentem-se rápido. Não se atrasem!

No setor Alishia, havia apenas três pessoas: o professor Kohak e os estudantes da faculdade Penn e Bara. Eles abriram a porta e correram pelo corredor azul um instante antes de ouvir o sinal.

No corredor, havia uma fileira de assentos feitos de um grosso metal prateado, torcido em espiral.

Cada um pulou em uma cadeira, onde estava escrito seu nome. Três janelas amarelas com formato circular se abriram no telhado e liberaram borrifos de um líquido amarelo nas pessoas abaixo. Maravilhosos e refrescantes borrifos.

Os três esperaram em silêncio pelo início do banho de música.

O professor Kohak era um homem de meia-idade. Ele estava vestido com roupas pretas, da mesma cor do seu longo cabelo, penteado para trás e bagunçado como se ele houvesse arrumado às pressas com as mãos. Uma compleição esguia completava sua estatura acima da média. Sua aparência possuía um toque de graciosidade e passava ao mesmo tempo a

impressão de uma paixão contida mas vigorosa, por trás da sua pele um pouco pálida. Com os cotovelos descansando nos joelhos, o professor sentou-se profundamente na cadeira espiral, como se estivesse imerso em pensamentos. Às vezes, suas pálpebras se moviam com o movimento dos olhos abaixo, talvez por estarem se contorcendo em agonia.

Penn era jovem, tinha quase a mesma idade de Bara. Com cuidado para evitar ser pego, ele esticou sua mão em direção à Bara, sentada ao seu lado, e encostou em suas nádegas.

Plaft.

A reprimenda de Bara não precisou de palavras, ela apenas estapeou a mão que a tocara.

As costas da mão de Penn ficaram vermelhas e inchadas. Mas, mesmo assim, continuou a tentar seduzi-la.

— Apenas mais duas horas — Bara gesticulou suavemente com a mão.

Mas a mão de Penn insistiu.

— Eu posso já ter partido daqui a duas horas. Então por favor, querida, apenas um pouco...

— Shh! O sinal de aviso já foi dado.

Uma voz irrompeu dos alto-falantes: “Está faltando alguém do setor Alishiro.”

Como se fosse ensaiado, todos olharam à direita, na direção do setor Alishiro. No mesmo momento, a porta se abriu e um homem se lançou pelo corredor. Em uma confusão, ele pulou como um sapo em seu assento.

— Oh, é o Paul — Penn disse com um engasgo.

— Aquele porco deve estar fazendo dissecações em si

mesmo de novo. Que homem indecente! — Bara disse e cuspiu, com nojo.

Uma luz roxa inundou o corredor.

Lentamente, professor Kohak ergueu sua cabeça.

— Certo, o banho de música está começando, levantem as mãos — o professor aconselhou seus dois alunos.

Logo que os três pares de mãos se levantaram, a música começou: o som quase inaudível emanou de algum lugar profundo da Terra, como um gemido.

— Maldita sinfonia 39, sugadora de almas! — Penn praguejou para si mesmo.

Transmitida através das cadeiras espirais, a Melodia Nacional n. 39 se intensificou aos poucos. O professor mantinha um olhar fixo e vazio; os olhos de Bara estavam fechados, seus lábios tremiam; Penn rangeu os dentes e sua testa suava muito.

A Melodia Nacional progrediu devagar, cozinhando os sistemas cerebrais dos cidadãos como um vapor escaldante. Gemidos semelhantes aos de bestas selvagens emergiram de vários lugares do longo corredor tingido de roxo, as paredes reverberaram de modo violento como se fossem atingidas por um canhão.

Presenciem o purgatório roxo!

O banho de música perseverou entre as vozes lamuriosas dos cidadãos. Trinta minutos depois, os raios de luz roxa começaram a se enfraquecer aos poucos, até que, no fim, um refrescante borrifo foi liberado das janelas circulares e desceu sobre as cabeças deles, assim como no início.

O banho de música chegou ao fim.

Como que despertados de um pesadelo, os cidadãos sentados nas cadeiras espirais espiaram o telhado e olharam vagamente ao redor.

— Ugh... O banho de música acabou.

— Ok, vamos embora daqui. Tem um monte de trabalho nos esperando na oficina.

— Sim, temos que compensar por aquela falta de ontem.

Os cidadãos, transbordando de energia, pularam para fora das suas cadeiras espirais. Com disposição e ânimo renovados, como costumava ser após cada banho musical, Penn e Bara seguiram o vívido professor Kohak e retornaram ao setor Alishia.

Capítulo 2

A ligação veio do setor Aloaa.

O professor Kohak se aproximou e apertou o botão no receptor. A tela tremeluziu, e na superfície, parecida com um espelho, surgiu o rosto do presidente Miruki envolto por uma grossa barba.

— Presidente Miruki, vida longa ao império! — o professor cumprimentou.

— Olá, professor, tenho um assunto para discutir com você, em particular — o homem barbudo falou.

O professor entendeu o recado e se virou, ordenando que Penn e Bara fossem para a oficina adjacente.

Os dois estudantes pegaram vários papéis da mesa, empurraram a porta e entraram na sala ao lado.

— Estou sozinho agora. Sobre o que se trata?

— Bem, eu gostaria de expressar o meu respeito por você, professor. Graças ao poder impressionante do banho de música, esta nação está sob o meu total controle. Ao fim de cada banho, é como se cada um dos cidadãos houvesse renascido. Todos se incendeiam com os mesmos ideais desta nação e estão prontos para se aplicarem com ardor aos seus deveres. Eles seguem o meu comando, sem exceção, quase como andróides. Até o criminoso mais perigoso e brutal é transformado em um cidadão modelo após 30 minutos de banho de música. Toda a minha nação está saudável. E tenho de agradecer a você, professor,

por esses cidadãos maravilhosos. Você tem o meu mais profundo respeito...

— Vossa Excelência, posso, com todo respeito, pedir que vá direto ao ponto?

— Oh, sim. — O homem barbudo balançou a cabeça. — Bem, estou ciente de que atualmente você está pesquisando sobre a construção de andróides, mas talvez seja melhor interromper esse projeto.

— Então você está ordenando que eu pare a pesquisa sobre andróides? Posso perguntar por quê?

— Você não consegue ver que, graças ao banho de música das 18 horas, meus cidadãos obtiveram mentes e corpos de aço? Cada um deles se tornou um ser humano ideal. Dito isso, existe mesmo uma razão para criar andróides? O custo da pesquisa sobre eles subiu até metade do orçamento nacional. Por que devemos gastar tanto dinheiro nesse projeto? Meu ponto é que, com nosso sistema do banho de música instaurado, não há motivo para a existência de andróides. Professor, o que acha disso?

— Eu entendo o que Vossa Excelência quer dizer. Por favor, permita-me pensar a respeito com mais calma.

— Sim, faça isso. Oh, quase me esqueci. Parece que minha esposa deseja vê-lo. Você poderia passar lá esta noite?

— Sim, Vossa Excelência. Eu a visitarei hoje, às 20 horas.

Na oficina da porta ao lado, Penn e Bara continuavam a calcular. Eles estavam tão envolvidos no trabalho que nem notavam a presença um do outro. Até mesmo ali, o efeito do banho de música era extraordinário. Nesta nação, a hora

imediate conseguinte ao banho de música era a mais preciosa, as tarefas mais importantes eram realizadas nesse curto período de tempo com uma habilidade sobre-humana. O escudo de defesa nacional, as provisões nutricionais e as bactérias misturadas, cada uma dessas coisas eram melhoradas ou redesenhadas nessa hora. Após seu fim, todos iriam realizar um trabalho que não requeria criatividade, divertir-se ou dormir. Além de transformar todos em gênios durante uma hora, forçava-lhes a seguir os firmes ideais da nação pelas 23 horas seguintes. O banho de música foi baseado no som da vibração dos tremores da Terra, da Central de Música, que se conectava com os cérebros humanos através das cadeiras de formato espiral, massageando as células cerebrais e transformando os cidadãos em magníficos indivíduos padronizados. Há pouco tempo, o banho de música passou a utilizar a Melodia Nacional n. 39 — uma melodia habilmente refinada, através de muitos testes, pelo professor e requisitada pelo presidente Miruki, designada com o propósito de criar o chamado “Modelo 39 de Indivíduos Padrões”. Esse modelo referia-se àqueles que cumpriam as 39 condições indicadas pelo presidente como necessárias à sua nação.

Uma exaustiva lista de todas as 39 condições será omitida aqui, mas para destacar algumas: ser leal ao presidente, possuir um espírito inflexível, não desejar álcool, não fumar, manter-se saudável com apenas quatro horas de sono e reconhecer o presidente ao ver sua barba. O presidente Miruki propôs algumas condições bem restritivas.

Quando o professor Kohak finalizou a Melodia Nacional n. 39, o presidente ficou extasiado. No início, a música fora testada nos

piores criminosos da nação que, de imediato, se tornaram os exatos cidadãos modelos desejados pelo presidente Miruki, e isso o chocou a ponto de quase desmaiar. Ele, portanto, ordenou que deixassem o bem-sucedido banho de música tocando através das ondas de rádio, para expor os cidadãos a ele, 24 horas por dia. No entanto, a ideia foi rejeitada por Kohak; ele objetou em razão de o banho de música, de maneira forçada, estimular em excesso as células cerebrais, e essa superexposição destruiriam-nas, levando à morte súbita. Por isso, as regulações limitam o banho de música para apenas 30 minutos por dia. Se fosse possível, o presidente estenderia a duração, de qualquer maneira, com o objetivo de capturar por completo as almas da população. Ele havia acabado de expressar ao professor sua alegria de ter cidadãos tão perfeitos, mas aquilo era apenas um elogio. Na realidade, as pessoas estavam em um contínuo estado de tensão durante o dia, longe de viver sem reclamações.

Capítulo 3

Já passava das 19 horas.

Falando em 19 horas, esse horário corresponde ao que costumávamos chamar de “7 horas da tarde” no modo antigo de falar sobre as horas. Nesta nação subterrânea, as pessoas viviam sob constante iluminação artificial, sem nenhum verdadeiro amanhecer ou crepúsculo; mas os languidos raios de luz solar continuavam a brilhar na superfície da Terra, servindo de terraço para a nação inteira. Nem mesmo uma borboleta sobrevoava a superfície. Como resultado de constantes guerras, bactérias e gases venenosos, um grande desastre ocorreu e resultou em um lugar desolado, desprovido de vida, incapaz de comportar até mesmo uma simples folha de grama. Os humanos sobreviventes, junto com um pequeno número de gado e parasitas, conseguiram escapar para o subterrâneo e preservar suas espécies.

Retornando ao assunto anterior sobre o que aconteceu após as 19 horas: Penn, do setor Alishia, e Paul, um fabricante de sapatos de Alishiro, engajaram em uma discussão acalorada enquanto lambiam o interior de um pote de mel em um quarto particular.

— Qual é, você não acha que é completamente ridículo?

Paul gesticulava expansivamente enquanto falava, tentando o seu melhor para convencer Penn.

— Bem, sim — disse Penn, uma expressão de perplexidade

apareceu em seu rosto.

— Isso é tudo o que tem a dizer, Penn? Nossa liberdade está sendo tomada de nós, nossa individualidade ignorada. Como seres humanos, nós queremos fumar tabaco. Nós queremos beber álcool. Mas o cuzão da Sua Excelência não quer que bebamos ou fumemos. Qual motivo temos para continuar a viver?

— Ei, mantenha a voz baixa! Não será bom se alguém nos ouvir.

— Nossa, relaxe. Se alguém nos ouvir, tenho certeza de que concordará com tudo o que dissermos. É claro, qualquer um que não seja um cordeiro ainda sob a influência da abominável 39ª Melodia.

— A propósito, Paul, parece que o amado banho de música do presidente não tem muito efeito sobre você.

— Claro que não! — Paul disse, desavergonhado, inflando seu peito. — O que estou prestes a dizer é da mais estrita confiança. Primeiro, encoste no meu traseiro por um momento.

Com os olhos brilhando de curiosidade, Penn fez o que ele disse e tocou na parte de trás das calças de Paul. E então ele sentiu algo com uma textura áspera, como uma lixa.

— Minha nossa, o que é isso? O que você pôs aí?

Paul riu.

— Você quer saber o que eu fiz? Isto é um atenuador de vibração, eu o desenvolvi durante um ano usando fibras reforçadas. Como você sabe, apenas uma pequena parte do banho de música entra pelos ouvidos; a maior parte vem do chão, entra no corpo através daquelas cadeiras espirais. Ao

colocar o atenuador de vibração nas minhas calças dessa maneira, posso reduzir muito as vibrações da 39ª Melodia transmitidas através da cadeira espiral. É por isso que aquela música devoradora de almas não me afeta.

— Hum, interessante. Você com certeza é um homem com brinquedos perigosos. Mas e se for descoberto?

— Se eu for descoberto, saberei que você falou mais do que devia. Agora escute. Se você ficar quieto, eu nunca serei descoberto. Eu sou muito bom em gemer para fingir que minha alma está sendo devorada por aquela música. Até seu profusamente. É provável que você não saiba disso, mas existem microfones escondidos na parte da frente dos assentos; todos as nossas lamúrias são transmitidas para a sala de observação do Departamento do primeiro-ministro. Todos os seus gemidos, um a um, são claramente monitorados. Se você se esquecer de gemer, um alarme irá soar. Eu nunca cometeria esse tipo de erro.

O olhar de desgosto no rosto de Penn aumentava a cada instante. Ele ficou chocado por um de seus amigos próximos ser um homem que estava descaradamente enganando o presidente Miruki — o lorde do mundo subterrâneo, juiz do bem e do mal. Por trás de todo governo formidável havia um opositor igualmente formidável. Penn percebeu que Paul não era o único agente desse crime. Enquanto conversavam, ele sentiu o anestésico efeito do banho de música desaparecer aos poucos; e sentiu que ele mesmo, assim como Paul, estava blasfemando o presidente Miruki.

— Ei, Paul. É melhor você ter cuidado com a Bara. Ela estava encrocando, te chamando de porco. Se ela acabar descobrindo

seu grande segredo, a coisa ficará feia.

— Penn, Bara é sua esposa. Contanto que você não faça besteira, não precisa temer que ela descubra.

— Mas Bara é como uma rosa, seus espinhos são afiados demais para que eu possa segurá-la em minhas mãos.

— Penn, para um homem, você com certeza se lamenta muito.

— Na verdade, estou pensando em desistir desse casamento. Estar casado com uma mulher como aquela suga a minha energia.

— Você está mesmo falando sério? Se você se divorciasse, tenho certeza de que conseguiria outra esposa. Você tem alguém em mente?

— Está de brincadeira? Não existe nenhuma garota boa o suficiente para mim. Ei, Paul, para ser sincero... eu acho que seria ótimo se você não fosse meu amigo, mas sim minha namorada.

— *Namorada?* — Paul piscou os olhos, boquiaberto. — Penn, você está falando sério?

— Se eu estou falando sério? É claro que estou. Por que você está me perguntando isso?

Paul agarrou a mão de Penn e, em silêncio, o conduziu para trás de uma divisória no canto da sala.

O som de roupas se misturando pôde ser ouvido. A camisa de Paul apareceu estendida no topo da divisória. Houve um tinido e um cinto caiu no chão.

Naquele momento, um grito assustado soou de trás da divisória; o grito de Penn suprimiu a voz de Paul tentando

acalmá-lo.

— Oh... Era sobre isto que ela falava, dos rumores sobre você dissecando o próprio corpo. É uma cirurgia. Você me enjoa!

Capítulo 4

Era exatamente 20 horas, como prometido.

Uma figura solitária estava parada em frente a uma porta no Setor Aloaa — um homem alto e bem-vestido.

“Senhora Miruki” podia ser lido na placa.

A porta se abriu sem emitir som algum.

Dentro estava uma parede de puro cetim branco. Parada em frente a ela, uma linda mulher, evocando uma escultura em relevo; do pescoço para baixo ela também vestia uma roupa igualmente branca, de cetim, colante — ou devemos chamar de um novo tipo de roupas de baixo, com a parte de cima e de baixo conectadas, estendendo-se até os pulsos e tornozelos debaixo de um vestido transparente solto, feito de um vidro muito fino e flexível que brilhava intensamente.

— Oh, professor Kohak, eu imagino.

O homem se ajoelhou e a reverenciou após ouvir sua voz pura.

— Eu juro lealdade a você, minha senhora.

A senhora Miruki riu com delicadeza e conduziu o professor a uma sala. Dentro dela havia um deslumbrante arranjo de decorações, coloridas em dourado e vermelho, do chão ao teto. Luxuosos utensílios de cristal preenchiam uma larga mesa de vidro no centro da sala; um jantar generoso preparado com antecedência. A mulher indicou ao professor que se sentasse na cadeira à frente dela.

No centro da mesa de vidro encontrava-se um objeto com formato semelhante a uma comprida estante de livros. Miruki apertou um botão, e uma correia transportadora no interior da estrutura começou a se mover verticalmente, como um elevador. Vários itens, como um licor envelhecido e pratos com aparência deliciosa, emergiram da mesa e foram mecanicamente colocados à sua frente. De modo automático, pratos usados eram levados pelo mecanismo até abaixo da mesa, desaparecendo de vista. Quando a mulher ergueu sua taça de vinho, de 1937, o professor também levantou a sua, como por instinto; quando ela pegou uma larva de vespa e a levou até a boca, ele a imitou. Eles conversaram entre as pausas nas mastigações.

— Professor, o banho de música criado por você produziu resultados incríveis. O próprio presidente Miruki está muito satisfeito. Você tem o meu mais profundo respeito.

O professor curvou a cabeça e permaneceu em silêncio.

— Dito isso... — ela disse, pausando para abaixar sua taça de vinho. — As contribuições do seu banho de música são tremendas, e ainda assim eu não posso deixar de me preocupar com os problemas que está causando.

O professor congelou, movendo apenas a sua boca em resposta. — Problemas?

— O banho de música é uma afronta à humanidade. A 39ª Melodia Nacional foi criada com base apenas nas condições de um governante egoísta. As pessoas são alteradas para serem propensas à manipulação mental, e ainda não há nenhuma consideração feita a respeito de se é sensato causar tal alteração em um ser humano. De fato, graças ao banho de música, a

população desta nação melhorou muito em diversas áreas, incluindo a condição física, produtividade e até na conduta. Mas, por outro lado, rejeitar as suas humanidades está causando um acúmulo tóxico de descontentamento no interior de seus corpos. Com esse acúmulo, dia e noite, as coisas inevitavelmente chegarão a um ponto de ruptura em um futuro próximo. Eu sinto que parte da população já percebeu esse acúmulo tóxico de descontentamento.

— Mesmo considerando que exista tal acumulação de descontentamento, o banho de música das 18 horas não deveria estar eliminando isso?

— Apenas parece que está, e talvez o elimine mesmo por um tempo, mas não o elimina para sempre. Um anestésico é, afinal, apenas um anestésico. Com certeza alguém tão sábio quanto você já percebeu isso.

— Senhora Miruki, eu sou um mero cientista que jurou lealdade ao presidente, e só ajo de acordo com suas ordens.

— Eu imploro, não fale mais. Você clama ser um mero cientista, mas inventa coisas como um androide ou o banho de música. Mas por que, oh, por que você é *apenas* um cientista? Você seria muito melhor como político. Você é uma figura tão distinta, nem mesmo o presidente está à sua altura.

— Você exagera, minha senhora. Eu sou apenas um cidadão que jurou lealdade ao presidente, um homem que se esforça para seguir suas ordens fielmente.

— Não pode ser. Você não pode imaginar quão melhor seria este país se você estivesse no controle ao invés de Miruki. Se você fosse nosso líder, eu mesma ficaria *imensuravelmente* feliz.

Agora, professor, encare-me e olhe-me nos olhos. Observe meus lábios trêmulos. Você é o único homem nesse mundo em que confio meu corpo e alma. Oh, professor, suplico que me segure, comande-me. Farei qualquer coisa por você. Como a linda esposa de Miruki, se eu falar uma única palavra na frente do povo, ele irá obedecer. Se eu declarar que você, professor Kohak, é o único homem que amo e respeito, e ordenar que a nação jure lealdade ao senhor, estou certa de que o um milhão de cidadãos irá obedecê-lo agora mesmo. Venha, vamos construir juntos uma nação melhor. Criaremos uma nação na qual colocaremos acima de tudo os desejos das pessoas — amor, luxúria e escolha pessoal. Professor, segure-me agora!

A senhora Miruki torceu seu corpo flexível ao se levantar de sua cadeira e atirou-se direto no colo de Kohak.

Capítulo 5

— Oh, professor, tem algo de errado com você? — a senhora Miruki ergueu a voz, preocupada, sobre o colo do professor.

O professor continuou a fitar, sem palavras, o vazio.

— Seu corpo é tão frio quanto um cadáver! Eu me sinto gelada, como se estivesse em cima de um bloco de gelo. Oh, que sensação desagradável! Eu me pergunto se você é mesmo um ser vivo.

O professor riu.

— Parece que estou vivo e morto ao mesmo tempo!

— Perdão, você poderia repetir isso? — ela disse, agarrando-se ao peito dele. Mas de repente a porta foi irrompida com violência, e um grupo de pessoas entrou, gritando. Entre eles estava o presidente Miruki e a grisalha secretária de Estado, madame Asari.

Em um piscar de olhos, a senhora Miruki saltou do colo do professor. Os grandes olhos esbugalhados do presidente Miruki se tornaram mais proeminentes do que sua barba, e ele balançou seus punhos como uma bola de aço enquanto se aproximava do professor.

— Que cena horrenda tenho diante dos meus olhos... As leis proíbem relações sexuais entre um plebeu e a esposa do presidente, eu nunca esperei tal visão. Não sei se você está ciente disso, mas esse horrendo ato de blasfêmia foi transmitido em tempo real para o país inteiro. Não apenas eu testemunhei;

toda a nação viu. Presumo que ambos estão conscientes das consequências de suas ações.

O professor permanecia imperturbável.

— Supondo que houve uma transmissão de TV enviada para todo o país, tudo o que eu disse neste quarto deve ter sido ouvido e entendido por todos. Isso sem dúvidas prova minha inocência.

Madame Asari, então, saiu de trás do presidente, seu rosto estava vermelho de ódio.

— É uma pena, professor, mas apenas suas ações foram exibidas na TV. O áudio da transmissão foi desligado, nem um pio saiu dos alto-falantes. Por isso, duvido que qualquer cidadão saiba o que você estava dizendo.

— O quê? Transmitir apenas nossas imagens, mas não as nossas vozes... Você quer que eu acredite em tal absurdo? Com todo respeito, Vossa Excelência, as regulações atuais obrigam que as transmissões de TV sejam acompanhadas por áudio.

A mudança no comportamento do professor Kohak foi drástica, comparado a minutos atrás.

A secretária de Estado riu sem pudor. — As leis são decididas pelo presidente. Se agora ele quisesse alterar a lei para não ser mais necessário a transmissão simultânea de imagem e áudio, sua objeção não teria mais importância alguma. Estou errada? É por isso que me sinto honrada em anunciar que a alteração dessa mesma cláusula foi promulgada hoje. Não é mais ilegal fazer transmissões apenas com imagens.

— Eu não irei permitir essa história forjada e depravada de uma suposta relação romântica entre a madame e eu! Qual o

motivo dessa calúnia, dessa fraude? Por favor, explique de uma vez.

De pé, o professor Kohak cuspiu as palavras como se cuspiisse fogo.

A cor logo desapareceu do rosto barbado do presidente, mas ele ainda assim deu a ordem, com a voz trêmula.

— Nada disso importa. Secretária Asari, os dois devem ser executados, como eu já havia decretado. Imediatamente!

Após essa declaração, ele saiu veloz do quarto, logo depois de madame Asari, fechando a porta atrás de si.

A senhora Miruki estava de costas para a parede e, silenciosa, assistia a tudo. Ela tentou escapar do quarto, jogando-se contra a porta, em choque pelo que acabara de acontecer, mas ela, como um muro de aço sólido, não se moveu nem um centímetro.

— Por favor, abra a porta! O que você está tentando fazer comigo? Presidente, não era assim que as coisas deveriam acontecer!

A senhora Miruki bateu na porta de modo frenético. Depois, pressionou o botão perto dela diversas vezes, mas ela não deu nenhum sinal de movimento.

Naquele momento, um som sibilante — como de gás vazando de um cano — veio de algum lugar do quarto.

A mulher foi a primeira a identificar o que era esse som. Ela começou a apertar o próprio pescoço com violência.

— Não é possível, isso é gás venenoso! Por que você quer *me* matar? Ugh... por favor abra a... abra a porta.

Com um leve sibilo, o gás cinza e venenoso, concentrado

sobre o chão, rodopiava como névoa e subia cada vez mais alto. A área ao redor da traqueia da senhora Miruki logo se transformou em um carmesim profundo. Seus dedos ficaram vermelhos. Gotículas de sangue salpicaram a seda branca em seu peito. Pálida, ela arfava como um fole.

O professor Kohak permaneceu imóvel, como uma figura de argila no meio do gás acinzentado, alheio à agonia da mulher ao seu lado. Ele parecia estar perdido em pensamentos.

De repente, ele começou a se mover, correndo pela sala em círculos, como um esquilo, procurando por algo nas quatro paredes.

Graças a um receptor de TV, o interior do quarto podia ser claramente visto do lado de fora. No receptor montado na parede, via-se a senhora Miruki, em agonia. O professor continuou a correr em círculos, como se houvesse ficado insano.

Olhando atentos para o receptor da TV, estavam o presidente Miruki e a secretária de Estado, madame Asari. Eles assistiam ao desenrolar da cena no quarto, entusiasmados.

Mas logo eles perceberam que algo estava errado: o rosto do professor agora preenchia a tela da TV. A lente do transmissor havia, finalmente, sido descoberta. No instante seguinte, quando o professor levantou uma cadeira acima de sua cabeça, a imagem piscou e se apagou.

De pé na frente do receptor, ambos se revezavam na tentativa de trazer a imagem de volta, mas a tela não voltou a transmitir de novo. O dispositivo encontrado no interior da sala fora completamente destruído.

O presidente Miruki e a grisalha madame Asari se

entreolharam.

— Não podemos ver nada. O que devemos fazer?

— Não precisamos mais assistir. Está óbvio que os dois vão morrer aí dentro.

— Não tenho tanta certeza, madame.

— Eu não tenho dúvidas.

Assim que ela disse isso, um rugido ensurdecador veio do aposento onde o gás se espalhava.

Miruki exclamou, surpreso, cobrindo seus ouvidos. — O que está acontecendo lá?

— Presidente, rápido, vamos ver o que aconteceu. O professor pode ter quebrado a porta e escapado.

Mas a porta ainda estava intacta. Após discutir a respeito, eles decidiram tentar abrir a porta. Um guarda eletricista ligou a energia do local, para que a porta descesse devagar quando eles apertassem o botão.

Eles correram para dentro do quarto. Parecia que uma grande explosão havia acontecido, não sobrando nada das decorações luxuosas — um grande estado de ruína que doía nos olhos. Braços e pernas foram encontrados aos pedaços no chão. Quando a secretária entrou no quarto para pegar um dos membros, uma chama de repente envolveu o chão com um *vush*, como se esperasse pela chegada dos dois. Até mesmo a madame Asari — em geral, uma mulher forte e corajosa — ficou petrificada, sem saber como agir naquela situação. Os pedaços de corpos espalhados pelo piso desapareceram nas chamas.

Os corpos da senhora Miruki e do professor Kohak provavelmente se transformaram em fumaça, que já flutuava pelo

Setor Aloaa. Mas a fonte da explosão nunca foi encontrada. A única possibilidade que veio à mente deles foi que o professor carregava aquilo consigo. O presidente Miruki não foi capaz de encontrar uma resposta satisfatória do motivo pelo qual Kohak preparou um explosivo e o ativou, suicidando-se no processo.

Capítulo 6

Nem em um milhão de anos, Penn e Bara poderiam ter imaginado o terrível destino do professor Kohak.

Bara contava piadas sujas para Penn no quarto dela. Mas logo a empolgação deles desapareceu como um tufão que desvanece em uma nuvem de névoa. Em meio ao tédio, suspiravam preguiçosamente.

Eles logo descobriram o motivo de as coisas parecerem tão enfadonhas.

— Esses dias você tem estado distante — disse Penn.

— Olha quem fala, não me culpe — Bara disse, atenciosa, esfregando a boneca de carícias pousada ao lado do seu travesseiro. Esse tipo de boneca era um item popular usado para estimular o sentido de tocar através do esfregar, descoberto havia pouco tempo como um prazer alternativo a fumar (o último sendo proibido por lei).

— Você se cansou de mim, não é?

— Bem, não sei... só tenho me sentido irritada. Não consigo entender o porquê, mas é como se uma dúvida persistente crescesse em mim a cada dia. Tenho um forte pressentimento de que estou perto de ficar mentalmente doente, porque meu corpo não aguenta mais.

— Agora que você mencionou, não posso dizer que não me sinto da mesma maneira. Então basicamente você se cansou de mim e se apaixonou por outra pessoa.

— Não, não tem nada a ver com isso. Talvez nem seja apenas de você que estou cansada, mas de todo mundo.

— Se você está cansada de todo mundo, está mesmo ferrada. Eu não sou assim, apesar de não poder afirmar que não odeio ninguém. Hoje mesmo eu disse ao Paul que ele me enoja. Ele é com certeza um homem indecente. Você estava certa.

— Certa sobre o quê?

— Você disse que ele estava dissecando o próprio corpo, não disse?

— Sério? Você está falando *desse* rumor?

— Esse mesmo. Paul operou seu próprio corpo. É por isso que ele me enoja. Mantenha isso entre nós... Ele está tentando mudar de gênero.

— O quê?! Mudar de gênero? Oh, talvez ele... Sim, conte-me mais.

— Não tem muito a dizer... Não é óbvio? Esse cara fez cirurgia para parar de ser um homem e quase completou a transição para mulher.

— Sério? Esse tipo de coisa é possível?

— Possível? Ele praticamente já alcançou seu objetivo. Tão nojento! Essa situação terrível é tudo por causa dos avanços na cirurgia VHF, que tornou a cirurgia em corpo humano tão fácil quanto fazer uma escultura.

— Em uma época em que até androides podem ser criados, claro que podemos fazer algo assim. Mas para um ser vivo mudar seu gênero, é necessária uma determinação de aço. Que ideia maravilhosa!

Por alguma razão, Bara de repente se levantou da cama e,

com o ânimo renovado, bateu em seu peito liso com seus braços corpulentos.

— O que há de errado com você? Por que está agindo assim?

— Penn exclamou, franzindo a testa.

— Oh, ele fez uma coisa tão maravilhosa. Paul se superou mesmo; aquele homem é bom demais para ser um fabricante de sapatos. Agora que você mencionou isso, não estou surpresa, afinal, para nós, cidadãos oprimidos, é a única escapatória; ou devo dizer, a única maneira de se rebelar contra o governo. Com o fumo e o consumo de bebida alcóolica proibidos, e com aquele banho de música torturador de alma, que tipo de liberdade sobrou? Graças aos avanços da medicina, nós adquirimos vida eterna e a preservação da juventude. A morte só acontece como um resultado da punição por um crime capital ou, então, suicídio, o último exigindo uma ingenuidade excepcional para ser realizado. Não existe necessidade de ter filhos, exceto quando uma ordem especial é dada pelo governo. Quando alguém recebe a pena de morte, o governo seleciona uma mulher para ser inseminada artificialmente; ela engravida de um único bebê e é admitida no Hospital Nacional da Reprodução para dar à luz a uma nova pessoa, repondo a perdida. Nos tempos ancestrais, o propósito do desejo sexual era a procriação, mas nos tempos atuais nós apenas temos desejos sexuais por ter. Na nação de Miruki, cada mínima liberdade é tomada de nós, salvo uma recém-descoberta independência e liberdade sexual. E mesmo assim, mesmo agora, nós não sabemos apreciar essa liberdade em um sentido real. Paul é, de fato, um homem sábio, o verdadeiro herói da nação. Ele fez do sexo um esporte e

descobriu uma maneira de escapar das limitações de gênero, tudo com o propósito de libertar a humanidade e pavimentar o caminho de um novo mundo livre. Eu não preciso mais ser mulher minha vida inteira, posso me tornar um homem. Se eu me transformasse em um homem, eu me pergunto se você ainda gostaria de mim.

Pego de surpresa pelo discurso apaixonado de Bara, Penn estava estupefato. Ele suspirou com seus lábios trêmulos ao falar.

— Você se tornando um homem, que coisa horrenda! Este relacionamento acabou. Agora está muito claro para mim, essa é mais uma coisa que veio para piorar ainda mais a minha vida.

Capítulo 7

Devido a uma ligação de emergência da madame Asari, a secretária de Estado, os estudantes Penn e Bara tiveram de deixar o aposento imediatamente. Eles receberam a notícia de que a secretária do presidente Miruki estaria visitando o setor Alishia dentro de cinco minutos. Desse modo, os dois logo se dirigiram para o expresso transportador e retornaram ao setor, bem a tempo.

— Não vejo o professor Kohak. Eu me pergunto o que aconteceu a ele.

— Hum, não tenho certeza. Já deu a hora marcada e ele não está aqui. Que estranho.

Eles não demoraram a notar a ausência do professor. Temendo a ira do presidente Miruki, perguntaram a várias pessoas sobre Kohak e averiguaram cada sala, mas não havia sinal dele em lugar algum.

— Você procurou dentro do armário do laboratório e debaixo das mesas também? — Penn perguntou.

— Claro que sim. Eu fiz o possível, mas não consegui encontrá-lo. E parece que ninguém sabe sobre ele.

— Ninguém? A quem você perguntou?

— Quem? — Bara riu. — *Todo mundo.*

Por alguma razão, a carranca de Bara se transformou em um sorriso esquisito.

Pouco depois, eles ouviram um tumulto do lado de fora que

interpretaram como indicativo da chegada da secretária.

Ambos se apressaram até a porta.

— Oh, é...

— Minha nossa, o presidente está...

Eles esperavam a chegada da secretária; no entanto, para sua grande surpresa, ela escoltava o próprio presidente, parado arrogantemente.

Madame Asari invadiu a sala e, desdenhosa, olhou para Penn e Bara. Depois, virou-se (embora não na direção de alguém em particular) e começou a falar.

— O professor Kohak, do setor Alishia, foi executado hoje, como punição na participação de um escândalo envolvendo a senhora Miruki. Portanto eu, secretária Asari, vou tomar conta deste setor por um tempo, em paralelo ao meu cargo atual. Ademais, Bara deve se tornar vice-chefe provisória. Isso é tudo.

Penn e Bara começaram a tremer como se levassem um choque; essa era a primeira vez que ouviam falar sobre a violenta morte do professor.

Era difícil de acreditar que qualquer escândalo poderia ocorrer entre o professor Kohak e a senhora Miruki. Ele ficava calado em seu laboratório e dedicava quase 24 horas do seu dia ao trabalho. Ele não teria tempo ou motivação para se envolver com tal coisa. Mas se ele estivesse, no que exatamente isso implicaria? Além disso, o professor Kohak era o número um da nação — ou melhor, o cientista mais famoso dali. Ele era o tesouro mais precioso da Nação Miruki. Sob a direção do presidente Miruki, o professor desenvolveu e construiu uma variedade de instalações culturais. Executá-lo equivalia a um ato

de suicídio por parte do Estado. Quem iria continuar o trabalho do professor agora que ele se foi? Que terrível e impensada sentença de morte. No futuro, o que seria dos androides que eles estiveram desenvolvendo, que já consumiram uma grande porção do orçamento nacional? Os pupilos do professor sentiram como se o chão houvesse cedido debaixo de seus pés.

— Portanto, vice-chefe madame Bara, eu ordeno que você acompanhe o presidente em uma inspeção completa do setor Alishia, onde o professor Kohak estava designado. Você deve começar essa tarefa agora.

Bara sentiu um toque de alegria ao ser chamada de vice-chefe, mesmo sem nenhuma vontade de conduzir o presidente através do setor Alishia.

Mas uma ordem era uma ordem. Ela não teve escolha, portanto começou a guiar o grupo que acompanhava o presidente Miruki por cada sala, começando pela oficina mais próxima.

Todo o setor Alishia ficava em um único andar, com um total de dezesseis salas de tamanhos variados. Mas o único intimamente familiarizado com as dezesseis salas era o professor Kohak; Bara conhecia nove delas e Penn, apenas seis. Todos os cidadãos do mesmo setor eram autorizados por lei para conhecer cada centímetro delas, porém o professor quebrou a convenção e restringiu o acesso aos laboratórios baseado no nível de autorização de cada um.

A inspeção das primeiras seis salas foi completada sem dificuldades. Para falar a verdade, eles encontraram coisas incomuns, mas nada muito impactante. Então Bara se virou para

o grupo e disse: — A partir da sétima sala, estão os laboratórios focados sobretudo na pesquisa secreta sobre andróides. Nós iremos encontrar coisas estranhas, estejam preparados... — alertou.

Eles entraram na sétima sala, onde se via muitas máquinas de larga escala, lado a lado como árvores em uma floresta. Todas elas continham um motor de decomposição nuclear alimentado por raios cósmicos artificiais. Suas unidades eram organizadas em 24 eixos, cada um conectado a vários cabos de energia, alimentados através de transformadores. Uma parede da sala estava coberta de cabos amontoados — parecia um tecido de malha visto através de um microscópio. A completa ausência de som deu uma grave impressão de estarem no fundo do oceano, tornando o ambiente perturbador.

Ao entrarem na oitava sala, um lugar que poderia ser chamado de museu de autómatos, encontraram armazenados espécimes utilizados como referência. Todas as variedades de autómatos criados pelo homem, a partir do século IV a.C., podiam ser vistos. Havia cerca de setecentos modelos: engenhocas parecidas com marionetes e guerreiros armados, até unidades controladas por rádio construídas com um interruptor eletromecânico, e modelos com uma extraordinária aparência quase humana, com pele artificial. Esses espécimes de autômato olhavam eterna e fixamente para o teto, com expressões estranhas em seus rostos, e o lugar estava abarrotado, como um salão de múmias.

Penn observava com os olhos arregalados, enquanto apertava as mãos, claramente desconfortável com a estranheza

dessas salas que ele via pela primeira vez.

— Esta é a nona sala. As coisas vão ficar um pouco barulhentas aqui — Bara disse, como se fosse uma guia turística.

O presidente Miruki e a secretária trocaram olhares ansiosos, mas um momento depois eles ergueram seus peitos e ombros, na tentativa de parecer corajosos frente à porta da nona sala.

Apesar de ter prometido guiar o grupo, por alguma razão, Bara hesitou em abrir a porta. A secretária Asari percebeu isso no mesmo instante e ficou histérica, como de costume.

— Perder tempo aqui é inútil. Abra essa sala agora mesmo! — madame Asari disse, enquanto encarava Bara.

Mesmo assim, a hesitação de Bara persistiu; ela pegou um lenço e passou em sua testa suada. Penn ficou preocupado quando viu o comportamento de Bara e se afastou da porta.

A face da secretária se avermelhou aos poucos, conforme a raiva borbulhava dentro dela.

— Então você não irá abrir a porta. Bem, se você não abrir, eu vou! Mas é bom se preparar para a punição.

Assim que a secretária estava prestes a abrir a porta, Bara pulou na frente dela.

— Isso... é perigoso. Por favor, pare. Se você a abrir agora, ela vai explodir!

Capítulo 8

Ao ouvir a palavra *explodir*, madame Asari sentiu um frio na espinha; aquilo acionou uma memória em sua mente de quando eles cruelmente tentaram assassinar o professor no quarto da senhora Miruki e uma inesperada explosão ocorreu, destruindo os corpos de ambos e espalhando os seus membros para todo lado. — Bem, não temos escolha. Irei abrir esta sala após acionar o sistema de segurança.

Com uma expressão desprovida de medo, como se houvesse aceitado seu destino, Bara discou três números na frente da porta. Três luzes-piloto piscaram em sucessão: verde, vermelho, amarelo. Logo a porta começou a se abrir, silenciosa. O temeroso grupo espiou o interior da sala, através da fresta crescente.

— A nona sala é onde o professor armazenou seus protótipos. Por favor, não encoste nas criaturas aí dentro.

Bara os conduziu, e eles entraram na sala com cuidado.

O grupo ficou abismado logo na primeira coisa que notaram: de tudo o que podia haver ali, uma mulher nua — inspecionando-lhes com os olhos — foi o que encontraram.

Ela aparentava ter cerca de 17 ou 18 anos de idade, exibindo um lindo corpo de um branco puro e brilhante, remetendo ao leite. Porém, acima de tudo, foi seu rosto encantador que chamou a atenção deles; pode procurar pelo mundo inteiro e você nunca verá uma mulher tão bonita. Algo nela era

reminiscente da Vênus de Milo, mas talvez fosse melhor dizer que ela mais se parecia com um anjo. Sem sentir vergonha alguma por seu corpo (que de fato não vestia nada), ela sorriu para o grupo.

— Que beleza incrível! — o presidente Miruki disse em voz alta, sem vergonha, com uma alegria lasciva. — Qual é o nome dela?

— O nome dado a ela é Annette — respondeu Bara pela jovem mulher.

— Então o nome dela é Annette. Esse é um bom nome, mas acredito que seria melhor dar a ela um nome agradável, que faça jus à sua aparência.

— Mas, Vossa Excelência, você não deve se confundir. Annette é um androide. Por favor, dê uma olhada minuciosa em seu corpo.

— O quê? Olhar o corpo dela?

O presidente Miruki abriu bem os olhos e analisou com calma o corpo de Annette.

— Ah, entendo.

Quando o presidente olhou para baixo, não pôde deixar de sorrir, porque havia descoberto a parte do corpo dela que estava incompleta, muito diferente de uma humana de verdade.

— Permita-me explicar. O que vocês veem habitando esta sala são todas criaturas experimentais, criadas pelo professor Kohak. Esse ser de quatro patas que parece com um leitão tem o corpo e o coração artificial, e o cérebro foi transplantado de um pastor alemão. Em seguida, temos um macaco com o cérebro de uma criança humana...

De pé, em frente às jaulas de arame, Bara descreveu as criaturas, uma a uma.

Era uma coleção de criaturas bizarras; nenhuma era normal. Algumas pareciam humanas. Uma delas era a parte de cima do corpo de um homem, imerso em um largo recipiente de vidro preenchido com um líquido amarelo. Ele segurava um tubo de vidro em sua boca com as duas mãos e bebia avidamente o líquido roxo que saía dali. Seguindo o tubo até a sua origem, adjunto havia um elaborado aparato químico, mas na entrada dele o líquido em seu interior era amarelo. Em resumo, o ciclo foi desenvolvido para que o líquido amarelo se transformasse no líquido roxo, e então de volta para amarelo assim que passasse pelo meio-corpo. Bara explicou que era um novo experimento focado em estudar ingestão nutricional.

Até mesmo durante as explicações de Bara o presidente Miruki parecia ansioso, distraído pela androide Annette. A secretária, madame Asari, não pôde ignorar o comportamento dele, e por causa disso seu rosto ficou pálido e seu corpo começou a tremer.

No entanto, o presidente Miruki não pareceu notar a reação da madame e se separou do grupo, retornando ao local em que Annette se encontrava.

— Adorável Annette, o que você está fazendo aqui?

Annette deu um sorriso largo, assim como uma mulher enlouquecida.

— Vossa Excelência — Bara abordou o presidente com um olhar de preocupação. — Annette é um protótipo, então ela só entende alguns códigos especiais. Ela não entende a língua

mirukiana.

— O quê? Ela não entende mirukiano? Que infortúnio — o presidente disse. Porém a atração que ele sentia por Annette apenas aumentou, sua beleza podia ser considerada enlouquecedora.

Naquele momento, a secretária rangeu os dentes, era visível o seu esforço para se conter, mas logo correu na direção de Annette. O rosto da secretária estava pálido; ela retirou uma faca de dentro de um bolso interno na parte superior de sua roupa e, segurando-a como um picador de gelo, moveu seu braço diretamente contra o coração de Annette. No entanto, no último segundo, Bara pulou no braço de madame Asari, arriscando a própria vida, e por pouco conseguiu proteger o androide. Contudo a secretária estava em um frenesi; mesmo Bara podia sentir a adrenalina.

— Secretária, o que está fazendo?

— Isso não é da sua conta! Eu tenho autoridade para matar esse androide, e vou!

— Por favor, não a mate.

— Por que você está interferindo? Pode ser errado matar um ser humano, mas o que há de tão errado em matar um androide? Só de olhar para essa mulher inútil me dá vontade de vomitar. Com a minha autoridade, *vou* matar Annette.

— Não, você não deve matar Annette! Desde que foi construída há várias semanas, ela tem protegido os protótipos desta sala. Ela tem falado conosco e nós nos tornamos amigas. Annette não é diferente de uma pessoa real. Matá-la é apenas... absurdo!

Bara segurou firme o braço da secretária, que tinha a faca em mãos e se recusava a soltar.

— Então você deseja se opor à secretária de Estado. Como queira, você não será perdoada!

— Por favor, madame Asari, eu imploro que reconsidere... E outra coisa, nós devemos proteger quem restou, porque o professor se foi e talvez nunca mais sejamos capazes de construir outros andróides. Isso seria a pior perda possível para a Nação Miruki!

— A pior perda possível? Que presunçosa... — madame Asari soltou um riso abafado. — Eu imagino que você tenha se apaixonado por esse andróide.

Bara ficou em silêncio.

Em um surto de raiva, a secretária puxou o cabelo de Bara e tentou arrastá-la para o chão. O presidente Miruki, perplexo com isso, vociferou.

— Espere, madame Asari. Pelo nome de Miruki, você está proibida de ferir esse andróide! Os andróides são produtos preciosos da pesquisa de nossa nação. Ao longo dos anos, gastei 80 bilhões de *rukul* nessa pesquisa. Você não pode matá-los. Agora, abaixe essa faca.

— Vossa Excelência — madame Asari disse, enquanto agarrava o colarinho do presidente. — Obedecerei à sua ordem. No entanto, prometa-me uma coisa, você nunca irá falar desses andróides inúteis como se eles fossem pessoas reais, porque não são.

— Sim, eu sei que não são. E você sabe mais do que ninguém que não tenho motivos escusos aqui.

Com isso, os olhos da secretária se estreitaram de repente e ela corou de vergonha.

No canto, Penn permaneceu sozinho, enojado pelo que havia acontecido.

“Que situação perturbadora. Bara se apaixonou pelo androide, e a secretária está tendo um caso com o presidente Miruki. Com tudo isso acontecendo, não há mais motivos para eu me segurar. Meu grande amigo Paul, o fabricante de sapatos, alterou seu corpo para se tornar uma mulher, e com certeza ele fez isso para poder ficar comigo. Certo, acho que está na hora de acertar as coisas com Paul.”

Capítulo 9

Na manhã seguinte, o presidente Miruki e a secretária Asari tomavam o café da manhã juntos.

Embora a secretária estivesse vestindo um pijama, o presidente estava com roupas normais.

— Vossa Excelência, eu tenho o conhecimento de que você deu uma escapada tarde da noite. Você não pode ter segredos comigo. Onde você foi?

— Não, eu apenas, bem...

— Não adianta tentar esconder coisas de mim. Um dos meus homens me disse que te avistou perto do setor Alishia.

— Você está dizendo que alguém *me* viu lá? — o presidente falou, seus olhos se abrindo.

— O que foi capaz de fazer você se levantar da cama, no meio da noite, e ter todo esse trabalho?

— O quê? Oh, não era nada de especial... Parece que você está confundindo as coisas, e eu não gosto nada disso. Ontem nós descobrimos algo no setor Alishia, não foi mesmo?

— Descobrimos o quê?

— Bem, foi mais ou menos... Hum, o que foi mesmo?... Ontem nós fomos checar o setor Alishia, mas só pudemos ver até a nona sala. Teve toda aquela confusão quando você tentou forçosamente abrir a porta da décima sala, mais um pouco e tudo explodiria. Mas não ser capaz de entrar nessas salas era uma evidência desagradável de que existem lugares nesta nação

onde meu poder absoluto não se estende. Com esse fato incômodo em mente, fui investigar se não havia mesmo nenhuma forma de abrir a porta.

— Nossa, você tem estado tão corajoso, não é? Então você conseguiu entrar na décima sala, como esperava?

— Não, eu falhei.

— Você deveria ter previsto que isso aconteceria. De todo modo, por que você ficou no setor Alishia até o amanhecer?

— O que você está insinuando? Eu estava apenas dando o meu melhor para abrir a porta.

— Sim, aposto que sim. Apenas não sei qual porta você estava tentando abrir.

Madame Asari virou-se em direção ao papagaio azul, em um poleiro de metal, e segurou um pedaço de carne em seu garfo.

Com uma velocidade cegante, o pássaro faminto abriu seu bico e abocanhou a carne. Mas um instante depois pôde-se ouvir o som de algo caindo no chão. O papagaio esfomeado deixou cair o precioso pedaço de carne no piso, sem hesitar.

— Ei, Pinto — o presidente chamou o pássaro pelo seu nome.
— Você não está se sentindo bem?

Madame Asari respondeu no lugar do papagaio. — Pinto está plenamente saudável. Ele está apenas dizendo que a carne nojenta dos andróides não é de seu agrado.

— Você disse *carne de andróide*?

O presidente Miruki saltou de sua cadeira, atordoado. Ele voltou seu olhar para os pés de madame Asari, onde estava uma grande pilha de pedaços amontoados de carne vermelha, em um grande prato de metal. O homem revelou um olhar perturbado ao

notar uma trilha de gotas de sangue, que iam do prato até algum lugar atrás das cortinas internas.

— Não posso acreditar! Você foi mesmo capaz?!

Miruki correu freneticamente até as cortinas e, no lado mais distante, descobriu uma pilha de máquinas complexas desmanteladas. Na beira da pilha havia o lindo rosto de uma mulher. Apesar de estar um pouco sem cor, ainda mantinha um sorriso brilhante, como se nada houvesse acontecido. Vendo isso, o presidente logo irrompeu em raiva, como um vulcão em erupção.

— P-por que você a matou? Por que matou Annette? Ah, sim, você devia estar com inveja da beleza dela, sua vadia! Eu lhe dei a mais estrita ordem de não matar andróides, e você desobedeceu sem hesitar. Secretária ou não, você nunca será perdoada por isso!

Madame Asari permaneceu sentada, tranquila, bebendo de seu copo. E então falou:

— Você pode sossegar? Eu fiz isso visando os interesses da nação. Pode imaginar que caos seria se a população descobrisse que o seu presidente estava obcecado por um andróide, ainda mais em um momento tão importante quanto este? Como eu disse antes, agora é a hora de tomar medidas emergenciais. Estou certa de que Vossa *Sábia*-Excelência entende isso.

O presidente não refutou os argumentos da madame Asari. Ele apenas se virou e resmungou em voz baixa para si mesmo.

— Eu sou apenas um prisioneiro; em uma cela sem grades, mas ainda assim um prisioneiro. Agora estou condenado a eternidade sem uma bela mulher...

Madame Asari fingiu não ouvir os resmungos do presidente. Casualmente ela o fez se sentar à mesa mais uma vez, como antes, e com paciência começou a discutir estratégias nacionais.

— A partir de hoje, presidente Miruki, nossa nação começará a realizar manobras de emergência.

— Manobras de emergência, de fato. E o que você sugere?

— Existe um suprimento ilimitado de ouro enterrado debaixo da nossa nação. Nós iremos minerar aquilo tudo em uma semana.

— Quem vai minerar? Minerar tudo aquilo em apenas uma semana... Para começar, nós não temos pessoas suficientes, nem mesmo a quantia necessária de máquinas.

— Isso não é desculpa. Apenas deixe comigo.

— Deixar com você? — o presidente fungou com desdém. — É óbvio que o seu plano irá falhar. Se o professor Kohak ainda estivesse vivo, estou certo de que ele conseguiria realizá-lo de um jeito magnífico. Você pode ser uma política, mas não é nenhuma cientista.

— Cientistas só são necessários no começo. Quando as coisas já se desenvolveram até certo ponto, a execução é o que se torna importante. E executar uma grande empreitada como essa exige ninguém menos do que políticos. A ciência nunca poderá governar, sempre será governada.

— Eu costumava pensar da mesma maneira, até ontem. Depois de encontrar Annette, a androide, comecei a duvidar se era verdade. Oh, linda Annette... Nas profundezas da décima sala do setor Alishia, talvez haja centenas, milhares de androides ainda mais belas do que ela. O poder da ciência é incomparável!

— Ouro reina sobre a ciência. Irei desenterrar o ouro abaixo de nós em uma semana e reconstruir esta nação com ele: estradas de ouro, salas de ouro, tetos de ouro, paredes de ouro; tudo de ouro. Que plano fantástico, você não acha? Nossa nação irá dominar o mundo com o ouro!

— Dominar o mundo? Para isso é preciso de ferro, não de ouro. Ouro não pode vencer uma guerra.

— Eu discordo, com ouro suficiente haverá inúmeros países se oferecendo para defender nossa nação com ferro. Tudo o que é preciso é convidar o primeiro-ministro de um país a tentar começar uma guerra conosco e prometer-lhe um quarto construído com ouro puro, e então guerras se tornarão coisas do passado.

— Duvido que seja tão simples. Estou longe de ser tão otimista quanto você.

No meio da conversa, eles ouviram um som delicado à distância — a melodia que já ouviram muitas vezes. O banho de música havia começado.

— Banho de música? É o banho de música das 18 horas — o presidente Miruki disse e piscou seus olhos, surpreso. — Espere um minuto. Ainda são 8 horas. O banho de música começou no horário errado. O que o responsável por isso está fazendo?

Madame Asari, sem medo, falou com o presidente como se estivesse dando bronca em uma criança pequena.

— Sim, é o banho de música. Eu mudei suas regras, e começarão a valer a partir de hoje. A partir de agora, ocorrerá a qualquer hora, doze vezes ao dia. Com isso, a eficiência das pessoas será multiplicada por doze. Dormir e comer não é mais

necessário. Após o banho de música, as pessoas estarão dispostas o suficiente para trabalhar por uma hora e meia sem descanso, assim como cavalos de tração. Depois disso, nós simplesmente lhes daremos um outro banho de música.

— Isso é muito imprudente. O professor Kohak nunca tentaria fazer algo assim.

— O professor Kohak era ardiloso por natureza, e foi por isso que ele, de propósito, limitou o banho de música para apenas uma vez ao dia. Caso contrário, ele seria forçado a trabalhar o dia inteiro. Eu já havia notado isso há um bom tempo. Apenas um verdadeiro político pode aumentar a produtividade em qualquer sentido real. É necessário políticos no controle para trazer à tona o verdadeiro poder da ciência.

Naquele momento, o presidente Miruki ouviu claramente seus cidadãos arfarem em angústia, o som aumentava cada vez mais conforme o banho de música progredia.

Capítulo 10

A passos pesados, o presidente Miruki andava em sua sala; sua mudança de humor desde o dia anterior era drástica, agora ele sustentava um profundo semblante sombrio.

Sentada em frente à mesa de maquiagem elétrica, a secretária massageava suas glândulas secretoras repetidamente com as ondas de rádio, ao mesmo tempo em que insistia em conversar com o presidente.

— Vossa Excelência ainda irá me agradecer por isso. Você pode não estar ciente disso, mas tem havido um aumento de atos indizíveis e vis assim que o efeito do banho de música acaba e as pessoas ficam entediadas; experimentos sexuais questionáveis acontecem, homens viram mulheres, e mulheres se tornam homens. Diante disso, não há como prever quão miseráveis seus espíritos irão se tornar. Vossa Excelência é muito leniente com eles. É uma tremenda perda de tempo permitir que eles durmam, comam, pensem e divirtam-se. Coisas assim apenas fazem com que eles fiquem entediados; não levam a lugar algum, servem apenas para desviá-los. Essa nova moda depravada é uma prova disso. Por esse motivo, modifiquei o banho de música para acontecer a qualquer hora do dia; ajuda o país e seu povo. Se ainda assim não notarmos um efeito satisfatório, gostaria de implementar o que eu considero ser o banho de música ideal: 24 horas por dia, sem parar. Só então poderemos comandar a nação inteira como uma unidade, todos

marchando juntos.

— Isso lhes roubaria cada fiapo de liberdade que ainda possuem. Certamente não há necessidade de ir tão longe.

— Eu discordo. Meu plano iria aumentar muito o bem-estar do povo, porque eliminaria todas as suas preocupações, de uma só vez.

— Eu me oponho a isso!

— Vossa Excelência, com todo respeito, você apenas se sente assim porque lhe falta capacidade para ser político. Você tem de fazer como estou dizendo, confiar em mim, uma política nata, com plena responsabilidade para governar este país. E então se demitirá. Isso trará a paz que almeja.

— Não seja idiota. Isso seria traição. Eu sou o governante eterno desta nação. Nunca irei cedê-la a você!

A secretária riu com desdém.

— Não importa o que diga, tenho você e essa nação na palma da minha mão. Agora eu sou o cérebro da nação. Você não tem escolha a não ser me conceder poder total.

Ela projetou seu rosto para cima e gargalhou sem pudor.

O presidente Miruki bateu o pé no chão, frustrado, finalmente percebendo que havia perdido ambos: sua amada, a bela senhora Miruki, e o sábio e venerável professor Kohak — tudo por causa do ardil da secretária. Mas se lamentar era inútil. Também ocorreu a ele a noção de que fora reduzido à condição de um brinquedo da madame Asari.

Depois de 30 minutos, o sinal de emergência disparou de repente, chacoalhando as fundações da Nação Miruki. O que pode ter acontecido?

As pessoas se reuniram em frente aos alto-falantes em uníssono, rostos pálidos de preocupação enquanto ouviam o estridente alarme, alto para alguns e baixo para outros. A mensagem veio de Hoshimi, o chefe da Divisão de Astronomia.

“Aviso! Este é um anúncio público da Divisão de Astronomia. Às 8 horas e 40 minutos, um membro da nossa equipe avistou um foguete espacial a 10 graus sudeste da Estrela Norte, e uma investigação mais aprofundada da nave determinou que com o seu curso atual ela colidirá com a Nação Miruki. O tempo estimado da chegada é depois de amanhã, às 23 horas.”

Um foguete de Marte! Um ataque dos marcianos fora adiado por vários anos. Esse temido ataque finalmente chegou.

A propósito, parece que uma onda de rádio, desconhecida à Secretaria de Transmissão, causou grande interferência em seus receptores nos últimos dez dias. Devia ser um sinal vindo do foguete marciano. A Divisão de Astronomia só agora detectou o foguete em seu telescópio digital.

— Se os marcianos viessem... — o professor Kohak uma vez declarou — não seria com intenções pacíficas. — Seus receios agora se manifestavam como um fato inegável, que não poderia ser ignorado. Qual seria o propósito desse ataque? As pessoas da Nação Miruki acharam que talvez fosse por causa da inesgotável camada de ouro enterrada abaixo deles. Não importa a era, aqueles que possuem riqueza, um dia, devem perecer por essa mesma riqueza.

Frente a uma crise nacional urgente, por necessidade, o conflito entre a secretária madame Asari e o presidente Miruki naturalmente se resolveu.

— Vossa Excelência, acredito que a negligência da Divisão de Astronomia, que fracassou em detectar a chegada do foguete de Marte, deve ser severamente punida.

— Nós podemos pensar nisso depois. Por enquanto, devemos fazê-los investigar com quais tipos de armas aquele foguete está equipado e nos enviar o relatório com as informações.

Enquanto os dois conversavam, uma notícia da Divisão de Astronomia chegou pelo tubo acústico. Era a voz do chefe de divisão, Hoshimi.

—... Qualquer investigação aprofundada será muito difícil de ser realizada. Sim, isso mesmo.

— O que está acontecendo? Estou começando a duvidar do seu patriotismo.

— Não, madame Asari, esse não é o problema. A equipe toda está inflamada com patriotismo, mas está muito eufórica. Eles tentam manipular os instrumentos, contudo ninguém consegue ficar calmo o suficiente para fazer uma observação precisa. Estão operando com apenas metade de sua eficiência normal.

— Os seres humanos são muito fracos! Bem, então por que você não faz essas observações por conta própria?

— Eu não estou em uma situação diferente da deles. É como se, por algum motivo, meu cérebro estivesse nebuloso.

— Nesse caso, acredito que devemos iniciar o banho de música mais uma vez.

— Não, madame, não vai funcionar, é o banho de música que está provocando isso.

— Merda! Eu me recuso a ouvir mais uma das suas desculpas. No momento em que você ou alguém da sua equipe

não cumprir as suas funções, irei demiti-lo.

— Madame Asari, se você quer me dar a pena de morte, assim como você deu ao professor Kohak, é melhor que faça agora. Seria melhor morrer do que me corromper ainda mais do que já me corrompi.

— Silêncio, Hoshimi. A partir de agora, você está dispensado do seu cargo como chefe e será encarcerado. Eu indico seu assistente Runami para o cargo de novo chefe da divisão.

— Runami? O coitado não será capaz de exercer essa função.

— Por que diz isso?

— Runami é um homem de mente e corpo fracos, ficou louco devido ao banho de música. Ele não apenas deixou de cumprir sua função, como está correndo enlouquecido, quebrando todo equipamento valioso que vê pela frente com uma chave de grifo, tudo isso enquanto canta o hino nacional a plenos pulmões. Incapaz de resistir ao banho de música, o pobre coitado enlouqueceu.

— Isso é impossível... Irei conferir agora mesmo, por conta própria. Você está apenas tentando me assustar com suas mentiras.

A ligação foi encerrada.

Logo, madame Asari começou a trocar de roupa.

O presidente Miruki abordou Asari com um olhar de preocupação. — Você não pode sair correndo para a Divisão de Astronomia agora. Se não dermos ordens o quanto antes aos esquadrões de bombardeio e de reconhecimento, para lidarem com esse foguete e se prepararem para o combate, será tarde

demais.

Madame Asari tinha um olhar desafiador, mas ainda assim ela parou de se arrumar e rapidamente fez uma ligação por telefone, para os líderes de esquadrão de reconhecimento e de bombardeio.

No entanto, não havia nenhum sinal deles na tela, apenas um muro podia ser visto.

— O que aconteceu com eles? — Miruki perguntou.

— Nada. Eles não estão lá porque o banho de música das 10 horas começou agora mesmo.

De fato, a melodia do banho de música podia ser ouvida, suave, a distância. Em conformidade com as regulações do banho de música, os dois líderes de esquadrão foram para o corredor e estavam sentados em seus respectivos assentos. Com seu rosto se distorcendo em raiva, o presidente Miruki falou.

— Maldição! Isso é um absurdo. Você quer mesmo que eles parem de se preparar para a batalha e passem por um banho de música? Ter cada membro dessa nação abandonando seus postos para se sentar no banho de música, é completamente inaceitável!

— Eu tenho que discordar. Se nós não fizermos isso, nunca seremos capazes de manipulá-los facilmente.

— Se o foguete marciano começar a lançar bombas de gás venenoso em nós, você irá pedir educadamente para que eles esperem que o banho de música da nossa nação acabe?

O presidente Miruki estava lívido.

Capítulo 11

Um anúncio declarou o término do banho de música, e a secretária logo convocou os líderes dos esquadrões de reconhecimento e de bombardeio para o tevê-fone. Seus rostos apareceram na tela, e eles estavam praticamente idênticos: grandes olhos esbugalhados e bochechas magras, arfando como se tivessem asma. A secretária ficou estarrecida — ela nunca os vira tão abatidos.

Os líderes dos esquadrões receberam ordens para começar a mobilização e preparar-se para o combate. Eles respeitosamente aceitaram as ordens, com seus rostos magros brilhando de lealdade. A secretária estava extremamente satisfeita, seu desânimo e raiva foram esquecidos em um instante.

— O que você acha, Vossa Excelência? Eu nunca os vi tocados por uma emoção tão profunda.

— Não estou muito confiante... Particularmente, eu não consigo mais olhar para as faces do meu povo.

— Vossa Excelência, você é sensível demais. Não se preocupe, apenas deixe nas mãos daqueles líderes leais, e tudo ficará bem.

Após quatro ou cinco minutos, o sinal do tevê-fone tocou e os rostos dos líderes de esquadrão apareceram mais uma vez na tela. A exaustão em seus rostos era óbvia; como se eles tivessem envelhecido cinco ou seis anos durante o curto tempo decorrido.

Os líderes contaram que eles emitiram uma convocação de emergência para os soldados. Então revelaram um fato chocante do que aconteceu a seguir. —... Apesar dos espíritos inflamados dos soldados, eles estavam todos com a saúde prejudicada, não havia um único indivíduo apto ao combate.

A princípio, a secretária não conseguiu acreditar. Mas após uma série de questionamentos, ela não teve escolha a não ser aceitar a realidade de má vontade — todos os soldados foram muito afetados pelo banho de música: alguns enlouqueceram, ou quase; outros perderam um quinto do seu peso corporal em apenas um dia ou então seus órgãos vitais ficaram gravemente enfermos. O resultado foi um estado de aniquilação completa do esquadrão de reconhecimento e o de bombardeio (cujo dever era expulsar o inimigo e proteger a nação), mesmo ainda não tendo entrado em combate. A Nação Miruki cometeu suicídio. Em apenas três horas, o banho de música de 24 horas regulamentado pela secretária causara uma devastação terrível à nação. As únicas duas pessoas que ainda estavam confortavelmente acomodados eram a madame Asari e o presidente Miruki, não obrigados à exposição ao banho de música.

Durante esse período, anúncios continuavam a surgir da Divisão de Astronomia. Uma voz fraca informava sobre a aproximação do foguete marciano.

— O que aconteceu com essa nação?... — questionou o presidente Miruki, que já não fazia mais nenhum esforço para esconder seu desespero. Na tela, o líder de esquadrão respondeu.

— Se as coisas continuarem como estão, o foguete marciano se infiltrará sem dificuldades na Nação Miruki. Se nós tivéssemos pelo menos cem soldados, nós poderíamos proteger a capital, pelo menos por um tempo. Mesmo cinquenta soldados poderiam fazer uma diferença, mas meu esquadrão atualmente está... Argghhh!

A secretária, ao ouvir isso, sentiu sua sobrancelha tremer assim que se lembrou de algo importante.

— A-há, ainda temos o último recurso! — ela gritou.

— Último recurso?

— Sim, último recurso. Derrubar a porta do setor Alishia e assumir o controle dos androides escondidos lá pelo professor Kohak. Em seguida, dispô-los em combate.

— É claro, os androides! — o presidente Miruki disse e bateu palmas. Entretanto, o olhar de preocupação logo retornou ao seu rosto. — Mas será que existe mesmo uma coleção deles, fortes, como os que precisamos no setor Alishia? Além disso, aquela porta não abre de jeito nenhum. Os boatos são de que explodirá se forcarmos a entrada.

— Bem, isso ainda não foi confirmado, mas também temo a possibilidade de explodir. No entanto, irei abri-la, independentemente do que possa acontecer.

— Independentemente do que possa acontecer? — perguntou o líder de esquadrão, com as sobrancelhas franzidas.

Naquele momento, a secretária, tremendo de antecipação no meio do cômodo, de súbito deu uma ordem resoluta.

— Eu ordeno que o esquadrão de bombas vá para o setor Alishia e destrua a porta de uma vez por todas. O esquadrão de

reconhecimento deve aguardar na reserva até segunda ordem.

Na tela, as expressões dos dois líderes de esquadrão enrijeceram, como se fossem peixes fora d'água. O presidente Miruki lamuriou e se jogou no sofá de modo dramático.

De volta ao Setor Alishia, Penn e Bara pareciam duas pessoas muito diferentes, suas peles e ossos estavam semelhantes aos de múmias.

Penn estava desenhando um diagrama de um aparelho incompreensível no seu quadro de rabiscos, encharcado por uma baba constante que escorria dos seus lábios. Bara — agora um homem — trabalhava ruidosamente com a calculadora; empenhado em uma tarefa impensada de dividir um número indivisível até vários bilhões de casas decimais; às vezes, ele de repente chamava pelo nome da sua amada Annette, como se estivesse delirando de febre.

O esquadrão de bombas, de súbito, invadiu o setor Alishia (agora parecendo com uma instituição de deficientes mentais), e o grande grupo de soldados enfraquecidos e exaustos entrou. Assustados, Penn e Bara se espremeram contra a parede, assim como morcegos.

A partir do sinal do líder, eles começaram a atacar a décima porta. Um trabalho que requeria uma única pessoa para realizá-lo, agora exigia vinte pessoas. Eles morriam um após o outro, lamentavelmente agarrados ao maçarico. Até o menor esforço colocava um fim nos seus corações cansados.

No cômodo, o humor da secretária se deteriorava conforme ela recebia os relatos que chegavam a todo momento. Corpos continuavam a se empilhar do lado de fora da décima sala, e

após ouvir que a porta não podia ser aberta e os cadáveres não podiam mais ser movidos de lugar, ela deu a ordem para o esquadrão de reconhecimento avançar.

Mas o que se podia esperar de soldados que se encontravam muito enfermos?

Mesmo assim, finalmente conseguiram destruir a porta. Entretanto, uma vez que os heróis do esquadrão de reconhecimento descobriram uma porta reforçada atrás dela, eles caíram no chão como sacos de batata.

A secretária organizou o exército nacional e o ordenou que fosse até a décima porta. Em seguida, o esquadrão nacional secundário e o terciário foram enviados para ajudar. Ainda assim, a entrada da décima sala não se moveu.

O hino nacional era tocado continuamente com o objetivo de estimular as tropas, mas, ao exceder a dosagem ao máximo, só estimulou perdas de consciência improdutivas. No final, os únicos membros da Nação Miruki com qualquer força restante eram o presidente e a madame Asari.

Ainda assim, ela não deu qualquer sinal de enviar uma ordem cessando o ataque. Era como se estivesse possuída.

Por fim, os dois deixaram a sala e seguiram pelo corredor, em direção ao setor Alishia. Pela primeira vez, foram batizados pelo banho de música — uma sensação muito agradável. Mas, conforme o tempo progredia, seus cérebros eram cozidos passo a passo pela música acelerada; náusea, e outro sentimento desagradável, aos poucos se infiltrou em ambos. Eles praticamente tropeçaram ao longo da entrada do setor.

Ecoando no local, podiam ser ouvidos gritos de gelar o

sangue. Eles olharam em volta, horrorizados, e encontraram pilhas e mais pilhas de corpos. Mais ao fundo, a porta fechada parecia provocá-los.

— Vamos? — perguntou o presidente Miruki.

— Certo, aqui vamos nós — madame Asari respondeu.

— Vamos derrubar essa porta.

Até mesmo eles pareciam não entender o objetivo de abrir a porta. Queimando com a paixão dos mártires, os últimos sobreviventes da Nação Miruki correram impetuosamente em direção à porta de aço, seguindo as ordens que deram a si mesmos.

Naquele momento, havia uma sensação de que seus corpos estavam envoltos em faíscas amarelas. Isso foi o fim. Eles perderam a consciência — e em um piscar de olhos o lugar caiu em um silêncio sepulcral.

Mas se alguém escutasse atentamente, poderia ouvir um som estranho, como se algo estivesse se arrastando das profundezas da terra. Transmitido através de paredes grossas, o som se intensificou devagar, como se algo se erguesse do solo. Momentos depois, surgiu um som metálico, e a porta de ferro do décimo andar — muito semelhante a uma pedra inamovível — aos poucos começou a abrir, sem fazer barulho.

A figura que calmamente apareceu do outro lado da porta aberta da décima sala não era ninguém além do professor Kohak, um homem dado como morto. Uma estranha armadura, similar a um besouro, cobria seu corpo. Atrás dele, quinhentos androides, semelhantes à Annette, acompanhavam-no em silêncio.

O professor girou o primeiro marcador preso ao peito da sua armadura. Uma fraca chama vermelha se arqueou entre seus ombros quando a eletricidade foi descarregada; a distante melodia do banho de música da nação, de repente, foi interrompida em um piscar de olhos.

Em seguida, o professor ajustou o segundo marcador. O exército de andróides parados atrás dele começou a andar, passando por ele, em uma linha bem formada em frente à sala. Dois deles ficaram para trás, assumindo a posição de Penn e Bara. Cada andróide tomou um posto importante para substituir cada cidadão perdido da Nação Miruki.

O professor Kohak, então, ligou o terceiro marcador. Em resposta, uma leve melodia começou a soar.

Um pouco depois, o rosto de um andróide apareceu no telefone da sala. Ele virou-se para o professor e começou a falar:

— *A música decretada por lei foi completamente destruída. Em seu lugar, um banho de música para a humanidade começou.*

O professor assentiu em silêncio. O banho de música exaltava uma nova humanidade! Seria possível que essas enormes pilhas de corpos pudessem renascer em uma nova humanidade através do banho de música?

No entanto, os cadáveres, agora frios como lápides, permaneceram imóveis.

O professor entrou na sala de comando e, usando o gigante painel de controle dentro da sala, habilmente controlou os quinhentos andróides sem alma.

Um barulho alto, esganiçado, soou quando um canhão elétrico, nas mãos de um andróide, disparou bombas em

sucessão direcionadas ao foguete marciano.

Centenas de aeronaves de guerra subiram a superfície, em direção ao céu. No subterrâneo, montanhas de bombas de artilharia, bombas de gás venenoso e bombas desmagnetizantes foram fabricadas — tudo pelas mãos dos andróides.

O professor ouvia tranquilamente, extasiado pela melodia desse novo banho de música, o hino que exaltava a humanidade.

Uma música para a humanidade, executada para os cidadãos da Nação Miruki. Os cadáveres gelados? Ou estava sendo tocada para transplantar almas humanas para os lindos andróides do professor? Não, era um canto fúnebre, tocada para o único humano sobrevivente, o professor Kohak, que agora governava absoluto. Para ele, um homem muito inteligente, reviver as pilhas de corpos da Nação Miruki não era uma tarefa considerada difícil. Mas ele não tinha a menor intenção de fazer isso. Cientistas são — no fim — pessoas sem coração.

No fundo, o professor Kohak fez tudo isso para construir sua tão sonhada utopia, com ardor e convicção. Após se tornar o foco do artilheiro da secretária, ele moldou um andróide com sua aparência e ordenou sua autodestruição na sala do presidente Miruki. Ele fez isso por dois motivos: para dar início aos seus planos e para acobertar a existência do andróide que criara.

Imerso no novo banho de música, um hino para a nova humanidade, a emergente nação andróide de Kohak deu o primeiro passo para começar um novo mundo.

O homem quadrimensional

Caros leitores

Para qualquer um que considere absurdo o que estou prestes a relatar, encorajo-o a parar agora mesmo e não ler mais; é melhor pular essa parte e conferir outra história. Porque se você é o tipo de pessoa que gosta daquelas fábulas e contos viciantes que parecem reais, porém nunca poderiam ser — como, por exemplo, ser beijado nas ruas de Ginza por uma garota de cabelo encaracolado ou, de repente, balançar uma longa espada e cortar uma multidão de dezessete pessoas —, você não será capaz de apreciar o que estou prestes a contar, uma história que parece impossível, mas aconteceu, de fato. (Eu pretendia expressar isso de uma maneira mais direta; no entanto, como esta é apenas a introdução, vou me conter.)

Bem, considerando os leitores que chegaram até aqui, quase sempre os melhores, um grupo seletivo que entenderá de verdade meus sentimentos, talvez esteja na hora de me acalmar e começar a história — mesmo assim, não consigo abaixar minha guarda.

Voltando ao assunto em questão. Nos últimos um ou dois anos, tornei-me consciente de uma certa *estranheza* do meu corpo. Estou me referindo a um raro e incomum fenômeno, no qual meu corpo, às vezes, torna-se invisível aos outros. Sendo direto, ele parece desaparecer sem deixar rastro, como um fantasma.

“Que absurdo”, alguns leitores irão pensar. Para esses

leitores, digo: faça um favor a si mesmo e prive-se de ler mais. Ou então vocês ficarão enjoados; o absurdo só ficará milhares de vezes pior. Pare aqui para o seu próprio bem.

Bem, estimados leitores que permaneceram, vocês fizeram um trabalho incrível ao chegar até este ponto e em manter-se calmos. Vocês apenas podem ser descritos como *especiais*. Eu gostaria de guardar o nome de cada um dos seus honráveis nomes — mas ao escrever isso, alguém disse: “Chega de puxar nosso saco e vá direto ao ponto!” Ok, eu compreendo. Não vou ficar chateado com qualquer comentário dos meus melhores leitores.

Portanto gostaria de abordar isso com os meus amados leitores que permaneceram (no entanto, não posso deixar de ser cuidadoso).

Então como eu estava dizendo, nos últimos um ou dois anos, tornei-me consciente de uma certa estranheza em meu corpo. Por acaso, meu corpo irá, curiosamente, tornar-se completamente invisível aos outros.

Eu acredito que esse fenômeno misterioso não se limita a mim e existem outros entre a população com a mesma experiência. Talvez por serem muito mais sábios ou reservados do que eu, eles podem se passar como membros normais da sociedade, sem ter de revelar seus segredos. Aqueles que mantêm algum senso de normalidade em suas vidas estão certamente tentando evitar serem considerados monstros e atrair atenção, arruinando, assim, suas chances de encontrar um maravilhoso marido ou esposa de uma família respeitada. No entanto, em contraste com essas pessoas mais sensíveis, eu

sou, por natureza, indiferente a tais coisas e me expressarei com sinceridade sobre o assunto em questão, sem esconder nada.

É a minha intenção dar uma descrição detalhada das minhas próprias experiências, sem me preocupar com os assuntos dos outros. Gostaria de começar com a lembrança aterrorizante de quando, pela primeira vez, presenciei o *fenômeno do desaparecimento* do meu corpo.

Escrevi “lembrança aterrorizante”, no entanto, na superfície, o incidente estava longe de ser desse modo. Acontecera há dois verões, quando eu tinha voltado do trabalho e lavei o equivalente a um dia inteiro de suor na água fétida do chuveiro comunal do meu apartamento. Sentindo-me refrescado, vesti um bem-engomado *yukata* e saí para vagar nas ruas agitadas de Shinjuku. Por algum motivo, os seres humanos têm uma tendência de fazer as coisas mais irracionais. Isso não me interessa muito, mas, de qualquer modo, passei os olhos pelas numerosas barracas noturnas enquanto caminhava por ruas mal-iluminadas; assisti a um curto documentário, uma performance teatral, e finalizei bebendo um copo de café preto, em escassez ultimamente, saboreando o aroma, gole a gole, com movimentos deliberados, como um vídeo capturado em uma câmera de alta velocidade. Apesar de a agulha do relógio marcar 22 horas, quando eu saí não havia viva alma nas antes agitadas ruas — apesar de não ser precisa, essa é uma descrição adequada para a desolação do lugar —, o que me levou a acreditar que o horário real já devia ter passado da meia-noite. (A propósito, aquele relógio era digital. Para os leitores que duvidam da existência de uma loja onde você pode beber café preto até depois da meia-

noite, quero informá-los da existência de lojas de café subterrâneas. Se não acreditam em mim, será inútil continuar a leitura, vocês com certeza não acreditarão no relato que estou prestes a narrar.)

Devido à gradual eliminação de leitores, acredito que o momento de começar a parte principal da minha história finalmente chegou.

Colisão

Eu segui pela calçada vazia. Meu apartamento ficava no terceiro distrito de Totsuka, então, vindo de Shinjuku, o atalho mais curto me levou através da parte solitária dos campos de Toyama. Naquele dia, eu segui minha rotina usual e a mesma rota, mas isso me colocou em uma colisão direta com uma descoberta terrível.

Enquanto eu metodicamente apagava cada uma das luzes das ruas pelas quais eu caminhava¹, passei pela fachada de um estabelecimento comercial, com uma parede malfeita e desnivelada como uma gigante caixa de papelão jogada na rua, que fora misturada com o distrito varejista que dormia, quando eu me aproximei da entrada dos campos de Toyama.

Oh, campos de Toyama à noite! Era um lugar incrivelmente pacífico, conhecido por poucos. Carvalhos cobriam toda a região, serena como uma floresta intocada, e não havia pilhas de lixo, tratamento de esgoto, ou carrinhos de mão abandonado, para não mencionar tendas ou letreiros de neon. O que havia ali era, em sua maioria, barro junto aos carvalhos, pequenas ervas daninhas, caixas vazias de doce de caramelo e papéis farfalhando no solo. Era um lugar desolado; se isso fosse uma ópera, eu entraria com a música dramática, derrubaria uma cortina azul clara ao som de um violino e entoaria uma canção, mas infelizmente eu não tinha nenhuma dessas coisas preparadas — deixando apenas o som dos insetos zumbindo na

grama, enquanto a lua surgia entre as nuvens, a luz sedosa fluía como água, e os carvalhos realçavam uma imagem fraca dos seus troncos aos meus olhos. A lua surgiu, e a floresta se tornou mais brilhante.

Naquele momento, fiquei surpreso ao ver alguém aqui nos campos Toyama, estava certo de que era um lugar inabitado. De repente, pessoas surgiram das árvores. Havia dois: um jovem rapaz e uma moça.

Eles papeavam, animados, conforme se aproximavam de mim. Vê-los me irritou por algum motivo, estou certo de que vocês entendem como me senti. Para provocá-los, eu andei de propósito para uma direção em que ficaria no caminho deles. Esperei o jovem casal detectar a minha má intenção e ir embora. No entanto, não importava o quão próximo eu ficava, eles não faziam qualquer tentativa de ir embora. Isso só aumentou minha irritação.

Se eu continuasse a andar para frente dessa maneira, eu não teria outra escolha a não ser trombar com eles. O casal seguiu direto na minha direção, sem mudar o curso. Considerei desviar para evitá-los. Mas então me ocorreu: não havia nenhum motivo para *eu* evitá-los. Aqueles dois estavam realmente se divertindo; eu estava sozinho e não me divertia nem um pouco. Dado isso, era tão irrazoável para um casal sortudo ceder a mim, um cara *azarado*?

Semicerrei os olhos e investi impetuosamente contra eles.

“Cuidado!”

Meu corpo atingiu o jovem rapaz com um baque.

— Ai! — ele gemeu e cambaleou para trás. “Ele vai cair,

coitado”, pensei, mas estava enganado; o jovem plantou firmemente o pé no chão e recuperou o equilíbrio.

— Nossa, que estranho — murmurou o jovem. — Mas, como estava dizendo, eu disse ao meu tio: “Se isso não der certo...”

— Ei, o que aconteceu? Você quase caiu para trás — disse a moça.

— Sim, não sei por que, acho que perdi o equilíbrio. Mas não doeu nem nada... Então eu disse ao meu tio...

— Espere aí, isso foi muito estranho. Pareceu que você ficou tonto de repente.

— Calma, não é nada demais. Você sabe que eu tenho estado um pouco estressado...

O jovem casal conversava enquanto ia embora, e por um tempo eu fiquei sentado na grama, sem palavras, assistindo sua partida.

“Aqueles dois simplesmente não se importam... ou são insensíveis. São bem esquisitos! Estavam tão absortos na própria conversa que nem notaram quando trombei com eles. Mas espere um minuto. Tem algo de errado. É estranho que não me perceberam parado bem em frente a eles. Muito estranho.”

Continuei meu caminho através da floresta de carvalho, e o sentimento incômodo não me abandonou. A grama sob meus pés cintilavam à luz da lua, que descia através do topo das árvores.

Naquele momento, avistei outro casal na floresta.

“De fato, esta é uma noite de muitos casais!”

A depressão que tomou conta de mim logo se transformou em ressentimento.

“Já que estou aqui, posso também trombar com esses dois!”

Minha ânsia impura se tornou cada vez mais forte e difícil de ser suprimida, até que, por fim, corri na direção em que se encontravam, juntos, e colidi com eles. E o que vocês acham que aconteceu?

Eu fiquei mais surpreso do que o casal, como vocês podem imaginar após a experiência anterior.

— Ei, pare com isso, Matsushima!

— Quê? O que há de errado com você? Foi você que trombou comig...

Cada um acreditava que o outro havia feito algo. Não havia nenhum indicativo de que tinham consciência da minha presença, que agora estava atrás deles depois de ter escorregado por entre seus corpos.

Vendo isso, eu também não pude deixar de murmurar:

— Isso é estranho!

— Ei... tem mais alguém aqui.

— Não, não tem ninguém.

— Hum, você deve estar certo. Mas juro que ouvi alguém dizer “isso é estranho”, ou algo do tipo...

Eles me encaravam durante essa conversa; não preciso mencionar que não pareciam me notar.

Naquele instante, senti um calafrio percorrer a minha nuca — uma sensação terrível da qual ainda me lembro até hoje.

“Estranho... foi como se ninguém me notasse — nem esse casal, e nem aquele de antes. Como isso é possível?”

Um sentimento esquisito aos poucos tomou conta de mim. Meu coração dançava em meu peito. Acho que eu estava prestes

a perder a cabeça.

Senti-me culpado — e ao mesmo tempo aterrorizado —, ainda tentei a mesma coisa com um terceiro casal. E, mais uma vez, o resultado foi lamentável. Ninguém parecia notar minha existência; meu corpo era invisível para eles. Como pode algo tão lastimável e aterrorizante como isso continuar acontecendo?

Passei uma hora deitado na grama do campo de Toyama, sozinho e angustiado. Enquanto isso, as nuvens cobriram a lua, escurecendo tudo nas proximidades, então me levantei e retornei ao meu apartamento. Eu destranquei a porta, entrei no meu quarto e subi na minha cama. Dormi até amanhecer.

Como uma pessoa, por natureza, despreocupada, logo esqueci dos eventos aterrorizantes da noite anterior e, quando acordei, fui direto ao banheiro, com a escova de dentes e a toalha em mãos.

— Ei, você se levantou agora? Dormiu bem tarde, hein — uma voz disse para mim.

Tomei um susto e não respondi. Essa voz pertencia ao dr. Fujita, um fisiognomista. Havia rumores de que ele era residente deste prédio desde que foi construído.

— Que cara é essa? Você está parecendo um rato aflito com o rabo preso em uma ratoeira.

Dr. Fujita, como sempre, atingiu-me com suas ríspidas observações. Resisti bravamente para não perguntar: “Dr. Fujita, você consegue me ver?” Virei-me para olhar para trás. Queria checar se a observação do dr. Fujita era direcionada a outra pessoa, que poderia estar atrás de mim.

Após o ocorrido, fiquei muito aliviado com o que vi: não havia

ninguém atrás de mim. Eu podia ver claramente até o fim do corredor. Não havia ninguém lá, nem mesmo um gato.

— Ei, dr. Fujita. Parece que você está de bom humor, aposto que ganhou algum dinheiro ontem à noite — eu disse, rindo pela primeira vez em um longo tempo.

— Não apenas na noite passada! — Fujita disse e riu. — Parece que meus clientes gananciosos estão passando bem esses dias, dando gorjeta além do que cobro normalmente. Tempos extraordinários! — Ele gargalhou alto.

A risada de Fujita era impagável, pois dizia que meu corpo era inegavelmente visível. Graças ao dr. Fujita, isso foi provado sem sombra de dúvidas. Eu estava tão feliz que poderia morrer e ir para o céu.

A alegria! O alívio!

Entretanto, eu ainda não tinha explicação para aquela estranha ocorrência noturna nos campos de Toyama. Por que fiquei invisível para eles naquela noite em particular?

Eu discuti isso com meu bom amigo Shiraishi. Mas não contei como minha própria experiência, e sim como a de uma terceira pessoa, sobre a qual Shiraishi zombou e disse:

— Bem, isso é óbvio. Está errada a presunção de que o corpo dele (na verdade, o meu corpo) não estava visível.

— Por que você diz isso?

— Bem, da perspectiva de jovens casais se encontrando secretamente em um lugar como aquele, um homem desconhecido de repente trombar com eles é estranho, uma figura amedrontadora, então, seguindo a expressão “não bata palmas para maluco dançar”, eles simplesmente fingiram não o

ver. Esses casais sabiam que irritá-lo só iria piorar as coisas e causar um grande problema para eles.

— Hum, entendo. É simples assim — eu ri.

— O que há de tão engraçado? Você é um cara estranho.

Shiraishi me encarou com suspeita, mas eu não podia estar mais feliz.

Minha felicidade, infelizmente, não durou nem cinco dias. Em uma noite, no trajeto de Shinjuku para minha residência, enquanto entrava nos campos de Toyama, a mesma coisa aconteceu. Mais uma vez, minha existência fora ignorada.

O meu estado podia ser comparado à recorrência de uma doença terrível. As palavras de Shiraishi me mantiveram feliz durante pouco menos de três dias. Novamente, eu me encontrava envolto até a cabeça em uma infinita escuridão infernal. “O que está acontecendo comigo?” E pensar que o corpo de uma pessoa pode se tornar invisível por inteiro...

Não parecia haver nenhuma dissimulação da parte deles. Quando alguém não podia me ver, realmente não podia me ver. Isso me aterrorizava e, ao mesmo tempo, estimulava uma curiosidade secreta sobre o porquê de isso acontecer. Contudo a resposta não aparecia.

¹ No Japão, na época em que este conto foi escrito, havia cidades em que, após certo horário, os cidadãos eram obrigados a apagar as luzes das ruas conforme passavam por elas.

A teoria do nabo

Eu não tinha nenhuma vontade de contar minha história amaldiçoada a ninguém. Se tivesse feito isso, um dono de circo logo estaria atrás de mim, tentando me transformar em uma atração — “Rápido, aproximem-se e deem uma olhada! Pague apenas se gostar do que ver!”

— Ou não ver... Eu só queria ser normal.

Dito isso, eu não poderia apenas sentar e não fazer nada para resolver esse mistério, então perturbei o dr. Fujita para ler a minha sorte. Pensei que talvez ele pudesse descobrir algo incomum na minha estrutura facial.

Usando uma lupa que mostrava minhas rugas tão enormes quanto o rio Sumida, o dr. Fujita olhou para o meu rosto por tempo suficiente para cavar um buraco através dele. De repente, um olhar de surpresa apareceu em seu rosto e ele se inclinou para trás, como se estivesse amedrontado. Quando ele começou a falar, havia uma certa formalidade em sua voz:

— Hum, esta é a primeira vez que vi seu rosto de tão perto, mas, devo dizer, você tem características extremamente *únicas*. Fiquei bem surpreso.

— O que você quer dizer com *características únicas*? — eu perguntei, começando a sentir-me desconfortável.

Abandonando a sua habitual preguiça, dr. Fujita colocou as mãos de modo firme em seus joelhos.

— Dizem que, uma vez, muito tempo atrás, um dos meus

colegas sêniores lera o rosto do criado Tokichiro Kinoshita e previu que ele seria um senhor feudal. O meu colega ficara tão perplexo por sua própria previsão e desacreditado em presciência, que ele quebrou seus palitos de previsão² ali mesmo, jogou-os no rio e declarou que havia desistido da profissão. No fim, aquele Tokichiro Kinoshita acabou se tornando Toyotomi Hideyoshi, um grande senhor feudal, político e samurai. De qualquer modo, neste mesmo instante estou considerando vender minha lupa e meu livro místico de previsão de futuro para uma loja de penhores.

— Ei, não tente me assustar. De que diabos você está falando?

— Seu rosto. Ele possui uma combinação rara de características, encontrada apenas uma vez em um quatrilhão de anos ou até mais. Se minha leitura estiver correta, você não é um habitante desta realidade que estamos experienciando.

— Espere, o que você disse? Não estou entendendo nada.

— Nada está além da sua compreensão. Você, meu amigo, é um *ultraterrestre*.

— Ultraterrestre? Agora fiquei ainda mais confuso. Eu posso ser um ultraterrestre, mas estou diante de você, neste momento, no corpo de um respeitável japonês.

Após minha declaração arrogante, uma revelação perturbadora, causada pela lembrança daqueles eventos atemorizantes, surgiu em minha mente. Estremeci quando a memória daquela noite nos campos de Toyama — em que meu corpo aparentemente se tornou invisível — voltou a mim.

Dr. Fujita me ignorou e prosseguiu:

— Para ser direto, o que vejo de você agora não é nada além de uma fatia da sua verdadeira forma, vista de um certo ângulo. Digamos que eu tenha um nabo. Se eu fosse cortá-lo em alguma parte do meio, você veria apenas a forma de elipse da superfície cortada. E pensaria: “Oh, essa é uma succulenta e alva superfície em forma de elipse.” Mas aquela superfície branca não é nada além de uma pequena fatia do nabo. Similar ao que vejo de você agora, à minha frente, não é nada além de uma fatia da sua forma verdadeira. Sua verdadeira forma, como um nabo cuja única fatia branca está visível, é algo que transcende a imaginação.

— Eu não estou te entendendo.

— Pelo menos em teoria você me entende, não é? Agora considere isto. Em nosso mundo, tudo tem altura, largura e profundidade. Ou seja, três dimensões.

— Certo, nosso mundo é tridimensional.

— Agora, imagine que nosso mundo tenha apenas duas dimensões. Tem altura e largura, mas não tem profundidade. Um mundo como a superfície de uma água calma, um mundo geometricamente plano.

— Ok, um mundo bidimensional.

— Agora, digamos que nós mergulhemos com calma aquele nabo na água. A princípio, apenas a ponta quebraria a superfície do líquido. Nesse ponto de vista, no mundo bidimensional o nabo é apenas visível como um minúsculo ponto.

— Claro.

— Entretanto, conforme eu mergulho o nabo mais profundamente na água, a porção cruzando a superfície dela aos

poucos se expande para um círculo branco. No mundo bidimensional, o ponto parece crescer aos poucos para se tornar um círculo branco. Mas, assim que a parte das folhas atinge a água, o que até agora se parecia com um círculo branco de repente se transforma em uma dispersão de várias faixas verdes. Essas faixas estão se movendo continuamente, mudando de forma. Por fim, o ponto mais alto das folhas submerge na água, no mundo bidimensional não há nada mais para ser visto.

— Entendi. Que estranho.

— O que começou como um ponto branco logo se transformou em um largo disco branco, e então em uma dispersão de faixas verdes, até por fim desaparecer por completo. É como se fosse um fantasma para aquelas formas de vida do mundo bidimensional, mas para nós, no mundo tridimensional, é em sua essência nada além de um nabo penetrando a superfície calma da água, enquanto submerge aos poucos. No entanto, formas de vida bidimensionais não podem nem imaginar a forma do nabo que podemos ver. Aqueles no mundo bidimensional não têm a capacidade de perceber objetos tridimensionais.

— Uau, você é um cientista incrível.

— Isso mesmo. Fisiognomia é ciência. Mas voltando ao que eu estava dizendo. De acordo com a minha leitura, você não é um ser tridimensional, e sim *quadrimensional*. Você pode crer que algo tão absurdo nunca poderia acontecer, no entanto, é o que eu descobri por meio da leitura, então não sei mais o que lhe dizer. Na verdade, acho que vou desistir de fisiognomia. É uma farsa completa.

Minha única resposta a isso foi suspirar várias vezes. Eu estava atordoado pelas palavras do dr. Fujita. Porém me faltava energia para declarar dramaticamente que eu, assim como Tokichiro Kinoshita, seria muito bem-sucedido na vida, e que a leitura dele havia sido correta. Só pude lamentar, porque eu, dentre todas as pessoas, nasci como um ser humano amaldiçoado — ou devo dizer, forma de vida amaldiçoada. Ao mesmo tempo, veio-me a curiosidade de saber como seria minha forma verdadeira se eu fosse, de fato, um ser quadrimensional.

Desde então, vivo como um recluso. Parece que ainda há momentos em que meu corpo se torna invisível aos outros. Às vezes, alguém se choca contra mim, e, cada vez que isso acontece, digo a mim mesmo: “Lá vamos nós novamente.”

Eu fiz algumas pesquisas outro dia, mas não encontrei nenhuma informação sobre quem eram meus pais. Então eu sei que devo ter sido adotado. É por isso que não tenho como saber se nasci mesmo de um útero humano. De qualquer modo, não existe ninguém que tenha uma memória clara do seu nascimento. A certeza de que alguém veio do útero da mãe é uma concepção equivocada. Por consequência, suspeito da existência de um grande número de pessoas que também são quadrimensionais, assim como eu, vivendo despreocupados, ignorantes quanto às suas condições.

Essas pessoas devem ser extremamente cuidadosas. Sempre que alguém se chocar com você na rua ou em qualquer outro lugar, reflita sobre isso, mantenha em mente que você pode ser invisível para a outra pessoa — ou, talvez, até um corte transversal de um ser quadrimensional.

2. O termo “palitos de previsão” refere-se a dois tipos de palitos usados em previsão do futuro: *seichiku*, um grupo de cinquenta palitos de bambu, e *sanchi*, um grupo de seis palitos quadrados.

A teoria da colonização planetária

A entrevista

— Sr. Editor, antes de eu partir, quer que eu pergunte a ele mais alguma coisa?

— Não, acho que não. Apenas lembre-se, você está entrevistando uma figura conhecida, considerada excêntrica até mesmo nos círculos acadêmicos, então use sua beleza e *charme* para trazer um grande artigo. Se as coisas correrem bem, posso te dar aquele conversível que você tanto quer.

— Trato feito! Se você me comprar um conversível, serei capaz de me casar com o meu amor seis meses antes. Estou tão feliz!

— Ok, guarde a comemoração para mais tarde. Apresse-se e vá pegar aquela história! O táxi vai custar 50 sen.

— Por favor, em qual andar fica o laboratório de pesquisa do dr. Gorgonzola?

— Fica no 38° andar!

— Para o 38°, então, por favor.

— Ok, pessoal, vamos subir. Por favor, notifiquem-me imediatamente para qual andar desejam ir. Alguém vai para o segundo andar? Maquiagens, sapatos, bolsas e gravatas. Terceiro andar, roupas de algodão. Alguém vai descer aqui? O próximo é o quarto andar, produtos de seda, dos tipos *meisen* e *habutai*. Quinto andar, cafeteria. Em seguida, sexto e sétimo andar, e nós pularemos os próximos andares até a nossa última parada. Aqueles que desejam descer em um andar intermediário,

por favor, transfira-se para outro elevador. Alguém? Ok, este é o 38° andar. Todos para fora. Por favor, confirmem se não se esqueceram de alguma coisa. Obrigado por sua paciência.

“Que estranho, este é o terraço. Com certeza o laboratório do professor não é aqui. Oh, espere, posso ver uma placa com o seu nome ali. Parece com um ninho de cegonhas empoleirado no topo da Torre Eiffel. Ok, tenho de reunir coragem para escalar aquela escada de ferro, pelo meu amor à minha espera em algum lugar lá embaixo, por aquele conversível, pelo pagamento do artigo e pelo meu editor. Espero que as pessoas não se reúnam embaixo da escada enquanto eu estiver subindo. Vamos lá!”

Toc, toc.

— Professor Gorgonzola!

—...

— Professor Gorgonzola! Se você não me responder, irei cortar sua fiação elétrica com um alicate! Tem alguém em casa...?

— Quem se atreve a cometer tamanha imprudência?

— Professor, eu trouxe um convite.

— Uau, como você é bonita! Eu não preciso ver nenhum convite. Entre, entre!

— Eu nunca havia notado quão poderosa é a minha aparência. É um grande prazer conhecê-lo. A propósito, seu laboratório é muito estranho. Parece que você formou uma sala a partir de formas euclidianas e depois as cromou. Você acredita que os segredos do universo podem ser resolvidos com a geometria euclidiana?

— A curtas distâncias, sim.

— E que tipo de distância o seu último projeto envolve?

— Último projeto?

— Você sabe do que estou falando. É o assunto polêmico... sua “Teoria da Colonização Planetária.”

— Oh, então é por *isso* que você está aqui. Você sabia que há uma condição necessária para a colonização planetária?

— Não, professor, eu não sabia disso. Que tipo de condição?

— Não se preocupe, você entenderá no momento certo.

— Certo, podemos falar sobre isso mais tarde. Continuando, qual foi a sua inspiração para a teoria de colonização planetária?

— O mundo em que vivemos é tão minúsculo. Apenas isso.

— Você está dizendo que o mundo é minúsculo, até mesmo a região da Manchúria?

— A população irá aumentar até não sobrar mais espaço no planeta. Mas isso não é tudo. O desejo da nossa espécie de conhecer novos lugares. Nosso desejo de ter mais. A psicologia por trás de deixar passar dois ou três trens apenas para entrar em um que não esteja lotado. Está entendendo o que estou dizendo? É isso que nos fará colonizar outros planetas.

— Interessante. Então você está dizendo que a colonização planetária não irá ocorrer pela necessidade, mas pela ganância?

— Exato. Os seres humanos tentarão satisfazer qualquer desejo que sua habilidade permitir. Após conquistar tudo o que existe, pensaremos ainda mais alto e almejaremos coisas novas. Nossa ganância nunca cessará. A ciência é onipotente, mas, ao mesmo tempo, não é. Para ser claro, a ciência é onipotente em um sentido relativo, não no sentido absoluto. Matematicamente,

seria correto dizer que “a ciência é onipotente.”

— Perdão, não sou muito boa em filosofia.

— Não, não é boa em matemática avançada.

— De qualquer maneira, como a colonização planetária pode ser realizada?

— Existem muitas possibilidades. Não posso descrever todas agora, mas lhe contarei três ou quatro que são fáceis para um leigo entender. Primeiro, nós podemos conquistar a lua.

— Nossa!

— Nós podemos equipar um foguete — uma espaçonave veloz com formato de bala — com sistema de televisão e voar ao redor a lua, e a partir disso estudar a geografia do lugar através da transmissão de tevê em um monitor localizado na Terra. Essa técnica também pode ser aplicada para a colonização em outros planetas.

— Isso soa como reconhecimento aéreo.

— A seguir, o local de aterrissagem será definido, e planos serão feitos para os humanos sobreviverem após o pouso — coisas como comida, vestimenta e abrigo. Uma vez que o plano estiver completo, pessoas da Terra irão embarcar em um foguete e voar para a lua, pousando no lugar combinado.

— Isso parece que levaria muito tempo.

— Talvez, mas eventualmente levará apenas uma semana.

— O que irá acontecer depois disso?

— Adquirir energia é de suma importância. A energia irradiada pelo sol pode ser captada, e uma usina elétrica pode ser construída. Calor e luz vão ser gerados, e vários bens serão fabricados usando essa energia, cada vez mais, até que

eventualmente a lua esquentará por causa do enorme número de usinas elétricas, vapor e água se tornarão de fácil acesso, e talvez um ar respirável começará a flutuar acima da superfície, resultando em condições idênticas às da Terra.

— Entendo. Parece que será fácil.

— Conforme a Terra envelhece, ocorrerá a imigração para outros planetas próximos ao sol, como Vênus. Se as circunstâncias permitirem, nós até podemos aproximar a Terra de Vênus.

— Isso é possível mesmo?

— De fato, é possível. Tudo o que é preciso é criar um dispositivo que cancele a gravidade. Usando um cristal piezoelétrico — hoje em dia nós conseguimos criar alguns pequenos, mas logo maiores estarão disponíveis —, nós podemos ser capazes de estabelecer uma rota livre para a Terra.

— E o que seria uma rota livre?

— Isso quer dizer que a Terra não teria mais que orbitar ao redor do Sol. Assim como pegar um táxi, algum dia o planeta em que habitamos será capaz de se mover para qualquer lugar que quisermos ir no universo.

— Isso é incrível!

— No caminho, aqueles que se cansarem da Terra podem migrar livremente para planetas próximos.

— Mas os seres humanos dos outros planetas não acharão ruim?

— Sim, essa é uma preocupação. No entanto, de acordo com a minha teoria, é improvável isso se tornar um problema. Em primeiro lugar, ao longo de dez anos, acadêmicos ao redor do

mundo estiveram pesquisando ondas de rádio de outros planetas, e mesmo assim, nada, nem parecido com um sinal, foi descoberto. Isso é uma prova de que ninguém lá fora está tentando se comunicar com a Terra. Por outro lado, nós estamos constantemente transmitindo ondas curtas, UHF e VHF, enviando sinais que penetram a camada Kennelly-Heaviside e espalham-se pelo universo. Apesar de feitos para serem recebidos aqui, esses sinais também vazam para fora da atmosfera do planeta. Apenas considerando isso, está claro que nós, terráqueos, somos a forma mais avançada de vida.

— Até mesmo eu consigo entender isso.

— Em segundo lugar, a Terra nunca foi invadida por outras formas de vida vindas de outros astros. Em hipótese, se nós fôssemos viajar para outro planeta, iríamos com a intenção de matar todas as formas de vida lá. E mesmo assim, não recebemos nem mesmo um ataque extraterrestre. Isso também indica que não há seres mais avançados que nós no universo. Em termos gerais, os humanos são os senhores da criação.

— Nossa, professor, seu intelecto é mesmo magnífico...

— Veja, senhorita, nós ficaremos bem, por enquanto. Mas é incerto se nós conseguiremos manter nossa posição de dominância daqui a 20 mil anos. Até lá, uma forma superior de vida pode existir em algum outro planeta e partir para uma conquista espacial de larga escala.

— Que infortúnio.

— Se isso acontecer, guerras de larga escala na Terra com certeza cessarão. Afinal, nós teremos de nos defender dos ataques extraterrestres. É por isso que é melhor que comecemos

a colonizar planetas que pareçam promissores agora, para que, caso alguma coisa aconteça, estejamos em uma posição vantajosa para nos defender. De qualquer modo, muito mais rápido do que você pode imaginar, os humanos serão capazes de transformar esse vasto universo em algo parecido com um paraíso. Talvez leve 20 mil anos. Mas, se nós começarmos logo, poderemos atingir nosso objetivo um ou dois mil anos mais cedo.

— O que você quer dizer com “começar logo”?

— No mundo inteiro existem quinze pessoas pensando em enviar um foguete para outro planeta, e, dentre elas, apenas duas construíram, de fato, esse foguete.

— Nossa, as coisas realmente já estão nesse ponto? Isso é uma surpresa para mim.

— Você gostaria de dar um passeio em um desses foguetes?

— Acho que sim, professor.

— É mesmo? Então dê uma olhada para fora da janela.

— Minha nossa, professor. Parece que a Terra é do tamanho de uma bola de futebol, em algum lugar desse universo...

— Olhe mais de perto. A Terra está encolhendo rapidamente diante dos seus olhos!

— Oh, não, isso é terrível... Eu me sinto tão estranha...

— Ouça bem. Você consegue ouvir o ronco do motor, certo? Também há o som do gás sendo propelido do foguete.

— Então você está dizendo...

— Esse foguete está, agora, a 950 mil quilômetros de distância da Terra.

— Professor, pare de brincar. Por favor, retorne à Terra agora mesmo!

— Estive esperando uma jovem mulher, linda como você, entrar aqui comigo.

— Mas, professor, meu noivo...

— Os preparativos de decolagem do meu foguete já foram concluídos no 38° andar daquele prédio. O único elemento que restava para colonização interestelar era o essencial casal homem-mulher. Com a chegada da minha parceira, tudo estava em ordem para decolar. Bem, vamos procurar por algum planeta na constelação de Órion? Nele, você dará à luz a muitas crianças. Pode não estar feliz agora, mas em 200 mil anos, as coisas lá ficarão tão vivas quanto na Terra. Sim, que magnífica viagem temos pela frente!

— Sr. Editor, como você pôde! E Terra, como eu sinto sua falta...

A última transmissão

Receptor de difração modulada

— Quando o nosso planeta será destruído? De acordo com os cálculos dos astrônomos, o fim deste planeta será provocado por uma colisão com outro planeta, espalhando-o em pedaços que desaparecerão em uma cortina de fumaça — um evento que não deve ocorrer em bilhões de anos. Mas isso é uma mentira descarada; o momento da destruição do nosso mundo está próximo, daqui a apenas dez minutos! E eu falo sério...

Enquanto ouvia, Yukichi Amano inconscientemente se inclinou em direção ao receptor, apertando seus fones de ouvido firmemente com as mãos. Embora talvez fosse algum tipo de piada ou truque, era, todavia, algo muito estranho, visto que ele estava agora ouvindo a voz de uma forma de vida habitante de outro planeta; na verdade, às vezes até mesmo o inventor Yukichi tinha dúvidas se a incrível habilidade do receptor de difração modulada VHF, a culminação de todo o seu trabalho duro, era apenas uma invenção de sua imaginação.

No entanto, a inspiração para invenções (não necessariamente o receptor de difração modulada VHF) muitas vezes surge do mais trivial dos acasos, o que explica, em retrospecto, o motivo de até mesmo as maiores invenções não surpreenderem; pelo contrário, não há uma pessoa sequer que não se pergunte por que demorou tanto tempo para pensarem em uma ideia tão óbvia.

A invenção de Yukichi Amano foi inspirada por uma

coincidência; com a boca cheia de sushi de molusco, após ter de correr para um certo restaurante em Ginza para almoçar, ele olhou para uma fileira de bolos de peixe dispostos ordenadamente dentro da vitrine, e foi nesse momento que a ideia para a invenção surgiu em sua mente, como se um raio houvesse atingido um espelho e refletido nele. Ele imediatamente saltou de sua cadeira e esticou as mãos em direção à vitrine de bolos, assustando a atendente, enquanto proferia abruptamente:

— É isso! É isso!

Foi então que Yukichi tomou sua decisão. Sinalizou para um carro em movimento e ordenou ao motorista:

— Para Shinjuku, depressa!

O táxi rugiu, veloz, pela rua. Yukichi rapidamente fechou o teto do carro e trabalhou nos detalhes de sua nova ideia pelos dez minutos seguintes, seus olhos se moviam freneticamente pelo interior do carro, até que ele ganhou certa confiança nela.

No fim, ele construiu o receptor de difração modulada VHF, baseado em dois princípios fundamentais: como os sinais VHF com um comprimento de onda de 16 metros são mais suscetíveis a penetrarem na camada condutora Heaviside ao redor da Terra, e como as emoções de seres vivos podem ser expressas como formas de ondas oscilatórias. A princípio, não saiu como o esperado, então ele tentou reconstruir diversas partes, eventualmente resultando em um mecanismo 150 vezes mais sensível do que na primeira tentativa. Após constatar que o dispositivo podia facilmente captar sinais de rádio de planetas a milhares de anos-luz, ele teve a ideia de modular a transmissão para o esperanto, uma linguagem universal, a fim de ser

compreendido.

Quando Yukichi configurou a última versão do receptor em seu sótão, ele foi acometido por uma apreensão terrível, pois estava prestes a se tornar a primeira pessoa da Terra a ouvir a língua de uma forma de vida de outro planeta. Ele imaginou que tipo de civilização misteriosa havia se desenvolvido lá, e quais ideias estranhas eles poderiam tentar expressar. Uma empolgação peculiar tomou conta dele, como se tropeçasse, cego, em uma sala escura cheia de tesouros; era quase como se uma fina cortina de papel o separasse de alguma presença cuja existência era inegável. Isso era o quanto ele acreditava no receptor. A única coisa que restava era dar mais um passo adiante e entrar em contato com a estranha presença. Para impedir que essa ideia o enlouquecesse, pensou em várias possibilidades, na tentativa de se preparar para a agitação do novo e iminente mundo.

Mesmo assim, sua empolgação se recusou a abrandar, era como se todas suas preparações houvessem sido em vão; isso era, para o bem ou para o mal, devido à extraordinária natureza do mencionado sinal extraterrestre. A vida útil do planeta habitado pelo expedidor da estranha mensagem de aviso tinha sido aparentemente reduzida para apenas dez minutos. Daqui a meros dez minutos, ele seria vaporizado. Isso foi uma grande surpresa para ele. Porém, no momento seguinte, ele notou o absurdo da sua situação e quase gargalhou — até que uma severa reflexão o manteve em silêncio, escutando atentamente a transmissão vinda do planeta misterioso.

A voz continuou.

—... Afirmar que este planeta irá evaporar fará com que vocês, talvez, questionem a minha sanidade, mas essa transmissão que trouxe as minhas palavras finais não poderia ser mais verdadeira. Ah, minha última transmissão! Mesmo eu percebo quão extraordinária é essa declaração. No entanto, sinto que a maneira mais eficiente de deixar para traz minhas últimas palavras é transformando-as em ondas de rádio e transmitindo-as para todos os cantos deste vasto universo. Caso eu escrevesse algo em um papel ou esculpisse em uma pedra, você certamente perceberia a futilidade dessas ações, considerando que, daqui a dez minutos, o mundo em que esse papel ou pedra se encontra seria reduzido a pó, disperso pelo espaço. De qualquer modo, planos devem ser feitos para preservar, ou ao menos transmitir, minhas últimas palavras a um planeta distante. Com nosso intelecto limitado, sabemos apenas que ondas eletromagnéticas com comprimento de onda curto podem escapar além da superfície do nosso mundo e atravessar o vasto universo em direção a outros incontáveis planetas.

— Entretanto, ainda tenho dúvidas se essas últimas palavras serão compreendidas por alguma forma de vida de outro planeta. Por exemplo, é incerto se o limitado poder de transmissão que disponho será o suficiente para produzir um sinal forte o bastante para levar a mensagem para cada canto desse grande universo. Eu escolhi o comprimento de onda curto de 16 metros (cuja mensagem é menos provável de ser interrompida durante a transmissão), mas temo que será incapaz de cruzar todo os 400 bilhões de anos luz do nosso universo. Mesmo presumindo que o sinal carregando minha mensagem chegue seguramente a um

planeta, estou cético de que os seres vivendo lá serão realmente capazes de compreender as ideias do meu povo. Enquanto medito sobre isso, minhas preocupações apenas se multiplicam, e minha coragem de prosseguir com essa transmissão se desfaz.

— Não obstante, o motivo pelo qual estou testando este experimento pouco confiável — uma transmissão cuja futilidade pode ser comparada a disparar uma flecha em um poço sem fundo — é porque, afinal, minha vida acabará em dez minutos (ou melhor dizendo, agora só me restam 9 minutos!), e também por causa do fato insuportável de que o planeta em que habito será destruído sem deixar rastros, uma impressionante história e cultura construída por 8 bilhões de anos será completamente perdida, para sempre, sem deixar ao menos um grão de poeira. Como posso ficar calado a respeito disso? Esses pensamentos me deixam tonto. De pé, em frente ao púlpito da classe de física, minha mente, a qual sempre me orgulhei, está entorpecida. Oh, só tenho mais 9 minutos de vida... Temo já ter perdido minha sanidade.

— Devo dedicar os poucos minutos que me restam a essa transmissão amaldiçoada. Mas há mais! Há uma razão muito importante pela qual devo continuar esse esforço até o instante de minha morte. Das centenas de milhões de pessoas vivendo neste planeta, sou o único que acredita que o fim do mundo está a meros 9 minutos de distância. Um grande número de pessoas — cada alma, exceto a minha, não faz ideia do seu iminente destino amaldiçoado. Além disso, se suas próprias ignorâncias as impedem de discernir a verdade, talvez eu possa demonstrar compaixão por elas. Por outro lado, contudo, não, não consigo

mais sentir tal compaixão por essas pessoas. Para simplificar, a falta de noção deles vem de uma repugnante coerção e uma lastimável cegueira diante da lógica. Sendo ainda mais claro, o público hedonista — ignorante por natureza — foi completamente enganado pelas ações covardes e inescrupulosas de um grupo de estudiosos que se opõe à minha mencionada teoria do Armagedom, e a hipnose autoinduzida do público apenas piorou a situação. E então, perdendo todo autocontrole, em um estado semelhante ao de embriaguez, eles se reuniram sob as asas perversas dos estudiosos opositores e vieram para cima de mim, assim como um enorme rio que transborda e atinge uma casa de palha, insultando minha honra e roubando minha felicidade. Para piorar, eles até mesmo destruíram meu olho esquerdo e quebraram meu braço, duas coisas que não possuíam relação alguma com seus interesses.

— Os jornais dramatizaram minhas ações com manchetes como “Traidor da humanidade” e “Disruptor da paz”. Alguns até mesmo publicaram uma edição especial com um título em destaque: “Enviem-no para a forca de uma vez!” A polícia enviou um ônibus de uma instituição psiquiátrica para me buscar e concentrou dois pelotões e 3 mil policiais, a fim de controlar a multidão selvagem que clamava pela minha execução. Se eu não conhecesse a técnica de obter piedade, realizada por mulheres covardes e empregadas de antigos amigos, eu provavelmente nunca teria chegado ao ponto em que pudesse me mover livremente (apesar de eu, agora, residir em uma cela). O que foi que os perturbou? É claro, não foi nada além do sucesso do plano prescrito dos estudiosos opositores. No entanto, eles

devem ter ficado muito irritados ao ler meus avisos no jornal, dizendo que apenas 10 dias restavam até que tudo fosse destruído de uma só vez. Dei o meu melhor para usar a teoria, com o intuito de proporcionar uma explicação satisfatória. Publiquei minha descoberta por meio de treze tipos de mídia, incluindo artigos em revistas populares. Até participei de um debate em uma sala de aula de faculdade. Mesmo assim, não houve nada além de zombarias e risadas, ninguém podia me entender significativamente. Lastimável, sobretudo, foram as conjecturas superficiais de um grupo de especialistas, que por acaso eram meus colegas. Nunca me esquecerei do que aconteceu naquele dia. Eu havia marcado a primeira aula de uma sequência intitulada “A teoria do Armagedom iminente”, em uma certa faculdade da capital. Aconselharam-me de antemão a cancelar a palestra, mas, porque já havia me comprometido, recusei categoricamente o conselho e mantive a aula. Minha palestra daquele dia foi algo assim:

— Eu considero a maior honra possível ser permitido — apesar do meu conhecimento e habilidade inadequados — estar aqui hoje, em frente a essa plateia de renomados acadêmicos, e apresentar minha teoria, a qual nomeei de “A teoria do Armagedom iminente”.

— Antes de prosseguir para o meu tópico principal, espero que me permitam falar algumas palavras a respeito da máxima “Adorarás o Senhor, teu Deus”. Nossa espécie representa a mais avançada forma de vida neste planeta, e desde a nossa primeira aparição nesta terra há aproximadamente 50 mil anos, utilizamos nosso intelecto para satisfazer completamente os nossos

desejos.

— Contudo, por não existir limite para os nossos desejos — e, recentemente, porque se tornaram tão fáceis de satisfazer —, nós, por necessidade, atingimos um ponto em que alguns dos nossos desejos, como um povo, requerem uma dose pesada de prudência. Por um lado essa situação pode ser vista como inevitável, mas, ao mesmo tempo, uma armadilha terrível. Nós, como espécie, devemos manter a todo momento uma reverência apropriada. Acredito que, a todo custo, não devemos esquecer nossa reverência a Deus e cometer atos profanos. Porém acredito que, na era em que vivemos, selvagemente esmagamos, por completo, os limites generosos estabelecidos a nós, e deixamos nossa cobiça se tornar cada vez mais irreverente perante a Deus.

— Por exemplo, considero as intrigas e a ganância em torno da aquisição do 95° elemento *chrorium* — a chamada “droga maravilha”, que descobrimos após 50 mil anos — especialmente vergonhoso. Após descobrirem que usar essa substância em doses suficientes tornava possível alcançar o tão sonhado objetivo da imortalidade, conflitos sérios eclodiram ao redor do globo enquanto todos correram para tomar posse desse elemento extremamente escasso. Ele, que é até mais raro do que o rádio, apenas existe em quantidades suficientes para poucas pessoas (presumindo um método normal de distribuição) e não pode satisfazer a demanda de toda a nossa espécie. Por causa disso, eventualmente, uma enorme quantidade de dinheiro fora gasta com pesquisas que buscavam uma forma de produzir *chrorium* sintético.

— O método mais promissor descoberto para produzir *chrorium* em abundância envolve uma técnica especial que converte dezoito átomos de oxigênio em um único átomo de *chrorium*. Creio que alguns de vocês presentes hoje estão familiarizados com os detalhes desse procedimento.

— Mas, antes de pôr em prática tal empreitada, acredito que devemos considerar cuidadosamente dois pontos. Primeiro, é realmente algo bom incentivar o desejo pela vida eterna em todos os membros da nossa espécie? Além disso, os experimentos para transformar oxigênio em *chrorium* podem realmente ser realizados em segurança? Gostaria de ressaltar que essas duas questões são extremamente prejudiciais para cada um de nós.

— Acima de tudo, seria um pecado imperdoável de cada indivíduo criado por Deus consumir *chrorium*, adquirido ao empurrar os outros para o lado, em nosso desejo pela imortalidade, sem dúvidas ativando um comportamento atroz — como famílias se desintegrando — causando a degradação da sociedade a um nível abaixo dos animais. Nós devemos exercer autocontrole para evitar essa situação, a todo custo.

— Em segundo lugar, posso afirmar que os experimentos para transformar gás oxigênio em *chrorium* possuem um amplo risco de causar um desastre, nas piores proporções possíveis. Imploro que ouçam minhas observações neste tópico — o ponto central da minha discussão — na forma de uma nova teoria que é fundamentada na física, minha área de especialidade.

— Através de muitos anos de pesquisa de física molecular, desenvolvi uma teoria relacionada à misteriosa conexão entre o

hidrogênio e o hélio. Como todos vocês sabem, a estrutura do hidrogênio é a mais simples de toda matéria, composta por um núcleo com um único próton, orbitado por um único elétron.

— Ademais, depois do hidrogênio, os átomos de hélio têm a segunda estrutura mais simples: dois elétrons circulando em torno de um núcleo central feito de um agrupamento de dois prótons e mais dois nêutrons. A massa de um átomo de hélio é equivalente a quatro, e é nisso que o mistério se encontra.

— Um átomo de hidrogênio consiste em um único par de próton-elétron, e se você somá-los verá que um átomo de hélio é composto de exatamente dois pares próton-elétron, portanto o peso do hélio naturalmente deve ser quatro vezes maior do que o do hidrogênio.

— Entretanto, multiplicar o peso do átomo de hidrogênio, 1,008, por quatro, resulta em 4,032, um valor que é 0,032 maior do que o peso do hélio. Eu ponderei sobre o motivo de não serem equivalentes e entendi que o hélio era mais leve porque, diferente do hidrogênio, no qual um par próton-elétron se movia independente, havia um núcleo onde dois prótons foram agrupados com dois nêutrons. Em outras palavras, quando quatro átomos de hidrogênio se tornam um único átomo de hélio, a massa é reduzida em 0,032.

— Quando pensei sobre como essa massa de 0,032 poderia desaparecer, percebi que era, na verdade, convertida em energia. A partir da teoria da relatividade, em que a massa de toda matéria pode ser convertida em energia para fazer uma certa quantia de trabalho, no caso, energia elétrica ou mecânica — sobre o qual me refiro aqui apenas como energia.

— Trabalhando com os cálculos, se presumirmos que uma grama de hidrogênio é completamente convertida em hélio, uma terrível quantidade de energia elétrica seria produzida, equivalente a força de 134 mil cavalos por hora. Setenta trens de alta velocidade poderiam ser alimentados de uma só vez ao converter uma única grama de hidrogênio em hélio, portanto há, sem dúvidas, energia criada em abundância.

— Agora, retornando àquela verdade assustadora, no experimento que está prestes a ser realizado — a conversão de oxigênio para *chororium* — a quantidade de energia criada quando uma grama de oxigênio é transformada em uma quantia de *chororium* do tamanho do globo ocular de uma pulga é aproximadamente 100 mil vezes maior do que quando o hidrogênio é transformado em hélio; pode ser expresso como 13,1 bilhões de cavalos, uma quantidade diabolicamente alta, que mal podemos conceber. Pelo que eu ouvi, o experimento que está prestes a ser realizado por alguns de vocês aqui presentes irá envolver 7 gramas de oxigênio, levando a uma quantidade imensa de energia gerada em sua realização. Só de imaginar já é o suficiente para me dar um aneurisma cerebral.

— Temo pensar sobre o que acontecerá quando essa enorme quantidade de energia for liberada em uma explosão. Duvido que essa incrível magnitude de energia pode ser facilmente controlada por nós.

— Posso prever agora... Oh, não, esse será o começo do pior desastre possível. Essa energia massiva, liberada em uma área tão pequena e em tão pouco tempo, irá transcender a energia do nosso povo e esmagar nossas almas; acredito que, logo depois,

uma segunda e terceira transformação atômica ocorrerá, seguida por uma quarta e uma quinta. A transformação da expansão atômica sem fim provocará milhares de terremotos, tornados e tempestades, que atacam nosso mundo — resultando em caos, choque, calor, destruição, evaporação e dispersão, enquanto nosso amado planeta é destruído em um piscar de olhos.

— Neste momento da minha aula, os professores sentados na primeira fileira, responsáveis pelo experimento que produziria *chrorium*, levantaram-se, com os rostos vermelhos e agitando os braços selvagememente sobre suas cabeças. A confusão que se seguiu não requer explicações. Um professor perto de mim gritou coisas como: “Você deveria ser expulso de uma vez da comunidade física por se esquecer das leis de Newton!”, e “Como você explica a lei da eterna conservação de energia?” Até hoje lembro vividamente da expressão cheia de ódio de um deles. No instante seguinte, uma multidão correu em minha direção como uma onda gigantesca, e eu desmaiei. Foi então que perdi um braço e meu olho esquerdo. Ah, não, só me restam trinta segundos! 28 segundos, 26...

— O momento do julgamento chegou. Quem provará estar certo: eu ou aqueles tolos? Oh, estou prestes a desmaiar... O momento em que aqueles professores estúpidos da faculdade darão início àquele experimento irreverente se aproxima. Só mais dez segundos. Eu nunca desistirei, nunca! Essas são minhas palavras finais. Agora, leve para longe a minha alma cansada! Ahh... Três segundos. Malditos sejam! Dois segundos, um segundo...

Pressionado firmemente contra o painel do receptor, o rosto

de Yukichi Amano pingou de suor, enquanto seus fones de ouvido cobriam suas orelhas vermelhas, como se estivessem prestes a derreter.

Depois que ele ouviu o fim da contagem infeliz — “Dois segundos, um...” —, a última transmissão, de uma espécie desconhecida habitando um planeta estranho, subitamente ficou silenciosa. Yukichi estava extremamente tenso, cada nervo de seu corpo no limite enquanto ele se tensionava ao ouvir mesmo o menor dos sons.

Mas o silêncio se prolongou, pontuado ocasionalmente por barulhos indistintos.

Bem, eles realmente fizeram aquilo. O planeta daquele homem deve ter sido vaporizado, com todos os cientistas opositores... E o resto do povo...

Mas no instante em que esse pensamento surgiu na mente de Yukichi, aconteceu.

Ele viu algo muito luminoso por um momento, antes que a viga diretamente acima de sua cabeça partisse ao meio e desabasse, esmagando-o. Houve um som como um tanque de gás explodindo e um prédio de doze andares desabando, uma cacofonia de rangidos e tremores. Com um terrível som de estalo, um destino desconhecido caiu sobre ele.

Em seguida, ele soltou um gemido profundo quando uma dor lancinante cortou suas costas e pernas. Yukichi notou fragmentos de objetos aleatórios voando diante seus olhos.

Ele subitamente entendeu algo.

— Merda! — ele gritou (ou teria gritado, caso fosse capaz).

Tinha sido um engano terrível pensar que as coisas haviam

acabado com a destruição do planeta que enviou a última transmissão do homem. Não havia limite para a destruição — a energia infinita criada pela aniquilação do planeta se espalhou para outro planeta, que, por sua vez, se autodestruuiu, disperso aos pedaços em um instante, ao passo que a onda de destruição continuou acelerando... Oh, não, o universo ficará em ruínas. Ele será destruído por completo. A destruição não irá parar até que cada pedaço do universo, até mesmo o menor dos meteoritos, seja reduzido a nada.

Mas enquanto Yukichi, semiconsciente, previa o universo retornando a um estado de completo silêncio e transparência, como olhar para um pote de vidro vazio, sem nem mesmo um grão de poeira, a outra parte da sua consciência piscou, para nunca mais retornar.

Na manhã seguinte, um jornal de Tóquio trazia duas grandes notícias dramáticas na página 5:

ANO 12 - N. 627

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES PRENDE HOMEM QUE EXECUTOU TRANSMISSÃO VHF ILEGAL

Um homem foi preso por ter executado uma transmissão ilegal em VHF, sendo o caso considerado um dos mais graves. O homem foi preso em sua residência e levado para a prisão de Tóquio.

No dia 28 de agosto, o Ministério das Comunicações recebeu uma denúncia de que um homem estava executando transmissões ilegais em VHF. O homem foi preso em sua residência e levado para a prisão de Tóquio. O caso é considerado um dos mais graves. O homem foi preso em sua residência e levado para a prisão de Tóquio.

No dia 28 de agosto, o Ministério das Comunicações recebeu uma denúncia de que um homem estava executando transmissões ilegais em VHF. O homem foi preso em sua residência e levado para a prisão de Tóquio. O caso é considerado um dos mais graves. O homem foi preso em sua residência e levado para a prisão de Tóquio.

AVIÃO DA ESCOLA DE VOO DE SHIRAKAWA CAI E MATA UM HOMEM

Um avião da Escola de Voo Shirakawa caiu durante um voo de treinamento noturno, matando um homem. O acidente ocorreu em uma residência privada, destruindo o teto e matando violentamente Yukichi Amano (24), que realizava pesquisas de rádio em seu sótão.



Em um estranho acidente, o avião da Escola de Voo Shirakawa, em voo de treinamento noturno, colidiu com uma residência privada, destruindo o teto e matando violentamente Yukichi Amano (24), que realizava pesquisas de rádio em seu sótão.

Um avião da Escola de Voo Shirakawa caiu durante um voo de treinamento noturno, matando um homem. O acidente ocorreu em uma residência privada, destruindo o teto e matando violentamente Yukichi Amano (24), que realizava pesquisas de rádio em seu sótão.

Pobre Yukichi, nunca soube o que o atingiu. Foi, sem dúvidas, melhor assim.

O intestino vivo

Peculiar estudante de medicina

Desde o amanhecer, o estudante de medicina Ryuji Fukiya não conseguia parar de pensar no intestino.

Quando deu quinze horas, ele saiu.

O lugar que ele chamava de lar era uma estranha cabana improvisada, situada debaixo de uma via férrea elevada.

Esse sujeito, Ryuji, era por si só um estudante de medicina bem peculiar; apesar de não ser um assistente, ele já havia frequentado a faculdade de medicina por sete anos — o único estudante genuíno de medicina a longo prazo no Japão. Essa situação ocorreu porque ele decidiu não ser ganancioso e apenas fizera os exames das eletivas que eram dos seus assuntos favoritos. Por esse motivo, ele tinha em pendência cinco exames de matérias diferentes, mesmo sete anos tendo se passado desde a sua admissão.

Ele quase nunca ia ao campus, passava a maior parte da sua vida em silêncio naquela casa estranha, em meio ao barulho da cidade.

Não mais do que duas pessoas haviam pisado naquela casa. Uma era o senhorio, e a outra era uma pessoa que ele estava planejando ligar agora para falar sobre o intestino, o professor Kumamoto.

Ele se aproximou de um telefone público em frente à estação de trem, o rosto pálido emoldurado pelo cabelo longo e desgrenhado, lembrando a juba de um leão, e o corpo emaciado

coberto por um uniforme esportivo escolar preto, reluzente, com botões de metal gastos.

Sua ligação era direcionada ao hospital associado ao cárcere, que mantinha 2.700 prisioneiros. Por enfermeiras não serem permitidas lá, o hospital possuía apenas enfermeiros. Era de conhecimento comum que prisioneiros homens não têm permissão de ver mulheres.

— Alô, esse é o hospital prisional.

— Certo, o hospital prisional... Sim, eu gostaria de falar com o professor Kumamoto. Quem sou eu? Diga a ele que é o Inomata.
— Por algum motivo, ele usou um nome falso, sua arrogância evidente amedrontou o telefonista através do fio de cobre.

— Ei, Kumamoto. Tenho certeza de que sabe o motivo da minha ligação. Estará pronto hoje, certo? Você tem certeza? Eu presumo que você tenha preparado o intestino para mim... Ok, terceira janela ao sul. Sabe, estive pensando sobre o que fazer se isso não funcionar. Provável que farei você perder o seu emprego e, então, passar fome... Oh, não, não estou fazendo uma ameaça. Apenas siga as minhas instruções sem reclamar e você ficará bem... Estarei aí, definitivamente, às onze da noite.

Ele finalizou a ligação. Tinha sido uma conversa desagradável, que ninguém gostaria de ter.

O professor Kumamoto era o chefe de cirurgia no hospital prisional, um homem amável e elogiado por todos. Com filhos, uma esposa incrível, e com bastante dinheiro guardado, ele era considerado a epítome do sucesso.

Por algum motivo, no entanto, Ryuji tinha o mau hábito de atacar verbalmente o professor, sem dar a ele chance de se

defender. De acordo com Ryuji, o professor Kumamoto não era apenas um charlatão desprezível, ele era um intelectual ardiloso que merecia o tratamento mais cruel.

Ryuji detinha influência total sobre o professor e o menosprezava, embora o nível acadêmico do homem fosse superior ao seu; ele o explorava continuamente, como um escravo — tudo isso enquanto se aproveitava de uma série de benefícios vindos do relacionamento.

“Eu presumo que você tenha preparado o intestino para mim.”

Segundo o que Ryuji dissera ao telefone, parece que ele fez uma ameaça ao professor Kumamoto. Mas o que “prepare o intestino” significa? E o que Ryuji estava planejando?

As respostas para essas perguntas terão de esperar até as 23 horas.

Terceira janela

Já eram 22h58.

Um estudante de medicina colidiu com o pequeno portão de metal do hospital prisional.

— Esse lugar fecha cedo mesmo — ele reclamou e tentou abrir a porta com um empurrão.

O portão de metal se abriu facilmente. Não havia sido trancado; um grande pedaço de bloco de concreto no chão o mantinha fechado.

— Ei...

O guarda fez uma reverência exagerada, em resposta ao cumprimento do jovem Ryuji. Embora não entendesse o porquê, ele acreditava que qualquer estudante de medicina que falasse de modo tão informal com o célebre dr. Kumamoto era, independentemente de sua aparência, um provável parente de sangue do antigo senhor feudal do professor. Ao menos essa era sua opinião otimista. Desse modo, na entrada do hospital, ele sempre dava a esse estudante o mais formal dos cumprimentos.

Com um bufar irônico, vestido com roupas esfarrapadas e com uma aparência felina, Ryuji passou pelo guarda, indo em direção a um grupo de arbustos dentro do hospital sombrio.

Ele acelerou o passo, atravessando as plantas do escuro jardim do pátio com facilidade, como uma coruja. Logo, a construção da quarta enfermaria apareceu à sua frente.

“Terceira janela ao sul...”

Com calma, ele se aproximou da janela. Abaixo estava um caixote similar àqueles usados para carregar tangerinas. “Isso deve ser um gesto de gentileza do professor”, Ryuji pensou e subiu na caixa como se fosse uma escada. Ele levantou a pesada janela e abriu-a.

A janela deslizou sem esforço. Sem dúvidas, seu movimento suave era resultado da lubrificação antecipada da polia da janela realizada pelo professor.

Finalmente, ele foi capaz de tomar posse do grosso tubo de vidro de um metro disposto sobre a mesa a apenas centímetros de distância do seu rosto.

— Ora, olhe o que temos aqui!

Ryuji levantou o grosso cano de vidro até a luz da rua que brilhava acima da parede exterior. O tubo estava cheio, até o topo, com um líquido claro; dentro havia algo gosmento com uma cor incomum, nem cinza nem lavanda.

— Sim... finalmente pus minhas mãos no que eu almejei por tanto tempo. Que espécime maravilhoso!

Fascinado, Ryuji abaixou a janela até fechá-la. Ele segurou o tubo de vidro roubado como se fosse uma grossa bengala e desceu até o chão.

— Ahh... não há nada como uma caminhada à noite no jardim.

O cumprimento de Ryuji quando ele passou pelo portão não foi nada parecido com o habitual. Não havia dúvidas de que ele estava em êxtase com o saque de hoje.

— Oh, muito obrigado, senhor.

O guarda, empertigando-se, parecia estar grato de verdade

pelo cumprimento do jovem.

Após passar pelo portão, Ryuji se apressou para longe com seus tamancos de madeira, o grosso tubo descansando sobre seu ombro.

Três horas depois, Ryuji chegou em sua casa. A cidade estava silenciosa, como se, exausta, houvesse desmaiado.

Ele conseguiu entrar na casa sem ser visto. Lá dentro, ele acendeu a luz.

— Sim... realmente maravilhoso. Que intestino incrível!

Ryuji levantou o tubo de vidro até a luz e observou com reverência.

A coisa que ele chamava de “intestino” permaneceu estagnada dentro do líquido tingido de azul.

— Está vivo!

Após uma inspeção mais profunda, o intestino cor de lavanda se contorceu para frente e para trás no soluto de Ringer. *Splash, splash.*

Um intestino vivo!

Um intestino vivo — exatamente a coisa pela qual Ryuji atormentara Kumamoto várias vezes durante o último ano. O professor havia cumprido todas as exigências do estudante; essa foi a única que levou tanto tempo.

— Então qual é o problema, professor? Você tem 2.700 prisioneiros. Alguns estão enfrentando pena capital, e deve haver outros que têm apendicite ou morreram de alguma causa incomum. É impossível você não conseguir furtar um mero intestino de cem centímetros para mim. Ei, babaca, se você não fizer o que estou mandando, terei de fazer o que conversamos.

Se você não gosta disso, é melhor você ouvir, e rápido.

Por fim, após um ano inteiro chantageando o professor dessa maneira, Ryuji adquiriu o tão esperado intestino vivo.

Mas isso traz a pergunta do motivo pelo qual Ryuji desejou algo tão nojento, em primeiro lugar. Talvez, você possa pensar, tenha a ver com satisfazer um desejo incomum de coletar itens raros.

Não exatamente.

Ecologia do Soluto de Ringer

Um intestino vivo, na literatura médica, não era algo particularmente incomum.

Se você olhar em um livro didático de fisiologia, você encontrará diversos intestinos vivos — de porquinho-da-índia, coelho, cachorro, humano — no soluto de Ringer.

Espécimes de intestinos vivos também não eram muito difíceis de se encontrar.

Mas o que secretamente orgulhava o estudante Ryuji era o largo e magnífico intestino à sua frente, mais longo do que qualquer bengala de cem centímetros, se contorcendo vigorosamente até mesmo agora, imerso no soluto de Ringer. É improvável que você encontre um espécime tão bom em qualquer outro lugar do planeta. Ryuji curvou-se com intensidade para o tubo de vidro, em razão do enorme respeito que sentia pelas habilidades incomparáveis do professor Kumamoto.

Ele fez o intestino vivo ser a peça central do cômodo. Pendurou um fio que vinha do teto e o amarrou no fim do tubo e, ainda, pôs um suporte embaixo para segurá-lo.

A sala do estudante de medicina já era peculiar antes — um espaço abarrotado de pilhas de livros de medicina mofados, ferramentas cirúrgicas enferrujadas e vários outros equipamentos médicos; mas com a adição do raro convidado, a estranha atmosfera do lugar finalmente estava completa.

Ryuji colocou um banco alto de três pernas diante do tubo de

vidro pendurado no teto. Ele sentou-se no banco e olhou para o estranho órgão humano se contorcendo dentro do líquido claro, seus braços cruzados como se ele estivesse mesmerizado pela visão.

Splash, splash, splash.

Splut, splut, splut.

Enquanto ele assistia, o corpo inteiro do intestino se contorceu de um lado para o outro, em uma complexa série de expressões além de qualquer uma que o rosto humano era capaz.

— Que estranho. Observando esse carinha, sinto que ele é uma forma de vida muito mais avançada do que os seres humanos.

Com essas palavras, ele, embora sem intenção, fez uma observação astuta que transcendia a lógica.

Depois disso, o corpo de Ryuji enrijeceu como uma estátua diante do tubo de vidro. Encarou, sem piscar, o intestino vivo, por um longo tempo, quase como se ele mesmo se tornasse o intestino.

Ele reduziu suas refeições e — apesar de desagradável de se dizer — suas evacuações ao mínimo possível. Temia se afastar do intestino vivo até por um minuto ou dois.

Isso continuou por três dias seguidos.

Finalmente, após adormecer no banco devido à exaustão de dias em constante tensão, seu próprio ronco áspero o acordou. O quarto estava um breu.

Ryuji teve um mau pressentimento. Ele saltou do banco e acendeu a luz, preocupado que alguém houvesse roubado o seu precioso intestino vivo.

— Ahh, que alívio.

O tubo de vidro contendo o intestino ainda estava lá, pendurado no teto.

No entanto, no momento seguinte, ele gritou com uma voz aguda.

— Oh, não, isso é terrível. Não está se mexendo!

Ryuji caiu sentado no chão com um baque surdo. Ele arrancou seus cabelos freneticamente como um louco, perdido em um turbilhão de desespero.

— E-espere um minuto...

De rosto enrubescido, ele se levantou. Agarrou uma bureta e subiu no banco.

Encheu a bureta com o líquido claro do tubo de vidro, e então o despejou no ralo.

Ele pegou um frasco, rotulado como *0,0001 g de Colina*, da prateleira de químicos e inseriu a bureta vazia nele, e logo o líquido a preencheu.

Ryuji saltou agilmente de volta para o banquinho. Com cuidado, ele transferiu a colina da bureta para o tubo de vidro. Sem um ruído, o líquido desapareceu no soluto de Ringer.

Os olhos de Ryuji eram, sem dúvida, algo a ser contemplado enquanto ele encarava intensamente os conteúdos do tubo. Mas, um instante depois, um sorriso surgiu em seu rosto.

— Está se movendo!

O intestino começou a se contorcer mais uma vez. *Slosh, slosh, slosh.*

— Não posso acreditar que esqueci da colina! Deve ter algo de errado comigo.

Ele deu um suspiro profundo, envergonhado, quase como uma garota.

— O intestino ainda vive. Mas eu devo começar o condicionamento de uma vez, ou então pode não sobreviver por muito tempo.

Ele dobrou suas mangas e colocou seus braços no manchado avental cirúrgico pendurado na parede.

O maravilhoso experimento

Ryuji estava em êxtase, como se fosse uma pessoa completamente diferente.

— Certo, está na hora do condicionamento!

Mas o que exatamente Ryuji iria condicionar? Ele reuniu diversos itens enquanto circundava o local: mangueiras, purificadores, suportes.

— Sim... irei triunfar neste experimento histórico e o mostrarei ao mundo...

Ele murmurou para si mesmo enquanto reunia retortas, rede de arame e bicos de Bunsen.

De pé no meio da grande pilha de equipamentos que ele reuniu, como um carpinteiro de palco, Ryuji começou a juntar os equipamentos para o seu experimento.

Em pouco tempo, a estrutura de vidro, metal, e líquidos, expandiu-se em larga escala. Parecia estar centralizada ao redor do intestino vivo.

Um interruptor foi virado e a luz mudou de azul para vermelho. No canto da sala, uma bomba começou a girar com um estrondo baixo.

Um brilho ansioso se intensificava nos olhos de Ryuji conforme ele trabalhava.

Corrente elétrica começou a fluir quando uma chama azul surgiu do bico de Bunsen.

Dois tubos de vidro menores foram inseridos no tubo mais

largo contendo o intestino vivo.

De um dos tubos, pequenas bolhas emergiram.

Mordiscando um lápis, o estudante Fukiya pendurou um quadro em seu pescoço com um fio e usou lápis coloridos para marcar o esquema no papel sobre o suporte, enquanto alternava entre medidor de corrente, termômetro e hidrômetro.

Um conjunto de curvas aos poucos se inclinou sobre o papel: vermelho, azul, roxo, preto.

No processo, ele várias vezes passou diante do vidro, inclinando sua cabeça para o lado, examinando o intestino que se contorcia.

Ele continuou o exaustivo experimento, literalmente seguindo sem comer ou dormir; era mesmo um esforço sobre-humano.

Quando ele comparou a condição do intestino entre as seis horas da manhã e nove horas da noite, descobriu uma minúscula mas perceptível mudança.

Então, doze horas depois, ele notou outra alteração.

Conforme o experimento progredia, a temperatura do soluto de Ringer aos poucos aumentou até certo ponto, depois disso a densidade decaiu progressivamente.

No quarto dia do experimento, a maior parte do líquido dentro do tubo de vidro se tornou água.

No sexto dia, o líquido não era mais visível; em seu lugar, uma nuvem de gás rosado rodopiava.

O intestino no tubo continuou sua incessante tremedeira, aparentemente sem notar o desaparecimento do líquido.

Um sorriso rígido, como o de uma máscara de festival, estampava o rosto de Ryuji.

— Sim, sim... eu já escrevi uma nova página na história dos livros de medicina com a minha descoberta. Um intestino vivendo dentro de um gás! Que experimento incrível!

Ele conectou vários novos dispositivos em sucessão e, então, removeu os antigos.

No oitavo dia, o gás dentro do tubo de vidro havia perdido toda a cor e se tornado transparente.

No nono dia, o bico de Bunsen se exauriu. O gás borbulhante parou.

No décimo dia, até o som do motor cessou. Um silêncio pesado pairou sobre o laboratório, como o de uma ruína abandonada.

Isso foi em torno das três horas.

Durante as 24 horas seguintes, ele deixou o intestino sozinho por completo, sendo cuidadoso para não o perturbar.

No dia seguinte, às três horas. 24 horas depois. Com cuidado, ele aproximou seu rosto do tubo.

O intestino dentro do tubo de vidro se contorcia vividamente, como sempre — mas agora em um espaço de temperatura ambiente e umidade normal. *Splash, splash.*

Ryuji Fukiya conseguiu, através de um procedimento especial desenvolvido por ele mesmo, ser bem-sucedido em um experimento nunca tentado por nenhum outro estudante de medicina na história: a sobrevivência de um intestino em um ar respirável.

Coabitação

Ryuji aprendeu como brincar com o intestino vivo, agora esticado sobre a mesa diante dele.

O intestino vivo começou — em um surpreendente desenvolvimento — a responder como se possuísse emoções.

Quando ele usara uma seringa para inserir uma pequena quantidade de água açucarada em um dos orifícios do intestino, o órgão começou a se contorcer com vigor por toda parte. Um momento depois, um segmento do intestino se estendeu da mesa em direção a ele, como se implorasse por mais água açucarada.

— Ok, eu entendi. Você quer mais água açucarada. Eu darei a você. Mas apenas um pouco.

Ryuji ofereceu outra pequena gota de água açucarada ao intestino vivo.

“Que criatura sofisticada!”

Ele estava sem palavras, em reverência.

Às vezes, brincar com o intestino vivo que ele mesmo condicionou parecia com um sonho.

Por algum tempo, Ryuji cultivou uma teoria absurda.

Se um intestino pode sobreviver com apenas uma porção de si imersa no soluto de Ringer, então deve ser capaz de sobreviver fora desse soluto — desde que colocado em um ambiente nutritivo e apropriado.

Em outras palavras, a mesma condição de sobrevivência

fornecida ao intestino pelo soluto de Ringer pode ser fornecida por algum meio nutricional equivalente.

Com essa conjunção, ele levantou a hipótese de que, se o intestino humano fosse mesmo algo vivo, ele possivelmente teria nervos e poderia adaptar-se em resposta ao seu meio. Sendo assim, contanto que ele pudesse providenciar nutrição adequada ao intestino vivo, deveria ser possível condicioná-lo a sobreviver em um ambiente comum — ou, pelo menos, essa era sua teoria.

Partindo dessa premissa, ele realizou uma pesquisa abrangente a respeito de tal possibilidade. Como resultado disso, cerca de um ano atrás, sua teoria finalmente ganhou força.

No fim, seu experimento foi um grande sucesso; e a cereja do bolo foi que, surpreendentemente, o experimento necessitou de pouco esforço para ser realizado.

Um certo pesquisador uma vez disse que o sucesso era determinado não por contemplar algo, mas por, de fato, atentar a si mesmo. E ele não poderia estar mais certo.

Mas quando Ryuji pensou em como o *intestino vivo* — uma ideia sua que, a princípio, parecia absurda — estava se contorcendo na mesa em frente aos seus olhos, tudo pareceu muito surreal.

Também deve ser mencionado que o intestino coagido por ele a sobreviver em ar respirável havia começado a exibir várias respostas intrigantes e inesperadas.

Um exemplo disso era, como foi explicado, como o intestino expressava um desejo por mais água açucarada.

Mas isso não era tudo. Enquanto brincava com o intestino, Ryuji descobriu que ele possuía uma variedade surpreendente de

reações.

Quando ele cutucou o intestino vivo com a ponta de uma sonda fina de platina e passou uma corrente oscilante de 600 mega-hertz por ela, o intestino expeliu de repente um muco gosmento.

Mais tarde, em um experimento usando um diapasão para aplicar sons de frequências específicas em uma região do corpo do intestino vivo, Ryuji logo descobriu que essa parte era muito sensível ao som; aparentemente, ela desenvolveu uma habilidade parecida com o tímpano humano. Com isso, o estudante acreditava que o intestino vivo possuía a capacidade de ouvi-lo falar.

Agora que ele havia sido exposto ao ar, sua superfície começou a secar aos poucos. Algo semelhante a uma camada epidérmica descamou algumas vezes. Eventualmente, o intestino vivo ficou coberto por uma pele que lembrava muito pálidos lábios humanos.

No décimo quinto dia após o intestino vivo ter nascido — contado a partir do dia em que aprendeu a sobreviver em ar respirável — o novo organismo se desenvolveu ao ponto em que poderia rastejar livremente ao redor da sala de Ryuji, seja em cima da mesa ou de um livro.

— Ei, Chiko. Deixei um pouco de água açucarada para você aqui.

“Chiko” era o apelido que ele dera para o intestino vivo.

Ryuji o chamou enquanto batia palmas perto de um prato raso cheio de água açucarada, que fez Chiko elevar alegremente suas “costas” como uma corcova. Uma vez que Chiko ficasse com

fome, a criatura se movia pouco a pouco pelo chão, rastejando em direção ao prato, e então sugava a água com açúcar, produzindo leves sons de chapinhar. Era uma visão realmente aterrorizante.

Assim que o experimento de desenvolver Chiko, o intestino vivo, atingiu um bom ponto de parada, Ryuji pensou que já estava quase na hora de escrever seu trabalho de pesquisa inovador e chocar os médicos-cientistas do mundo.

Então um dia — exatos 120 dias depois de Chiko ter “nascido” — Ryuji finalmente decidiu que começaria o rascunho do seu trabalho de pesquisa no dia seguinte. Mas, antes, ele queria deixar a casa por um curto período.

Em um piscar de olhos o outono chegou e quase se foi, e do lado de fora as folhas secas do plátano oriental, sopradas pelo vento, farfalhavam ao longo da calçada. A temperatura caía pouco a pouco, cada vez mais. Se Ryuji ainda estivesse vivendo sozinho, podia se virar como quisesse; contudo, ele teria que passar o inverno junto ao Chiko. Por isso, ele decidiu ir à cidade comprar algumas coisas necessárias, como um fogão elétrico que funcionasse.

As latas que Ryuji havia estocado tinham acabado, e ele queria repô-las. Ele pretendia fazer vários tipos de sopa para Chiko.

Fazia mais de cem dias que ele não deixava a casa.

— Vou ficar fora por um tempo. Tem uma grande porção de água com açúcar que preparei para você sobre a mesa do canto.

Com um repentino anseio de sair para o mundo externo, ele apressadamente avisou Chiko sobre a comida, destrancou sua

porta da frente e disparou para as ruas.

Erro de cálculo

Ryuji Fukiya se divertiu ao máximo por sete dias inteiros antes de retornar para casa.

No instante em que ele pisou fora da casa, encontrou um mundo maravilhoso de conforto e alegria à sua espera. Uma torrente de instintos fluiu através de sua espinha, como se partisse uma barreira. Carregado por esses sentimentos, ele ficou acordado noite após noite, festejando no distrito do prazer. No sétimo dia, seus sentidos finalmente retornaram.

Ele ficou um pouco preocupado a respeito da alimentação de Chiko; o recipiente de água açucarada já devia estar praticamente vazio após tantos dias.

— Bem, acho que um dia a mais não fará diferença — ele reconsiderou e continuou sua farra.

Naquela noite, por algum motivo, ele começou a se dirigir para o hospital prisional. Lá, ele prestou uma visita ao professor Kumamoto.

O professor ficou assustado quando viu Ryuji sentado na sala de espera, pois agora havia algo inegavelmente primitivo acerca do estudante.

— Como se saiu aquela coisa de alguns meses atrás? — o professor perguntou com uma voz suave.

— Oh, você está falando do intestino vivo? Publicarei minhas descobertas no tempo certo — ele riu.

— Quantos dias sobreviveu?

— Ah, aguarde para saber mais quando eu publicar. Mas, Kumamoto, eu descobri que um intestino pode realmente expressar emoções. É quase como se... fosse capaz de expressar algo semelhante à afeição humana. Estou falando sério. Isso foi uma grande surpresa. Algumas vezes parecia que... Oh, a propósito, a qual prisioneiro o intestino pertence? Diga-me o nome.

O professor não respondeu.

Em geral, quando o professor o ignorava dessa maneira, Ryuji ralhava com ele. Porém, hoje, aparentemente de muito bom humor, ele apenas sorriu enquanto acariciava o próprio queixo.

— Mais uma coisa, Kumamoto. Você poderia reunir toda literatura disponível sobre hormônios e me entregar? Falando de hormônios, o que aconteceu com aquela charmosa atendente que trabalha no hospital? Você sabe, aquela garota solteira e trabalhadora de 24 anos — Ryuji disse com um sorriso lascivo enquanto encarava o rosto do professor.

— Oh, você se refere *àquela* garota... — o professor disse, e seu rosto ficou pálido de repente. — Aquela garota morreu de apendicite. Já f-faz um tempo.

— Ela morreu, é? Bem, então acho que é tarde demais.

Ryuji soou como se, em um instante, tivesse perdido todo o interesse na garota. Ele disse ao professor que voltaria mais tarde e se apressou para fora da sala.

Era uma hora da manhã, no meio da noite.

No oitavo dia, Ryuji finalmente retornou para casa.

De maneira desajeitada, ele inseriu a chave na porta da frente.

“Talvez eu tenha exagerado um pouco. Aquele intestino vivo — apelidei de *Chiko*, certo? Eu me pergunto se ele ainda está vivo. Por outro lado, realmente não me importo se estiver morto. Já reuni dados suficientes para chocar o mundo.”

Ele destrancou a porta da frente.

Abriu a porta e entrou.

O lugar fedia a mofo. Mas, em algum lugar do ar, Ryuji detectou um traço de odor feminino.

“Que estranho.”

A sala estava em completa escuridão.

Ele tateou a parede, procurando pelo interruptor, e o apertou.

A luz surgiu de repente.

Com os olhos meio fechados devido à luminosidade, ele olhou ao redor da sala.

Não havia nenhum sinal de Chiko na mesa, ou em qualquer outro lugar.

“Oh, acho que Chiko não sobreviveu. Ou talvez aquela coisa tenha escapado para as ruas através de um buraco.”

Naquele instante, ocorreu a ele olhar a tigela de vidro, na qual ele havia deixado a água açucarada antes de sair.

Metade da água permanecia lá. Ele exclamou de surpresa.

— Mas o que... Eu tinha certeza de que a água açucarada já teria desaparecido. O que aquela coisa fez?

No mesmo instante em que ele pronunciou essas palavras, aconteceu. Acompanhado por um estranho uivo, algo branco e em forma de cano saltou na direção dele, em uma velocidade cegante.

A coisa se enrolou ao redor do pescoço de Ryuji antes que ele

tivesse a chance de ficar surpreso.

— Ugh...

Uma força extraordinária comprimiu seu pescoço. Ele agitou seus braços brevemente, e então desabou no chão.

Foi apenas meio ano depois que o corpo de Ryuji Fukiya foi encontrado. O senhorio teve de ir coletar o aluguel do ano. Só restou um esqueleto.

Ninguém nunca descobriu a causa de sua morte.

Do mesmo modo, ninguém nunca descobriu sobre seu experimento inovador — *Chiko, o intestino vivo*.

Tudo relacionado ao experimento do intestino vivo desapareceu.

De vez em quando, no entanto, o professor Kumamoto pensava sobre o intestino que havia dado a Ryuji. Verdade seja dita, não viera de um prisioneiro.

Então de qual abdômen o intestino fora removido?

Tinha sido tirado daquela virgem de 24 anos, atendente do hospital prisional. Ela morreria de apendicite, mas, sabendo que o professor Kumamoto era o cirurgião a serviço no momento, não necessita de mais explicações.

Até o professor Kumamoto, que secretamente regozijou com a morte de Ryuji, nunca soube que o intestino vivo cortado do abdômen daquela virgem estrangulou o estudante.

Sem mencionar como Chiko, o intestino vivo, tinha adquirido grande afeição por Ryuji durante os 120 dias em que viveram juntos, ou como Chiko, radiante ao ouvir a voz de Ryuji após seu oitavo dia de ausência, enrolou-se no pescoço dele e por acidente o estrangulou até a morte — uma bizarra sequência de

eventos que o professor com certeza nunca poderia imaginar.

Mas foi Ryuji — incapaz de perceber que o intestino vivo tinha vindo de, dentre todas as pessoas, uma mulher como aquela — quem cometeu um erro fatal.

O mundo após mil anos

Morto por congelamento

Sete dias já haviam se passado desde que o jovem e ambicioso cientista, dr. Furuhata, acordou em seu caixão.

— Eu me pergunto o que está acontecendo lá fora. Alguém já deveria estar batendo na tampa do caixão a essa hora.

Ele esperou, ansioso, ouvindo atentamente, aguardando pelo som de batidas em seu caixão.

A palavra “caixão”, aqui, não se refere ao típico caixão de madeira com que todos estão familiarizados; ele possuía cinco camadas feitas de um metal magnífico: Mo₉₀₂, uma resistente liga de molibdênio. Seu interior podia ser considerado espaçoso — diferentemente daqueles caixões estreitos de madeira com apenas espaço suficiente para se deitar —, tinha aproximadamente 16 metros quadrados, com um teto alto. Havia uma cama, junto a vários equipamentos: ar-condicionado, um freezer, produtor de gás, gerador elétrico e dispositivo de sinalização. Muitos livros de referência estavam empilhados em um canto, juntamente com várias coisas necessárias para o dia a dia, como cinzeiro, escova de dentes e aparelho de barbear. Para resumir, lembrava uma mistura entre um laboratório de pesquisa e uma sala de estudos.

Dr. Furuhata já havia passado mil anos em suspensão criônica dentro desse estranho caixão.

Suspensão criônica é o processo de congelar uma pessoa viva e mantê-las nesse estado por quantos anos forem

necessários. Essa é uma técnica extremamente complicada, em particular por causa da velocidade em que o congelamento ocorre. Se feito de maneira desleixada, a pessoa permanecerá morta por toda a eternidade; se realizada de modo correto, o humano congelado será preservado, quer seja três dias, cem anos ou — no caso do dr. Furu-hata — mil anos depois. Se for descongelado no momento certo, o indivíduo poderá ser trazido de volta a vida. A técnica de descongelar um ser humano também era extremamente complicada, mas no caso dele, ambos ocorreram sem problemas.

Isso era o esperado; o experimento desse jovem cientista não foi realizado apenas por seus esforços, mas em cooperação com um grupo de cientistas chamados pelo extenso nome de “Conselho do Projeto da Pesquisa Criônica Humana de Mil Anos.”

Como já foi mencionado, o interior do caixão era um espaço quadrado, mas do lado de fora ele tinha um formato esférico, desenvolvido para resistir fortemente de todos os ângulos.

Sete dias após acordar do seu sono de mil anos, o dr. Furu-hata já havia se recuperado por completo da fadiga. Ele tinha a impressão de que entrara no caixão pela primeira vez no dia anterior. Dormir por mil anos era mesmo uma façanha e tanto.

Mas ele havia dormido mesmo por mil anos? O rádio-relógio na parede confirmava que sim. Desenvolvido para ser capaz de medir a queda constante da radiação, manteve o registro da longa passagem de tempo. Logo após despertar, ele se apressou para conferir o tempo decorrido. Ao que parece, ele havia dormido pouco mais de mil anos: no relógio lia-se dia 169 do ano

mil — equivalente ao inverno de fevereiro de 3.600. Isso significava que o sistema do caixão tinha cometido um erro de 169 dias. No entanto, comparado a um milênio, 169 dias era um erro muito pequeno. O mais importante era que, durante esse longo período, o corpo do dr. Furuhata fora preservado perfeitamente em estado criônico, então é justo dizer que o sistema merece grandes elogios.

A maior preocupação era que, depois de mil anos, Furuhata não havia escutado ninguém batendo do lado de fora do seu caixão, apesar da urgência. De acordo com as especificações da câmara, para permanecer selado por um milênio, só poderia ser aberto pelo lado de fora. Essa era a única forma de garantir a integridade estrutural.

— O que poderia ter acontecido? Talvez, por eu ter acordado 169 dias atrasado, a pessoa designada para abrir a tampa fora viajar para algum lugar.

Para um indivíduo confinado, ser atormentado por esse tipo de incerteza era mais aterrorizante do que uma pena de morte.

“O dispositivo de sinalização pode não estar funcionando”, ele pensou, caminhou até o aparelho e realizou diversas inspeções. Contudo não encontrou problema algum. Se o dispositivo estava funcionando, seu despertar deveria ter sido comunicado por ondas de ar em três cidades: Tóquio, Nova Iorque e Khabarovsk.

— Por que ninguém veio?

Se ninguém viesse abrir a porta, o dr. Furuhata — finalmente desperto após todos esses anos — seria capaz de sobreviver por trinta dias; depois desse período não haveria muita esperança. Ele não lamentava a perda de sua vida, e sim o infortúnio de ser

trazido à vida, após mil anos, apenas para morrer sem nunca ter conseguido ver o mundo.

Professora nua

Foi então que aconteceu.

Briiing. Briiing. Briiiiiing.

O som do alarme ressoou no espaço fechado, energizando o ar interno.

— Alguém está aqui! Alguém está aqui! Eles vieram! Estão batendo na tampa do caixão!

O alarme foi criado para disparar quando alguém batesse na tampa do caixão. “Estou salvo!” No instante seguinte, um forte tremor balançou o espaço. O caixão estava finalmente se abrindo.

Uma vez que a empolgação do dr. Furuhata diminuiu, ela foi substituída por uma grande curiosidade a respeito de quem viera abrir seu caixão. Essa curiosidade aumentou conforme se aproximava o momento em que a porta desse ambiente enclausurado se abriria.

A porta se abriu e alguém entrou no caixão, vindo da escuridão externa.

O dr. Furuhata deixou escapar um grito escandaloso. Era um grito de pura surpresa: o primeiro visitante em que ele pôs seus olhos após reviver estava nu por completo, em qualquer sentido da palavra. Para piorar ainda mais, com um breve olhar ficou óbvio que o visitante era uma jovem mulher. O rosto de Furuhata corou de vergonha. A mulher, por outro lado, ao invés de corar, permaneceu indiferente, como se nada incomum houvesse

acontecido.

— Professor assistente Furuhata, eu imagino.

— Sim, sou Furuhata. Obrigado por abrir a porta.

— É um grande prazer descobrir alguém que viveu mil anos atrás. Quando eu estava destruindo a 199ª partição da segurança aérea, eu encontrei uma gravação descrevendo você, dentro de um longo cano de aço inoxidável.

— Entendo — o dr. Furuhata disse, lembrando que há tempos seus colegas haviam introduzido sua gravação em duzentos canos resistentes, postos em exibição em museus e enterrados em vários lugares ao redor do mundo.

— Então qual seria seu nome?

— Meu nome? Sou Chita, chefe de arqueologia na Universidade de Khabarovsk.

— Nossa, *você é a chefe de arqueologia!* — O dr. Furuhata não fez questão de esconder sua surpresa. — Com todo respeito, ser chefe de arqueologia deve ser um desafio para alguém tão jovem quanto você.

— Quem disse que sou jovem? Estou completando meu aniversário de 903 anos este ano! — Chita riu.

— Sério? Então você fará 903 anos?! Isso é incrível!

Com as pernas atléticas de 19 ou 20 anos de idade, era difícil acreditar que ela tinha mesmo 903 anos.

Era mesmo possível alguém viver por tanto tempo?

Ela riu novamente.

— Estou tão feliz de ouvi-lo dizer isso. Observando você parado aí, acho que agora tenho uma noção do nível intelectual da humanidade mil anos atrás. Tão esclarecedor! — ela disse,

divertindo-se. — Mas eu não deveria ser a única a me divertir. Deixe-me contar a você sobre o mundo agora, mil anos depois.

Alisando seu cabelo loiro, a professora Chita explicou como há 900 anos a humanidade havia superado a própria morte. Essencialmente, seres humanos não precisavam mais morrer. Que descoberta incrível!

Quando o dr. Furuhata questionou como isso foi possível, ela começou a descrever como as condições médicas agora eram diagnosticáveis através da ciência da eletricidade e curadas via eletroterapia, graças aos avanços no entendimento da psicologia humana. Pessoas com corações fracos agora poderiam facilmente substituí-los por artificiais. Aqueles com pressão alta poderiam substituir por completo suas veias sanguíneas em apenas metade de um dia. Como resultado, ninguém tinha de morrer se não quisesse.

Mesmo assim, no momento em que esses maravilhosos avanços médicos ocorreram, órgãos artificiais eram extremamente caros e — devido à sua composição de metal — muito pesados, deixando os pacientes incapazes de andar.

No início, substituir três órgãos — coração, pulmão e rim — triplicava o peso total da pessoa e a impossibilitava de andar sem assistência. Ao viajar ao redor da cidade, não havia escolha a não ser andar em um veículo o tempo inteiro.

Mas agora as coisas são diferentes. Pessoas com órgãos artificiais podem andar livremente. Os órgãos se tornaram leves através de uma combinação de tamanho pequeno e um tecido artificial resistente à pressão, ao invés de metal.

— Observe o resultado de tudo isso: *meu corpo* — a

professora Chita disse. — Não há nada de antinatural a respeito. E veja como eu consigo me mover com facilidade.

Diante do dr. Furuhata, ela exibia as pernas como uma garota de revista.

Frente a uma nova surpresa, Furuhata só conseguia encarar a mulher, de olhos arregalados.

— Então, quer dizer que uma mulher de 903 anos, como você, é capaz de viver tanto tempo por causa dos órgãos artificiais?

— Sim, é claro.

— Nossa, isso é muito surpreendente. Daqui, eu não posso dizer de maneira alguma onde estão seus órgãos artificiais. Imagino que isso é devido a eles terem se tornado tão pequenos e leves. Mas há uma coisa estranha. Professora Chita, tem certeza de que não está brincando comigo?

— Por que diz isso? Estou sendo completamente honesta.

— Mas não acha estranho? Se você instalasse órgãos artificiais no seu corpo, então deveria haver algumas cicatrizes da cirurgia em algum lugar, como no seu peito ou abdômen. No entanto, o corpo que vejo à minha frente é tão bonito quanto o de uma garota de 19 ou 20 anos de idade. Não existem nem mesmo pequenas cicatrizes ou pontos. Você não acha que isso é muito estranho?

Ouvindo isso, a professora Chita deu uma risadinha como se sentisse pena do cérebro antiquado do sr. Furuhata.

— Dr. Furuhata, 950 anos atrás, o campo da cirurgia foi aperfeiçoado, e cicatrizes não são mais necessárias. Entretanto, meu corpo não é livre de cicatrizes graças a essa tecnologia

ancestral — é livre de cicatrizes graças à pele artificial.

— O que é *pele artificial*?

— É uma substância similar ao tecido artificial. Sendo assim, posso arrancá-la a qualquer momento e colocar uma nova.

— Ah... entendo — o dr. Furuhata murmurou, embora estivesse impressionado. Ele esteve encarando, com o rosto corado, o corpo nu da professora Chita, mas se fosse pele artificial não havia nada para se envergonhar.

— Então isso significa — desculpe se eu estiver sendo grosseiro — que seu corpo atual é consideravelmente diferente do seu corpo real, que veio do útero da sua mãe.

— Bem, acho que isso é verdade.

— Quer dizer que o seu esqueleto e sua estrutura facial são as únicas coisas restantes do seu corpo original?

— Não, não exatamente.

— Então existe outra coisa que sobrou?

— Não, pelo contrário. Mesmo minha estrutura facial de que você fala é diferente. Para ser sincera, por natureza eu não era exatamente bonita, com uma testa protuberante, olhos fundos, boca larga e nariz curvado. Por isso, substituí por completo o meu rosto. Apenas olhei para os rostos do catálogo e pedi para fazerem parecido com o que eu mais gostei. Nada afetou mais a humanidade ancestral do que a aparência da face. Se for refletir sobre isso, os antigos humanos eram terrivelmente ignorantes. A beleza de um rosto é determinada pelo formato e organização dos sabidos elementos que o constituem: olhos, sobrancelhas, nariz, lábios e dentes. Se os olhos forem fundos, apenas implante um tecido ali. Esse tipo de cirurgia é trivial. Uma vez que

pele artificial e o tecido foram inventados, pessoas feias massivamente começaram a consertar seus rostos para se tornarem homens e mulheres atraentes. Vamos para a cidade agora. Estou certa de que você não irá encontrar uma única pessoa feia lá fora.

— Oh... — sem palavras, isso foi tudo o que Furuhata conseguiu dizer. Ele acreditava que a beleza influenciara a humanidade pelos últimos 30 mil anos, então, quando descobriu que os rostos agora poderiam ser trocados livremente, ele pôde apenas sorrir, maravilhado.

Guerra com Marte

Finalmente, chegou a hora do dr. Furuhata sair do seu caixão. Ele teve uma sensação estranha ao pensar que essa seria a sua primeira vez andando sobre a Terra, em mil anos.

Ao dar o primeiro passo, descobriu o que pareceu ser um túnel parcialmente cavado. No chão, próximo a ele, estava um objeto semelhante a uma arma d'água.

— O que é isso? — dr. Furuhata perguntou à Chita.

— Um dispositivo para cavar buracos. Com facilidade, pode fazer buracos na terra, concreto ou metal. Eu acabei de cavar essa caverna sozinha com isso em apenas 30 minutos.

A princípio, ele pensou que algo tão inacreditável não poderia ser verdade. No entanto, logo que a professora começou a explicar que o dispositivo usava uma forte descarga de energia atômica, fez mais sentido.

— Imagino que toda energia agora é gerada através de energia atômica.

A professora respondeu afirmativamente, e sua expressão apresentou irritação por ser questionada sobre algo tão antigo.

No momento em que eles pisaram fora da caverna, foram recebidos pela paisagem idêntica à uma imagem de cidade certa vez publicada em uma revista científica chamada *O mundo em dez milhões de anos*. Centenas de rodovias espalhadas percorriam todas as direções possíveis, foi uma visão impressionante. Diferente daquelas que o dr. Furuhata conhecia,

esse enxame de rodovias não se cruzava nunca. Elas foram escalonadas verticalmente, nada similar às intersecções tradicionais, então não era necessário parar por causa de semáforos, não importava aonde você fosse.

Ainda mais surpreendente era a falta de carros ou qualquer outro veículo nas rodovias. As pessoas acima delas se moviam velozes, como balas, deslocando-se à velocidades incríveis.

— Essas pessoas correm muito rápido.

Professora Chita riu do dr. Furuhata quando ele suspirou como um homem do interior.

— Não, dr. Furuhata. Essas pessoas não estão correndo, a própria rodovia está se movendo. Eu fiquei sabendo que as rodovias eram, muito tempo atrás, estáticas, e coisas como carros e trens se moviam acima delas. Todas as rodovias modernas se movem com rapidez. Se alguém pisar em uma, pode ser transportado para onde desejar.

— Uma rodovia móvel... que mecanismo magnífico! Os cálculos são imensos — apenas considerando a energia — e os recursos requeridos...

A professora Chita interrompeu o dr. Furuhata.

— Hoje em dia, energia é ilimitada. Quebrando a matéria, nós podemos extrair o quanto de energia quisermos — uma quantidade gigante de energia, incomparável com os tempos antigos. Não há nada com o que se preocupar.

Dr. Furuhata estava admirado; o mundo tinha se tornado um lugar onde energia não era mais uma preocupação. A humanidade havia entrado em uma era muito afortunada.

Naquele momento, Furuhata pensou em algo importante para

perguntar à professora Chita.

— Ei, professora Chita. Nos tempos atuais, nós ainda temos guerras?

— Guerras? Sim, é claro que temos guerras.

Uma voz surgiu abaixo deles, perto de algum lugar próximo, e ecoou pela cidade. Alguém estava balbuciando sobre algo. O rosto da professora Chita enrijeceu um pouco.

Quando o som desapareceu, Furuhata perguntou:

— O que foi isso? Acho que a voz veio de um alto-falante.

— Isso mesmo. Era um anúncio da Central de Comando de Imigração, pedindo para todas as pessoas até um certo número subirem à superfície e se reunirem próximas ao foguete de imigração.

— Então... esta não é a superfície?

— Não, claro que não. Estamos a 500 metros abaixo da superfície.

— Ah, então nós estamos em uma cidade subterrânea. Professora Chita, eu gostaria de ver a superfície. Estou muito curioso para descobrir o quanto mudou.

— De modo algum — a professora disse, rejeitando sumariamente o pedido do dr. Furuhata. — Aqueles que não foram instruídos não podem ir à superfície. Migração só é permitida através de uma ordem, é por isso que eles podem subir.

— Migração? Para onde eles estão migrando?

— Eles estão indo para Vênus. As pessoas estão sendo periodicamente enviadas para lá, em grandes números.

— Vênus... Você quer dizer *aquela* Vênus? — Furuhata

estava perplexo. — Finalmente chegou o dia em que viajamos para as estrelas...

— Se as coisas correrem bem, dentro de três meses todos os seres humanos da Terra serão transferidos para lá.

— Sério? Então a Terra ficará vazia? Por que estamos abandonando nosso precioso planeta?

— Nós descobrimos que em cerca de um ano, a Terra será esmagada por completo quando colidir com o cometa X.

— Entendo. Então a Terra colidirá com um cometa. — O dr. Furuhata balançou a cabeça, compreendendo. — É por isso que existe uma necessidade de migrar. Mas por que não vamos para Marte, que possui o clima mais próximo da Terra?

Professora Chita olhou para trás, para o dr. Furuhata, e seu rosto exibiu um risinho pouco característico dela.

— Sua falta de inteligência combina com a sua época. Hoje em dia, os humanos da Terra estão em guerra com as formas de vida marcianas. No instante em que nós decidimos migrar para Vênus, a interferência marciana começou. Até hoje, apenas sete por cento dos foguetes chegaram em segurança a Vênus, com os 93 por cento restantes sendo destruídos pelos marcianos, aqueles dentro deles sendo brutalmente assassinados. É apenas o esperado, afinal, os marcianos são muito mais desleais do que nós. Para ser sincera, acredito que a humanidade devia ter começado as preparações para a guerra espacial muito antes. Nossa presunção de que éramos a forma de vida mais inteligente nesse vasto universo foi a mais pura arrogância.

Após ouvir isso, o dr. Furuhata finalmente entendeu: essa guerra espacial era o que a professora Chita quisera dizer com “é

claro que temos guerras.”

A misteriosa fenda espacial

Sonhos estranhos

Meu amigo Hachiro Tomoeda é um sujeito peculiar. Compartilhar alguns dos sonhos que ele me contou é o jeito mais rápido de fazer você entender o quão peculiar ele é.

Hachiro ama falar dos seus sonhos. Eles tendem a ser muito esquisitos e surpreendentemente detalhados, mas, como alguém que raramente sonha, eu os acho intrigantes e às vezes até perturbadores.

— Nos meus sonhos, eu visito a mesma cidade, de novo e de novo — ele disse, com os olhos vazios me encarando.

—... Então eu tenho essa sensação de *já estive aqui antes*. Sem eu perceber, todas essas pessoas que encontrei em sonhos saem de uma porta de madeira: velhos, jovens, homens e mulheres, o que você imaginar. Eu falo com esse estranho grupo de pessoas a respeito do que aconteceu antes, esperando continuar a longa série de eventos dos sonhos anteriores. Mas frequentemente as mesmas coisas acontecem em todos os sonhos, e, sempre que tenho a sensação de que algo vai acontecer, em geral acontece mesmo. Parece loucura, mas meus instintos costumam estar certos. Entretanto, tem uma outra coisa estranha a respeito desses sonhos: meu rosto. Nesses sonhos eu sempre tenho o mesmo rosto, e é completamente diferente do que você vê agora. Ele não é pálido como esse, é de uma cor avermelhada como cobre. Até o formato é muito diferente; mais longo, com um nariz bem definido, boca mais larga e olhos que

brilham com uma paixão que você nunca acreditaria, sem mencionar um maravilhoso cabelo e uma barba majestosa. Esse homem imponente nos meus sonhos sou eu. O que você acha? Bem estranho, não é? É por isso que sempre tenho esses pensamentos esquisitos. “Poderia esta cidade e essas pessoas em meus sonhos existirem de verdade? Eu poderia possuir dois corpos com faces diferentes, dividindo uma única alma?” Coisas desse tipo. Ah, posso ver que está com dificuldade em acreditar em mim. Está escrito no seu rosto. Tudo bem, então vou lhe contar uma história ainda mais estranha e perturbadora — vai arrancar esse seu sorriso. É uma história verdadeira de algo que só aconteceu comigo.

Primeira ocorrência

Certo dia, tive esse sonho.

Eu estava andando por um longo corredor. Estranhamente, não havia uma única janela. Tudo era amarelo, paredes e teto, e, a intervalos regulares em ambos os lados do corredor muito longo, havia um par de portas idênticas. Parei, inexpressivo, exceto pelos meus olhos que inspecionavam cada uma das maçanetas, uma a uma. Elas compartilhavam uma cor bronze fosca, afora uma de ouro brilhante, na quinta ou sexta porta no lado esquerdo, se me lembro bem.

— Uma maçaneta de ouro!

Quando fui até a porta com a maçaneta brilhante, minha mão se estendeu espontaneamente. Segurando a maçaneta de ouro, eu a girei e empurrei a porta. Desnecessário dizer, ela se abriu com facilidade todas as vezes em que tive esse sonho. Entrei na sala como se fosse sugado por uma força invisível.

No interior havia uma sala de estar, de cerca de 30 metros quadrados. Um tapete vermelho brilhante dominava o centro, posicionado abaixo de uma mesa azul-clara e de algumas cadeiras. Sobre a mesa, um vaso de flor verde, no estilo espanhol; sempre continha um cravo rosa.

A sala possuía um design bem incomum. Eu gostei muito, em especial do grande espelho pendurado na parede mais ao fundo. Ele estendia-se do chão ao teto, mais largo do que os tipos que você encontra em barbearias. Tinha mais de 3 metros de largura,

emoldurado em ambos os lados por uma cortina estreita feita de um tecido ornamentado, de aparência pesada e pendurada em um varão no alto. Infelizmente, a iluminação fraca da sala escondia as cores da cortina, mas parecia ser de um tom índigo. O espelho fielmente refletia o conteúdo da sala, assim como você esperaria. Sempre que entrava nessa sala, eu ficava ansioso para andar direto para o espelho e ver o meu reflexo. Ele ficava no fundo da sala, disposto em um ângulo longe de mim, e eu precisava estar diretamente à sua frente para conseguir me ver. Eu tinha o hábito de encará-lo, fascinado com meu rosto imponente. Inflando meu peito, considerava-me parecido com Vítor Emanuel I. A imagem no espelho me acompanhava, o peito inflado triunfantemente.

Mas enquanto me divertia comigo mesmo, fazendo caretas e gestos bobos no espelho, de algum lugar atrás de mim, uma voz subitamente me chamou.

— Gostaria de algo para beber, senhor...?

Era a voz de um jovem rapaz.

Virei-me e avistei uma bandeja de prata sobre a mesa, com uma garrafa de licor e um copo em cima dela. Um bonito e atlético adolescente — que presumidamente acabara de falar — permaneceu de costas para a porta. Mas havia mais alguém: uma jovem mulher parada perigosamente perto dele. Como esses dois chegaram aqui tão rápido?

Os olhos da mulher pareciam abatidos a princípio, aos poucos ela levantou sua cabeça e me encarou.

“Mas o que...”

De repente, desviei meu olhar como se fosse atingido por uma

grande força — a mulher havia sido uma amante minha. Vê-la caminhar confortavelmente acompanhada por um jovem rapaz... Fiquei tudo, menos calmo.

No entanto, ficar histérico só me envergonharia. Mantendo a compostura, eu me aproximei da mesa e sentei-me, olhando para longe do casal. Enchi o copo com o álcool e em silêncio o levei aos meus lábios.

Atrás de mim, ouvi os cochichos agitados daqueles dois, que conversavam em particular. Suas vozes fracas, intensificadas por um amplificador, rimbombaram em meus ouvidos como uma bacia de metal batendo próxima à minha cabeça.

“Aqueles dois são bem mais que amigos. Tenho certeza de que já fizeram de tudo!”

Eu me esforcei para esconder minhas emoções, mas nada poderia impedir a raiva crescente. Fechei meus olhos, peguei a taça e engoli a coisa toda, e então a bati com força na mesa. Os cochichos cessaram de imediato.

Permaneci calmo e mantive minha compostura. Eles vieram aqui só para se mostrar? Realmente acharam que eu não perceberia? Se foi isso, por mim, tudo bem. Vou retornar o favor e fingir que eles não existem.

Com as pernas trêmulas, plantei meus pés firmes no chão e me levantei da cadeira. Andei com calma até o largo espelho no final da sala, cauteloso, para evitar olhar na direção deles.

Antes que eu percebesse, encontrei-me parado em frente ao espelho. Assisti ao reflexo do casal, seus corpos se entrelaçando, praticamente fazendo amor. A garota estava no comando, tentando seduzi-lo, mas eu detectei um sinal de

hesitação no rapaz. Sangue subiu das minhas pernas até minha cabeça.

Olhei para o meu rosto no espelho e descobri que minha expressão havia mudado por completo. Vi meus ombros tremendo sem controle algum. Alheios à minha observação através do espelho, o casal indecente estava quase cometendo um ato depravado. Pânico começou a se instaurar em mim. Tentei gritar, mas nada saía da minha garganta seca. Eu tinha que me acalmar...

Pensei em apelar para a ajuda do tabaco e puxei uma caixa de cigarros do meu bolso. Tentei gentilmente abrir a tampa, mantendo-a escondida nas sombras do meu corpo para evitar que fosse vista, mas, por alguma razão, a caixa não se abria. Percebendo que eu deveria ser cuidadoso com o que meu rosto revelava, movi meus olhos para visualizar o reflexo da minha mão no espelho. Então olhei para a caixa de cigarros.

“Ahn?”

Fiquei um pouco assustado; a coisa na minha mão não era uma caixa de cigarros, mas uma...

“... pistola!”

Minha mão surpreendentemente segurava uma pequena e quadrada pistola Browning. Uma onda de vertigem me dominou.

Foi então que aconteceu. O reflexo da minha mão, ainda segurando a pistola, subiu em silêncio até a altura do meu peito. Desafiando a lógica, a mão se levantou contra a minha vontade. Estranho também era ver minha mão refletida cerca de dois centímetros mais alta do que minha mão de verdade. Era incrivelmente perturbador — a mão no espelho estava, de

alguma maneira, movendo-se antes da minha própria mão. Eu não conseguia aguentar ficar parado sem fazer nada; se continuasse parado assim, em frente ao espelho, com certeza ficaria louco. Afinal, o movimento do meu reflexo — mesmo quando eu ficava parado em frente ao espelho — seria uma evidência factual de que eu não mais poderia ser considerado um ser vivente.

Um tremor dilacerou meu corpo, quase o rasgando no meio. Eu logo levantei o braço que segurava a pistola, perseguindo a imagem no reflexo, e ele logo se pareceu à imagem no espelho.

“Nossa, isso foi horrível!”

Meu corpo estava ensopado de suor por inteiro.

A pistola tinha subido um pouco acima do meu peito, a boca da arma pressionava firmemente meu ombro esquerdo. Torci meu ombro para trás, pouco a pouco. Semicerrei os olhos e mirei a arma. Assim que meu alvo foi fixado, continuei a girar meu corpo para trás, deliberadamente.

Minha tentativa de falar apenas resultou em um gaguejo patético. O casal continuou a flertar, alheio por completo ao que eu estava prestes a fazer.

— S-sua vadia!

Cadela detestável!

Dei uma olhada no espelho para ver alguns dentes expostos conforme eu mordia com força o meu lábio inferior. O tempo ficou mais devagar, parecia se arrastar, minha expressão atormentada me impeliu para a única conclusão natural: meus dois dedos retraíram o gatilho...

Bang.

Merda, eu fiz isso mesmo.

— Ugggghhhhh...

A garota se curvou para trás como se houvesse sido atingida por um raio. Uma de suas mãos agarrou seu peito, enquanto a outra se agitava sem controle no ar; um momento depois, ela desabou.

— Eu matei alguém. No fim, cometi um assassinato com minhas próprias mãos!

Aproximei-me da garota esparramada no chão, tão imóvel que eu poderia jurar que ela estava em um sono profundo. Suas roupas tinham um buraco vermelho perto do peito, onde sangue fresco transbordava, gotejando por cima dos seus seios parcialmente expostos e indo até o pescoço. Não avistei o rapaz em lugar algum; ele devia ter corrido para fora da sala sem que eu percebesse.

— Merda, eu acabei de matar uma pessoa... — murmurei.

Só então ouvi uma risada irônica, em uma voz muito familiar: a minha.

— Oh... entendi. Estou tendo um sonho em que assassino alguém... Mas, se eu não for cuidadoso, acordarei no meio da melhor parte. Minhas mãos deveriam estar tremendo mais, como se eu houvesse matado alguém de verdade. E eu deveria estar apavorado. *Muito* apavorado...

Infelizmente, algo aconteceu e eu perdi minha memória de tudo depois daquilo. Só me lembro até a parte em que atirei e matei a garota.

Segunda ocorrência

Devo ter feito você chorar de tédio com tantos detalhes, especialmente levando em conta que estava apenas falando de um sonho. Mas quero que você entenda o quanto meus sonhos são vívidos e estranhos.

Meu assunto sobre sonhos ainda não acabou. Agora, gostaria de lhe contar sobre um sonho ainda mais misterioso. Espero mesmo que você preste atenção.

Vejamos... Não me lembro quantos dias se passaram, mas eventualmente tive outro sonho.

No momento em que estava caminhando pelo longo corredor, percebi algo.

— Outro corredor comprido. As paredes e o teto são amarelos, e...

“Eu me lembro! Já estive neste corredor antes!”, pensei comigo mesmo. Mas isso logo levou a outra percepção menos satisfatória.

“Ah, estou sonhando agora. Eu realmente estou sonhando!”

Enquanto caminhava pelo corredor, tentei imitar minha maneira de andar do outro dia, porque senti que, caso contrário, eu poderia arruinar um sonho magnífico...

Assim como da última vez, olhei as portas uma por uma. Notei a maçaneta de ouro no lado esquerdo, após cinco portas.

— É essa — eu disse com um sorriso.

Girei a maçaneta de ouro e me esgueirei para dentro da sala.

Nem preciso dizer, tudo estava do mesmo modo como antes: um tapete vermelho no centro, acima dele uma mesa elegante e cadeiras azuis, e, na mesa, um vaso verde guardando um idêntico cravo rosa.

Soltei um riso abafado sob minha respiração, enquanto percorri o caminho até o centro da sala, tentando evitar cair na gargalhada. De lá, inspecionei o ponto distante da sala e encontrei um grande espelho. Foi um grande alívio revê-lo.

“Posso imaginar como em algumas ocupações como atuar, em que cada dia os mesmos movimentos são realizados com os mesmos figurinos, cenários e objetos, as performances tendem a ficar progressivamente mais fáceis após o primeiro dia — assim como estou experimentando agora.”

Pensamentos como esse surgiram em minha cabeça.

No instante seguinte, encontrei-me mais uma vez em frente ao grande espelho. A mesma aparência imponente estava refletida nele: um bigode ousado formado por fios bagunçados.

— Senhor, você gostaria de...

Olhei para trás a fim de ver quem havia falado e encontrei o mesmo jovem bonito parado ali. Ao lado dele estava a mesma jovem, olhos abatidos, outra personagem nessa performance que não havia mudado nada.

Obedecendo à ordem cronológica dos eventos, retornei à mesa. Abri a garrafa de licor e enchi o copo. E então, como uma deixa, ouvi os cochichos do casal atrás de mim.

Enfurecido, virei o copo inteiro de uma vez só. Bati o copo na mesa, levantei-me e caminhei em direção ao espelho...

Um sentimento desconfortável se apoderou de mim,

engatilhado pela vívida memória daquele terrível incidente no outro dia. A coisa que aconteceu a seguir foi muito aterrorizante. Não, eu não quero dizer a parte em que assassino alguém; estou me referindo a quando, perante ao largo espelho, meu reflexo se moveu antes de mim. Aquela visão sinistra, gravada profundamente em minha mente...

“/sso foi realmente horrível.”

Meu corpo tremia, descontrolado. Eu cuidadosamente assisti a cada movimento meu refletido no espelho, temendo o que poderia ver.

Retirei do meu bolso não um pacote de cigarros, mas uma pistola...

Sim, agora é a minha chance!

Levantei a pistola até meu peito, deliberadamente...

“Ora, ora... parece que meu reflexo está me seguindo corretamente hoje.”

Eu ri, aliviado ao não ver nenhum sinal da esperada anormalidade hoje. E mesmo assim nossos movimentos poderiam divergir a qualquer momento...

“Ufa, estou seguro...”

Eu estava tão feliz, tão aliviado, que quase gritei. Nada anormal tinha acontecido. Até tentei agitar meus braços pra cima e pra baixo, mas, como um filme com sincronização perfeita entre áudio e vídeo, meu reflexo me imitou; moveu-se da mesma maneira, ao mesmo tempo, sem qualquer atraso em seus movimentos.

“Talvez aquela terrível *separação* que presenciei outro dia fora simplesmente uma alucinação.”

Esse pensamento veio a mim, mas então percebi que não havia nenhum motivo para pensar tanto sobre isso. Afinal, era apenas um sonho; não havia nenhuma regra estabelecendo que tudo tinha de fazer sentido. Se, por exemplo, eu ficasse parado no meio de um campo e desejasse uma mesa, poderia fazer aparecer do nada, como mágica. Em sonhos, coisas assim são perfeitamente normais.

Segurei a arma firmemente em meu ombro esquerdo, mirei-a e lentamente girei meu ombro para trás. A garota e o rapaz cochichavam um com o outro, animados, ofegando como se estivessem sem fôlego. Eu ouvi o gemido sensual da jovem, você sabe, o tipo que pode deixá-lo louco.

— Tome isto, sua cretina!

Eu puxei o gatilho.

Bang.

O grito agudo da garota atravessou a sala.

Apertando seu ombro com uma mão, ela tombou em cima do tapete enquanto seu outro braço tremia, arranhando loucamente o vazio.

“Por que ela ainda está se movendo?”

Eu cuidadosamente me aproximei da garota que deveria estar morta pelo tiro da arma. Ela mal estava se aguentando. Mas, enquanto eu assistia sua vida desaparecer diante dos meus olhos, a mão ensanguentada que esteve agarrada ao seu ombro gradualmente desceu, revelando uma ferida que jorrava sangue fresco, como uma flor desabrochando. Seus braços e pernas tremeram mais algumas vezes antes de colapsarem no chão, e o corpo dela finalmente ficou imóvel.

— Você deu um show e tanto nesses momentos finais!

Zombeteiramente, aproximei-me do corpo dela e dei um chute. Ele não se moveu, como se ela estivesse em um sono profundo. Circulei ao redor da cabeça dela e olhei para o seu rosto de lado.

— Ahn?

Eu estava certo de que essa mulher era minha antiga namorada, mas fiquei chocado quando vi o rosto dela.

— Não... não é ela.

Essa percepção me atingiu como um soco. Eu cuidadosamente segurei seu corpo e virei seu rosto para mim.

— Oh, não, essa é...

Cometi um erro terrível. Eu tinha tanta certeza de que ela era minha antiga namorada, mas não poderia estar mais errado; o corpo da mulher à minha frente era inconfundivelmente a esposa de um amigo próximo, alguém que eu considerava meu irmão.

— P-Porra!

Meus dentes cerraram. Por que não percebi isso antes? É óbvio que assassinato é um crime horrível por si só, mas matar a esposa de um bom amigo... Como eu poderia me redimir com ele depois disso?

Ela tinha sido uma mulher realmente admirável. Seu marido era um grande amigo meu, até que surgiram rumores estranhos a respeito dele. Aparentemente, ele havia adquirido um lucro notável ao emprestar dinheiro, a uma taxa de juros exorbitante, porém quase nunca voltava à sua casa para ver sua esposa, que ficava sozinha à sua espera. Ela me visitava com frequência, morrendo de preocupação, prostrando-se e implorando, com os

olhos lacrimosos, para ajudá-la a consertar seu relacionamento com o marido, que aparentemente ficara azedo devido à sua insuficiência. Eu nunca tinha encontrado na minha vida uma mulher tão agradável e naturalmente boa quanto ela, e não consegui entender como qualquer homem poderia ignorá-la e negligenciar seus deveres como marido.

Com isso, comecei a me apiedar por essa mulher e a consolava sempre que a oportunidade aparecia. Após me visitar, ela sempre retornava à sua casa de bom humor. No entanto, parecia que ultimamente meu amigo começou a suspeitar de que algo acontecia entre mim e sua esposa. Ele estava preocupado conosco, sozinhos com frequência e no mesmo ambiente, uma preocupação que eu achava tola e irritante. Que infelicidade.

— E agora eu assassinei essa mulher com minhas próprias mãos. O que vou fazer?

Eu estava envergonhado demais para encarar meu amigo; mas estava sentindo ainda mais remorso por causa da esposa dele, a quem eu havia matado. Entretanto, ao mesmo tempo, não poderia mais provar minha inocência do suposto relacionamento entre nós. Deitei-me ao lado do corpo dela, atormentando por uma dor excruciante, como se meu intestino estivesse sendo partido ao meio...

— Como pude ser tão tolo? Estou chorando no meio de um sonho!

Repentinamente ouvi o som da minha própria voz. Oh, tudo é apenas um sonho.

A entrada se abriu com violência, e uma multidão enfurecida entrou na sala. À frente deles estava o jovem atraente que eu

havia visto com a esposa do meu amigo, mas, quando ele me viu, recuou e desapareceu na multidão.

— Você está preso!

Várias pessoas, usando uniformes policiais, apressaram-se até mim e restringiram meus braços. Assim que pensei que seria executado em breve, algemas se prenderam nos meus pulsos. Não tenho lembranças do que aconteceu depois disso.

O que você acha desses dois sonhos? Bem estranhos, hein? Eles não são quase *vívidos demais*?

O julgamento

Era uma silenciosa manhã de inverno.

Uma cerca alta obscurecia o sol, mas o céu estava limpo por quilômetros, o ar refrescante como citrus.

Cercado pelas paredes brancas da sala, meu amigo Hachiro Tomoeda me contava mais uma vez seus sonhos.

Às vezes minha mente fica confusa e me traz vários problemas. Eu sei que não é por causa da minha idade, mas minha vida frequentemente se torna uma bagunça por minha tendência a confundir as coisas.

Acho que estava lhe contando outro dia sobre dois sonhos similares, nos quais eu matava alguém, mas não me lembro o quanto contei. Provavelmente parei perto da parte em que fui jogado na cadeia, à espera de um julgamento. Sim, creio que foi isso mesmo.

Eu me lembro de falar sobre esses sonhos como se fossem reais, sem perceber meu equívoco absurdo, mas talvez as coisas não tenham acontecido assim. Para ser sincero, durante aquela conversa, eu estava convencido de que você não era uma pessoa de um sonho, e sim do mundo real. No entanto, após ser envolvido em um assassinato e então falar com você nesta cela, está claro que você também é do mundo dos sonhos. Por que levou tanto tempo para eu perceber isso?

Isso não é fácil para mim, desde que sou péssimo com explicações. Mas, se você não se importar, vou tentar mais uma

vez.

Contei a você sobre o incidente do assassinato; depois daquilo, fui encarcerado como suspeito. Às vezes você podia vir me visitar na cadeia — prova de que o mundo onde o assassinato ocorreu e o mundo em que você vive são o mesmo. Falei com você sobre o assassinato no meu sonho. Inclusive, se me perguntar, você é do mesmo mundo dos sonhos. Na minha visão, o assassinato aconteceu nos meus sonhos; para você, aconteceu no mundo em que vive. Mas, entenda, este é o mundo dos sonhos, aqui, onde estou falando... Quando um idiota como eu tenta pensar sobre essas coisas, sempre fica totalmente confuso. Talvez eu deva apenas deixar outra pessoa entender tudo. De qualquer maneira, contarei a você o que aconteceu a seguir.

Como eu disse, em algum momento me descobri encarcerado e esperando julgamento. Fiquei atônito ao descobrir que estava relacionado ao assassinato naquela sala com o espelho grande.

“Nossa, que sonho terrivelmente longo que estou tendo...”

Não descobri isso até mais tarde, mas naquela época, aparentemente, eu estava prestes a ser colocado em um manicômio. Portanto estou realmente satisfeito de ter entendido tudo quando entendi.

Depois disso, eles me investigaram profundamente, e um dos oficiais de justiça era um juiz de bom coração chamado Sugiura. Um dia, ele veio até mim e começou a contar uma história. Era um misterioso conto habilmente desenvolvido por um verdadeiro gênio criativo, cheio de eventos estranhos como costumeiramente são encontrados em histórias curtas. Mesmo

sendo claramente uma invenção, fiquei intrigado para descobrir como tudo se entrelaçava, então gostaria de contar-lhe a respeito.

— Você acha que esses dois sonhos eram realmente sonhos? Mesmo presumindo que sim, não percebe uma inconsistência entre eles? — o juiz de repente me perguntou, com seu tom frio.

Fiquei quieto; essas perguntas me irritavam. Ele continuava balbuciando, ainda mais seguro de si. Isto foi o que ele me disse:

— Você disse que matou uma antiga namorada no seu primeiro sonho, e a esposa de um amigo no segundo. Se, como você diz, estava vendo repetidamente os mesmos eventos nos sonhos, então não deveria a vítima ser a mesma em todos eles? Não acha estranho que as pessoas assassinadas sejam diferentes?

— Tudo é possível em sonhos — objetei. — Personagens podem ser trocados arbitrariamente.

As perguntas do homem continuaram.

— No seu primeiro sonho, quando você matou sua namorada, havia uma simplicidade, uma beleza surreal. Mas o seu segundo sonho — em que você matou a esposa do seu amigo — não foi pintado em cores que pareciam vívidas até *demais*? Você não detectou algo deliberado nessa disparidade? — ele disse, com uma expressão mortalmente séria em seu rosto.

No momento em que ouvi isso, pensei que ele realmente tinha um ponto. O assassinato no segundo sonho tinha, de fato, um senso de realismo muito mais profundo. Entretanto, assim que pensei um pouco mais a respeito, percebi que ele estava distorcendo gravemente detalhes menores, apenas para

sustentar seu argumento, e isso me enojou.

— Você está quieto, mas acho que entende o que estou dizendo, ao menos um pouco — o juiz Sugiura acrescentou, dando mais uma declaração tendenciosa. — Escute, contarei mais algumas discrepâncias. Primeiro, o que você acha da sala? Um lugar realmente incomum. Quando você entra nela, é recebido por um largo espelho cobrindo a parede, como em uma barbearia, e por um tapete vermelho estranhamente marcante. Até as cores da mesa e das cadeiras, a localização e a flor em exibição eram incomuns. Se alguém estivesse realmente morando ali, você esperaria diversos itens; mas estes não estavam em lugar algum, a simplicidade memorável do lugar torna difícil esquecê-lo uma vez que fosse visto. Como o trabalho manual de um mágico, tinha a aparência de uma sala, porém estava totalmente inapta para habitação humana. Nada além de um utensílio em um truque.

“Sonhos são feitos para serem memoráveis e simples”, eu quis dizer, mas fiquei quieto.

— Então o que você acha? Aposto que tudo isso está começando a fazer sentido para você — o juiz disse, com a confiança aumentando.

— Agora, há uma última grande contradição. Estou certo de que você se lembra da parte aterrorizante do seu primeiro sonho. É aí que a contradição está. Você pegou a pistola e a viu em seu reflexo no espelho. Estranhamente, você assistiu sua mão subir até acima do seu peito, parando perto do seu ombro esquerdo. No entanto, sua mão verdadeira pairava imóvel, segurando a pistola que você retirara do bolso. Resumindo, você percebeu um

intervalo entre os movimentos reais do seu corpo e seu reflexo no espelho, uma visão que o aterrorizou completamente. Por testemunhar uma misteriosa fenda entre a região espacial que envolvia seu corpo, presumivelmente possuindo uma única alma, e aquela do seu reflexo, você foi jogado em uma completa — e inútil — confusão. Se você fosse uma pessoa comum com a mente sã, certamente perceberia a verdade. Esse ponto é vital. O que uma pessoa comum pensaria? “Que estranho... Não estou em uma casa assombrada, mas o reflexo neste espelho à minha frente está se movendo separadamente do meu corpo. Isso não pode estar certo. A imagem no espelho não é o meu reflexo!” Apenas com isso, você já teria compreendido. Em outras palavras, o largo espelho à sua frente não era um espelho; atrás do painel de vidro estava uma pessoa disfarçada como você, tentando fazê-lo acreditar que ele era o seu reflexo. Você deveria ter entendido imediatamente — se fosse uma pessoa normal, é claro.

Isso foi um choque, até para alguém tão estúpido quanto eu, como se um martelo houvesse repentinamente acertado meu crânio. Mas o choque logo se transformou em raiva conforme comecei a questionar se tal absurdo era sequer possível.

— O quarto inteiro estava refletido no espelho: as cadeiras, a mesa e a garrafa de licor. Mas isso não é tudo. Até mesmo a garota e seu belo companheiro estavam refletidos no espelho. Algo tão absurdo é realmente possível? — eu objetei.

— É como venho lhe dizendo. O quarto foi especialmente preparado para o engano. O que você pensou ser o reflexo do espelho era, na verdade, uma sala separada, visível através de

um grande painel de vidro, feito para parecer idêntico ao quarto em que você se encontrava. Eles apenas precisaram colocar tudo no mesmo lugar, voltado para o painel de vidro. A mesma coisa com as pessoas. Havia dois casais diferentes, um em cada quarto, portanto cada pessoa parecia ter um reflexo. Na verdade, havia outro homem, na outra sala. Como eu disse, ele estava vestido como você. Em todo caso, não estando são, você confundiu os rostos dos dois casais, acreditando que eram idênticos. Após esse ponto, seria fácil enganar qualquer um, até mesmo uma pessoa normal. Bem, agora vamos pensar por qual motivo alguém criaria dois quartos e faria com que parecessem o mesmo lugar. Isso não poderia ser mais óbvio. O homem disfarçado como você sugeriu sua ação seguinte: mirar a pistola e atirar na garota. O som do tiro foi provavelmente um cartucho de festim, e, como planejado, ela colapsou na hora. Finalmente, de um jeito dramático, ela acionou a liberação de óxido de ferro vermelho em algo como uma casca de ovo, dando a impressão de que morreu baleada.

— Se isso é verdade, então por que ele me faria realizar tal ação? — insisti.

— Isso é óbvio. Eles planejaram levá-lo ao lugar do seu segundo sonho e fazê-lo realmente assassinar a esposa do seu amigo. Eles enganaram-no, um homem de mente fraca, fizeram-no acreditar que estava revivendo o mesmo sonho e disparar a arma novamente no segundo sonho, assim como no primeiro. Mas, na segunda vez, a pistola estava carregada com munição de verdade, e a segunda sala não foi usada. Escurecendo a sala, o painel de vidro funcionou como um espelho. É um truque

comumente empregado em atrações de circo; todo mundo sabe disso. De qualquer modo, você, sem intenção, assassinou uma mulher.

— Mas por que eu? — gritei para o juiz.

— Eu investiguei e descobri o motivo. Foi o marido da mulher que tramou para matá-la — em outras palavras, seu amigo foi quem orquestrou tudo.

— Não, meu amigo jamais faria algo tão horrível.

— Não há razão para defendê-lo. Nós já reunimos evidências suficientes. Seu amigo é um sujeito desprezível. Seus empreendimentos fracassados demandavam muito dinheiro, e existia uma apólice de seguro de vida enorme no nome da esposa. Ele não podia apenas matá-la com as próprias mãos, por isso fez com que você o fizesse. Aparentemente, ele até inventou uma desculpa para levá-la àquela sala. Lá dentro, ela viu que você realmente havia, de acordo com os rumores, ficado louco. E então você atirou e a matou. Em todo caso, estou contente que seu estado mental tenha se recuperado tão rápido desde que chegou aqui.

Enquanto eu escutava, quase fui enganado por sua história bem elaborada. Poderia o meu amigo realmente ter armado tal armadilha? Senti que havia algo de errado com a lógica do juiz.

— Mas, Excelência, algo não está certo. Como meu amigo conseguiu me manipular tão facilmente?

— Isso também não é óbvio? Você não possuía o hábito de explicar seus sonhos para ele em grandes detalhes? Ele usou isso para passar-lhe a perna.

Entende, meu amigo, o que lhe contei? Realmente tenho pena

do juiz por ter perdido tanto tempo se desgastando através desses detalhes minuciosos, para dizer que você me usou para matar a própria esposa a fim de evitar sujar suas próprias mãos. Não posso acreditar que ele tem a audácia de dizer essas coisas sobre você. Felizmente, tudo aconteceu em um sonho, então pouco importa. Se tivesse acontecido de verdade, nós estaríamos com um sério problema.

Mas, veja, o juiz não desistia. Que sujeito impicante.

— Está enganado sobre essas coisas acontecerem em sonhos. Se ainda acredita nisso, então apenas terei de provar o quão errado você está... — o juiz disse.

Quando perguntei ao juiz o que ele tinha em mente, ele me levou até um espelho.

— Então qual é? — ele perguntou. — O rosto que você vê refletido aqui é o dos seus sonhos ou o do mundo real?

Quando olhei para o espelho, um rosto de um tom pálido doentio e bem redondo me encarava de volta. Não era nada como o rosto imponente que eu havia visto em meus sonhos.

— É o meu rosto do mundo real — respondi honestamente.

Com isso, o juiz continuou, um não pronunciado *foi o que eu disse* em seus olhos.

— Não é esquisito? Você esteve dizendo que tudo isso é um sonho. Mas se o rosto que viu agora é o seu rosto real, isso é muito estranho. Estou errado? Agora escute. Você tem de pensar bem e lembrar-se de tudo. Esse mundo dos sonhos que você acredita existir, nunca existiu. Há apenas uma realidade. Você diz que há uma realidade alternativa em que você possui um rosto diferente, mas, no fim, seus dois rostos são um e o mesmo. Está

me acompanhando? Quando sua condição mental deteriora, você se torna uma pessoa completamente diferente. Para de pentear o cabelo, deixa sua barba crescer. Houve até momentos em que você correu por aí, seminu, eventualmente se escondendo em algum lugar nas montanhas. Queima-se com o sol lá, e sua aparência muda drasticamente. Vamos tentar mais uma coisa enquanto está aqui. Primeiro, bagunce o seu cabelo bem-penteado, e o arrepie. Em seguida, coloque esta barba falsa que tenho aqui. Então apliquemos pó facial marrom... Agora, olhe para o seu rosto no espelho. Lembra alguém? Aposto que é exatamente igual ao rosto que pensou que tinha na outra realidade — ele disse, com um riso abafado.

Eu estava extremamente surpreso. O juiz estava certo... Mas, espere um minuto, algo ainda parecia suspeito. A habilidade dele em resolver esse caso parecia impecável, no entanto, a verdade estava longe daquilo. Ele não entendia praticamente nada de matemática, e sua lógica estava completamente errada. Em outras palavras, ele havia secretamente retocado meu rosto no mundo dos sonhos com maquiagem para fazê-lo parecer idêntico ao meu rosto real. Então ele desfez o disfarce para retornar meu rosto dos sonhos ao seu estágio inicial. Isso de forma alguma provava a história tendenciosa do juiz. Eu sabia: estou definitivamente dormindo.

Essa realmente foi por pouco. É como estou dizendo, meu amigo: neste instante, nós dois estamos no meio de um sonho...

Nesse momento, a porta de metal se abriu com um crack. Como eu esperava, o chefe dos guardas da prisão silenciosamente entrou trazendo algemas, seguido pelo

administrador, magro como um pássaro, e o capelão da prisão, que lembrava uma grande batata enrolada em uma vestimenta brocada de ouro.

— Perdoe-me pela interrupção... — disse o guarda da prisão.
— A hora de executar a sentença do prisioneiro chegou, portanto, sr. Tomoeda, gostaria de pedir para você partir.

Meu amigo se levantou abruptamente. Ele me abraçou, olhando para os outros.

— Você não deve temer. O que quer que digam, isso é tudo parte de um sonho, até se estiver para ser enforcado. Não deve acreditar que realmente morrerá, porque, no fim, está apenas sonhando sobre ser executado. Não há absolutamente nada a temer... Assim que ficar desconfortável demais, apenas acorde deste sonho. Tenho certeza de que, logo depois, você se encontrará em uma cama quente, escutando seus filhos no quarto ao lado mudando a frequência do rádio para ouvir a calistenia matinal. Não fique lá ponderando sobre esse sonho terrível; rapidamente levante da cama para que não se atrase para o trabalho. Bem, se você me der licença... — Com isso, ele deixou minha cela.

Sim, sim! Eu sabia que era tudo um sonho! Forca... Traga-me a forca!

Copyright © 2020 by J. D. WISGO [Tradução do japonês para inglês]

Copyright © EDITORA ANDARILHO, 2020

Todos os direitos reservados.

A última transmissão

Todos os personagens e acontecimentos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma — meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação — sem a permissão expressa, por escrito, do editor.

O texto deste livro obedece às normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TRADUÇÃO DO JAPONÊS PARA INGLÊS

J. D. Wisgo

TRADUÇÃO DO INGLÊS PARA PORTUGUÊS

Gustavo Terranova

REVISÃO

Gustavo Terranova

Luana Baldivia Gomes

CAPA, ILUSTRAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Natália Mieko Okamoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Unno, Juza

A última transmissão [livro eletrônico] / Juza Unno; tradução J. D. Wisgo, Gustavo Terranova Aversa. -- 1. ed. -- São Paulo: Editora Andarilho, 2021.

Epub

Vários colaboradores.

Título original: Science: Hopes & Fears ISBN 978-65-992296-1-9

1. Ficção científica 2. Literatura japonesa 3. Literatura japonesa

(Português) I. Wisgo, J. D. II. Aversa, Gustavo Terranova. III. Título.

21-54322

CDD-895.635

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura japonesa 895.635

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Editora Andarilho

editoraandarilho.com

